



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

O ensino das artes visuais como ferramenta da pedagogia inaciana na formação integral do aluno

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Ensino de
Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e
no Ensino Secundário**

Carla Alexandra da Silva Monteiro

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

MARÇO 2018



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

O ensino das artes visuais como ferramenta da pedagogia inaciana na formação integral do aluno

Local de Estágio: Instituto Nun' Alvres

Relatório de estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Ensino de
Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e
no Ensino Secundário**

Carla Alexandra da Silva Monteiro

Sob a Orientação do Prof. Doutor **Carlos António
Saraiva Bizarro Moraes**

Para a minha Rafaela,

Tinhas apenas 5 anos quando abracei esta aventura. Para ti Rafa, que és uma filha incrível, sensível e meiga! Agradeço-te todo o apoio, a compreensão, mesmo nos momentos mais difíceis das nossas vidas. Agora estás bem e tudo terminou, terás certamente um futuro lindo!

Nunca me deixaste desistir e agora recordo um dos momentos mais engraçados quando estavas sempre a perguntar: “Oh mãe, já acabaste o teu livro?”

Agora que cresceste, percebeste que não era um livro, mas sim um relatório, e sim filha está pronto!

Obrigada por seres como és!

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, à minha filha Rafaela Silva, aos meus pais, aos meus sogros uma enorme gratidão, pela força e pela paciência, de me acompanhar neste difícil e longo caminho.

Aos meus colegas de curso e estágio, pela motivação e apoio em especial à Susana Leite por tudo o que vivemos e nos apoiamos.

Ao professor Miguel Sá Carneiro, meu Diretor Pedagógico e amigo, muito obrigada pela paciência, disponibilidade, principalmente quando estava mais em baixo, pela troca de ideias tão úteis para o meu crescimento enquanto pessoa e docente.

Ao meu Diretor Geral, padre José Lopes,sj e ao Doutor Francisco Cunha, pela oportunidade de fazer este mestrado, de acreditarem no meu trabalho e no meu valor enquanto educadora no Colégio das Caldinhas.

À professora orientadora cooperante, Arquiteta Francisca Dias, pela amizade e carinho com que nos recebeu e pelo entusiasmo com que acompanhou toda a prática pedagógica.

À professora supervisora, Arquiteta Sofia Thenaisie, pelo carinho e delicadeza a que nos habituou.

Ao professor Doutor Carlos Morais, pela sua orientação, cuidado e particularmente pelas palavras de incentivo neste percurso tão difícil.

Aos meus colegas e amigos, todos foram excecionais comigo, desde docentes a não docentes e alunos apoiaram-me sempre com palavras de incentivo e carinho.

Às minhas amigas Denise Lima e Gabriela Faria, ao Ricardo Barros e Rui Pereira, expresso a minha gratidão, sem o vosso apoio e palavras, nada disto seria possível, bem como ao Samuel Afonso,sj, pelo apoio espiritual e ânimo.

Aos meus alunos, porque sem eles nada disto faria sentido.

RESUMO

O presente relatório pretende demonstrar que as artes visuais e a pedagogia inaciana podem ser fortes aliadas na educação integral dos alunos. No estágio que fizemos no Instituto Nun'Alvres, detetámos fragilidades nas relações interpessoais dos alunos da turma que nos foi atribuída. Estas dificuldades contrastavam com os bons resultados académicos obtidos.

É nossa intenção mostrarmos, que as experiências de criação artística potenciam as relações interpessoais e criam condições de desenvolvimento integral dos alunos. Pretendemos, desse modo, guiar os alunos a uma melhor compreensão de si e dos outros, promovendo o conhecimento mútuo e capacitando-os com atitudes de respeito, de cooperação, de interajuda, e ainda de coesão do grupo-turma.

Em síntese a presente reflexão estruturada numa parte de investigação teórica e uma parte de aplicação pedagógico-didática, procura lançar um novo olhar para a relação entre o fazer artístico e a formação integral do aluno, revalorizando o estatuto das artes visuais no sistema de ensino, promovendo o encontro da arte com a pedagogia inaciana.

Palavras-chave: Artes visuais, pedagogia humanista, pedagogia inaciana, formação integral.

ABSTRACT

The main goal of this report is to demonstrate that visual arts and Ignatian pedagogy can be strong allies in the integral education of students. During our internship at Instituto Nun'Alvres, we came across fragilities in the interpersonal relationships among the students of the class that had been assigned to us. Such difficulties contrasted with the good academic results the aforementioned students had.

It is our intention to show that artistic creation experiments potentiate interpersonal relationships and create conditions for the students' integral development. Therefore, it is our premise to steer students towards a better understanding of themselves and others by promoting mutual knowledge and enabling them with attitudes of respect, cooperation, mutual aid and also group-class cohesion.

In summary, the present reflection structured not only on theoretical investigation but also in pedagogical-didactic application, aims to cast a new look into the relationship between artistic work and the learner's integral education, revaluing the status of visual arts in teaching, by promoting the encounter of art with the Ignatian pedagogy.

Keywords: visual arts, humanistic pedagogy, Ignatian pedagogy, integral education

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I PARTE ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
CAPÍTULO 1- FORMAÇÃO INTEGRAL	5
CAPÍTULO 2- PEDAGOGIA INACIANA	10
2.1. Estrutura do Paradigma Pedagógico Inaciano	13
a) <i>Contexto</i>	13
b) <i>Experiência</i>	14
c) <i>Reflexão</i>	15
d) <i>Ação</i>	16
e) <i>Avaliação</i>	17
CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO PELA ARTE	19
3.1. A arte ao serviço do humano	19
3.1.a) A arte e a expressão dos sentimentos	19
3.1.b) A arte como instrumento de cognição.....	20
3.1.c) A arte e a descoberta de “âmbitos”	21
3.1.d) A arte como promotora da criatividade.....	22
3.2. Inácio e a arte	24
3.2.a) A pedagogia mediada pela arte (teatro).....	24
3.2.b) Cuidar da corporeidade	25
3.2. c) Arte- experiência espiritual	26
3.2.d) A consolação que interceta o prazer estético e a totalidade da Arte	27
II PARTE PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	29
CAPÍTULO 4 - A ESCOLA	30
4.1. Projeto educativo	30
4.2. Sala de Educação Visual e equipamentos	32
4.3. Caraterização da turma	33
4.4. Identificação e caraterização do problema pedagógico existente na turma	34
4.5. Intervenção pedagógica	36
4.6. Estratégia de sensibilização	37
CAPÍTULO 5 - ATIVIDADES.....	40
5.1. Traços de Ti!, uma experiência da arte pela instalação artística.	40
a) <i>Explicação da atividade</i>	40
b) <i>Objetivos específicos</i>	40
c) <i>Descrição da implementação</i>	40
<i>Contexto</i>	40

<i>Experiência</i>	41
<i>Reflexão</i>	42
<i>Ação</i>	42
<i>Avaliação</i>	44
<i>d) Resultados atingidos nesta atividade</i>	45
5.2. Move_Te - Unidos pela arte!, uma experiência de expressão artística lúdica pela realização de um painel.....	46
<i>a)Explicação da atividade</i>	46
<i>b)Objetivos específicos</i>	47
<i>c)Descrição da implementação</i>	47
<i>Contexto</i>	47
<i>Experiência</i>	47
<i>Reflexão</i>	48
<i>Ação</i>	49
<i>Avaliação</i>	49
<i>d)Resultados atingidos nesta atividade</i>	49
5.3. Estendal poético!, uma experiência da arte pela instalação pública.	51
<i>a)Explicação da atividade</i>	51
<i>b)Objetivos específicos</i>	51
<i>c)Descrição da implementação</i>	51
<i>Contexto</i>	51
<i>Experiência</i>	52
<i>Reflexão</i>	53
<i>Ação</i>	53
<i>Avaliação</i>	53
<i>d)Resultados atingidos nesta atividade</i>	54
CAPÍTULO 6 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	56
CONCLUSÃO	72
BIBLIOGRAFIA.....	75
ANEXOS.....	77
ÍNDICE DE ANEXOS.....	78

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Pormenor do Instituto Nun'Alvres.	31
Figura 2 - Pormenor do Instituto Nun'Alvres.	31
Figura 4 - Vista Aérea do Instituto Nun'Alvres.	32
Figura 3 - Fachada do Instituto Nun'Alvres.	32
Figura 5 - Sala de Educação Visual.	32
Figura 6 - Sala de Educação Visual.	32
Figura 7 - Tema do ano, o terceiro tema numa série de seis.	38
Figura 8 – Ação de sensibilização.	39
Figura 9 – Identificação de aspetos positivos e menos positivos nos colegas.	41
Figura 10 - Fases do processo de modelação.	42
Figura 11 - Esboço da criação artística.	43
Figura 12 - Pormenores da instalação <i>Traços de Ti!</i>	44
Figura 13 - Plano geral da instalação <i>Traços de Ti!</i>	45
Figura 14 - Execução da atividade <i>Move_Te - Unidos pela arte!</i> – um pormenor.	48
Figura 15 - Pormenores da execução da atividade <i>Move_Te - Unidos pela arte!</i>	49
Figura 16 - <i>Move_Te - Unidos pela arte!</i> na fachada do Colégio.	50
Figura 17 - Pormenores da execução da atividade <i>Estendal poético!</i>	52
Figura 18 - Exposição pública do <i>Estendal poético!</i>	54

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado do <i>brainstorming</i>	43
---	----

INTRODUÇÃO

Este relatório resulta de um trabalho de investigação e de aplicação pedagógica desenvolvido em contexto de estágio no Instituto Nun'Alvres, em Santo Tirso, no ano letivo 2014/2015, realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Tanto nos seus aspetos teóricos como práticos, reflete muito do que fomos estudando, vivenciando e colhendo de várias fontes, em contexto de formação no dia-a-dia da prática docente, numa Escola da Companhia de Jesus. Razão pela qual muitas vezes sentimos que encarnamos já no nosso modo de proceder, o modo de proceder da pedagogia inaciana.

Pelas aulas assistidas, conversas com os alunos, conselho de turma e pela realização de um inquérito inicial, constatámos nos alunos pouca disponibilidade para ouvir os outros, eram pouco colaborativos e destacavam-se pelo trabalho individual. Este era o contexto com que nos deparámos ao chegar à escola.

Percebemos, muito cedo, que a nossa intervenção seria muito em questões da formação humana nos nossos alunos, usando para isso o recurso que nos é mais familiar e para o qual temos formação mais específica, a arte. Encontrada esta necessidade e compreendida como problema, pensámos ser essencial estimular o interesse e permitir conhecimentos aos alunos sobre este assunto, partindo das suas próprias experiências de vida. Socorrendo-nos da pedagogia inaciana e do seu paradigma pedagógico, que aposta na formação integral do aluno, colocámos a hipótese de o ensino das artes visuais poder transformar o modo como os alunos se viam e relacionavam entre si. Questionámos, desse modo, se as artes podem, efetivamente, transformar o ser humano.

Educar os alunos pela arte, convencidos de que através dela se poderão refazer muitos dos elementos fundamentais para uma pedagogia verdadeiramente humanista, foi um dos nossos principais objetivos. Mais concretamente, pretendemos apresentar uma proposta de formação integral através da educação pela arte. O objetivo primordial consiste em dotar o aluno de formação abrangente, sendo que aí deverá estar contemplada a experiência artística. Pensamos que o ensino não se deve limitar a estimular o lado cognitivo do aluno, mas também à sua dimensão pessoal, moral, afetiva e espiritual, fazendo com que este cresça enquanto ser humano à medida que aprende e a partir da sua própria vida.

Mostraremos ao longo deste relatório que a educação pela arte, as experiências estéticas, realizadas pelos alunos, e o seu contato com a arte contribuem para certo modo enriquecer e, de dar mais versatilidade ao modelo da pedagogia inaciana. Interessa-nos

averiguar em que sentido, as artes podem ser úteis a este modelo pedagógico, já que apontam num mesmo sentido.

Tendo como epicentro a arte, proporcionámos aos alunos a oportunidade de se conhecerem, fazerem uma introspeção e se darem a conhecer através das próprias experiências, escolhas pessoais, comentários, imagens, anseios, angústias e sonhos.

Para levarmos a bom porto este projeto nos seus aspetos teóricos e nas suas explicitações práticas, estruturámos o nosso trabalho em seis capítulos, divididos em duas partes que passamos a apresentar nas suas linhas fundamentais.

A primeira parte, dedicada ao enquadramento teórico, é composta por três capítulos. No primeiro, tecemos considerações sobre o conceito de educação e formação integral. Focamo-nos na educação da Companhia de Jesus e no ideal de aluno a formar. A formação integral tem uma base humanista que não queremos descurar no percurso que vamos agora iniciar.

Já no segundo capítulo, contextualizámos a pedagogia inaciana, procurando refletir como esta, há muito, constitui motivo de interesse e apontamos motivos para a relevância da sua integração. Procurámos, ainda, referir algumas estratégias importantes nessa implementação, designadamente os benefícios da utilização da educação do aluno em contexto de sala de aula. Ainda neste capítulo explicámos o modo de proceder - paradigma pedagógico inaciano - que obedece a um percurso: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Esta metodologia ajuda o educador a conhecer de uma forma muito pessoal o aluno, a chamada *cura personalis*.

Dada a natureza deste relatório, não nos propomos fazer uma reflexão muito alargada sobre a arte, mas procuraremos mostrar o seu papel na formação humana, sempre com base num horizonte humanista. É o que poderemos encontrar no terceiro capítulo. Ainda neste apartado, daremos algum espaço a mostrar como, desde cedo, a Companhia de Jesus se interessou pela arte e como a usou como ferramenta para a formação, inicialmente dos seus membros, e posteriormente dos alunos dos seus colégios.

A segunda parte do relatório, dedicada à prática pedagógica por nós desenvolvida no Instituto Nun'Alvres, também conterà três capítulos. No primeiro, apresentamos a instituição que nos acolheu, bem como a turma que nos foi atribuída. Exploraremos a nossa intervenção no estágio, analisando os motivos que levaram ao seu delineamento, os objetivos que pretendemos atingir, a metodologia definida, as atividades que foram pensadas para fazer face ao problema supra identificado, os resultados práticos obtidos por exercícios levados a cabo

nas aulas, onde se coordenou o confronto sistemático com o paradigma inaciano e a promoção de uma ação produtiva reflexiva.

No segundo capítulo, apresentamos as três atividades maiores desenvolvidas na tentativa de solucionar o problema identificado. Para cada atividade faremos uma breve explicação; apresentação de objetivos específicos; descreveremos o modo como foram implementadas, seguindo o paradigma pedagógico inaciano; e apresentaremos os resultados atingidos com cada atividade.

Por fim, no derradeiro capítulo, apresentaremos os resultados globais, confirmando a nossa hipótese de trabalho inicial.

I PARTE| ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1- FORMAÇÃO INTEGRAL

Na raiz etimológica da palavra “educação” encontram-se dois verbos: *educare*, que significa alimentar e *educere*, que significa conduzir para fora. Na realidade, ensino é diferente de educação e educação é diferente de aprendizagem. O primeiro verbo baseia-se numa ação de transmissão de saberes, em que a pessoa é percecionada como um recetor de informação. Neste caso, a educação tende a ser dogmática, controlada pelo educador e o educando tende a ser passivo. Por outro lado, *educere* remete para a atitude da pessoa que se deixa conduzir, torna-se no principal agente no processo de educação, pautando-se pela autonomia e pela liberdade, ou seja, a capacidade de escolher e tomar decisões, depende da educação, do saber fazer.

Hoje, é muito importante, esta passagem de *educare* a *educere*, pois a educação não deve só transmitir saberes, mas sim transformar os saberes em conhecimento prático. Deste modo, o aluno deve implicar-se e ser construtor do seu processo de formação como pessoa. Apesar de uma clara distinção entre o saber teórico e o fazer prático, os dois devem estar relacionados, na medida em que o saber e o saber fazer, possibilitam que a teoria passe à prática desse conhecimento.

Kant acreditava que a educação se tornaria sempre melhor e cada geração subsequente daria um passo em direção ao aperfeiçoamento da humanidade, afirmando que «por detrás da educação, aloja-se o grande segredo da perfeição da natureza humana» (Kant, 2003:13).

A educação é um tema abrangente que abarca em si muitas discussões, contudo há um aspeto que José Manuel Martins Lopes,sj, no seu artigo *Um possível Sentido para a vida- Uma proposta Educativa* esclarece: «[a] educação não busca a glorificação do educador, mas a glória do educando, protagonista da sua própria educação» (2013:154). Assim, o educando precisa de participar ativamente no processo educativo, aprender a ser construtor de si, como um ser autónomo, livre e maturo. Quando um educador consegue motivar, no educando, o desejo de perfeição pessoal a todos os níveis do seu ser, aceitando-se como é, e responsabilizando-o pelo que é e o que virá a ser, desta forma, o educador cumpriu com sucesso a sua missão de educar. Para que tal seja possível, o professor tem de fazer um esforço para passar de docente a educador, sem excluir nenhum dos papéis.

O educador acompanha, relaciona-se, ama e sofre *com*, é uma pessoa que se preocupa, que se interessa e que se responsabiliza por alguém. O educador forma o educando não só para o currículo, mas também, para a formação ética, social, humana e espiritual.

José Lopes afirma que uma pessoa educada sabe «(...) que as grandes revoluções começam por si própria, isto é, as grandes revoluções começam de dentro para fora, e não ao

contrário» (*Idem*:155-156). Uma pessoa educada é aquela que promove o encontro e a colaboração e se abre aos outros no respeito das suas formas de pensar e viver. Por isso, o educador é mais que uma pessoa que transmite conhecimentos, acima de tudo, transmite pela coerência e exemplo de vida, abrindo o caminho ao outro para o saber ser.

A obra de Quintana Cabanas, *Teoria da Educação* (2002), explica que o significado do termo educação é polissémico:

«(...) O termo educação é como um poliedro de muitas faces. Chamamos educação, de facto, a coisas tão variadas como: a actuação do educador relativamente ao seu educando, a qualidade de uma pessoa que foi educada, o sistema escolar de um país, o comportamento segundo as normas de urbanidade (...) Assim, podemos dizer que a educação tem uma dimensão pessoal, uma dimensão social, uma dimensão relacional, uma dimensão cultural, uma dimensão política, uma dimensão artística (ou poética), uma dimensão existencial (...) A educação é tudo isso e muito mais. O que é ela, então, em definitivo?» (Cabanas, 2002:52)

O termo educação não é unívoco, mas também não é equívoco, uma vez que todos os seus diferentes sentidos têm algo em comum, isto é, há um comum significado que os une e justifica que, em relação a todos eles, se empregue uma única palavra.

No *Relatório Educação - Um Tesouro a Descobrir*, é referido que:

«(...) um dos principais papéis reservados à educação consiste antes de mais, em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de facto, fazer com que cada um tome o seu destino nas mãos e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades» (Delors, 1996:73).

A educação tem como principal objetivo promover a compreensão entre pessoas e, também, educar os homens para que possam orientar as suas vidas através de valores. O homem possui um conjunto de especificidades comportamentais que cabe à educação corrigir e aperfeiçoar. Se «[a] tarefa fundamental da formação humana consiste em suscitar o entusiasmo para os valores» (Quintás, 1999:450), então, devemos orientar o seu crescimento para os valores, onde se desenvolvem atingindo várias áreas do conhecimento, ou seja, intrapessoais e interpessoais.

Laeng define educação como sendo uma «actividade orientada intencionalmente para a promoção do desenvolvimento da pessoa humana e a sua integração na sociedade» (1978:141). A educação possibilita não só o conhecimento ao homem, como também o ajuda a compreender o mundo e o outro, e que cada um se possa compreender melhor a si mesmo. Segundo o filósofo Savater,

«(...) o primeiro objectivo da educação consiste em tornar-nos conscientes da realidade dos nossos semelhantes. Quer dizer: temos de aprender a ler as suas mentes, o que não equivale apenas à aptidão estratégica de prevenirmos as suas reacções e de as anteciparmos para as condicionarmos em nosso benefício, mas implica acima de tudo que lhes imputemos estados mentais como os nossos e dos quais depende a própria qualidade dos nossos. Para tanto, é necessário que os consideremos sujeitos e não meros objectos; protagonistas da sua vida e não meros comparsas vazios da nossa.» (2006:45)

A educação escolar ocupa um papel fundamental na formação humana e para tal, devemos estimular o processo de desenvolvimento humano e da personalidade humana. Alfonso Lopes Quintás considera que o que distingue o ser humano do animal é a racionalidade. É esta característica que permite ao ser humano não reagir de forma agressiva, ou animalesca aos estímulos.

«O homem desenvolve a sua personalidade abrindo-se responsavelmente aos campos de possibilidades oferecidas pelos seres que o rodeia. Por ser inteligente, o homem sente-se “chamado” a dar “respostas” criadoras de possibilidades “lúdicas” que se lhe oferecem. A vocação e missão do homem na sua vida é fazer “jogo” nos mais diversos aspetos.» (Quintás, 1991: 12)

Assim, a racionalidade dá ao homem a capacidade de pensar, refletir antes de reagir a estímulos exteriores e, é essa capacidade que lhe permite construir o seu próprio mundo interior, abrir-se aos outros e formar a sua personalidade. Desta forma, o homem tem possibilidades de crescer com outras realidades. A formação humana começa a desenvolver-se no momento em que se constrói a própria realidade, num processo lento de crescimento e de desenvolvimento até atingir o seu ideal:

«[o] ser humano orienta-se para a maturidade pessoal quando encaminha a sua vida para o ideal que responde às exigências mais profundas da sua própria realidade. Daí que a tarefa crucial da atividade formativa consista em averiguar qual é o ideal próprio de um ser pessoal e conferir a vontade de decisão necessária para o assumir na sua própria existência e realizá-lo.» (Quintás, 1995: 204)

A educação é, portanto, uma ação reguladora e estimuladora do processo de desenvolvimento e da personalidade humanos, assumindo um papel crucial na procura da evolução da formação integral do ser humano, no âmbito das realidades que o rodeiam, ou seja, na relação do sujeito com os outros.

«Uma formação integral supõe no homem a abertura a todas realidades que apresentam um valor. Para entusiasmar-se com o valioso – normas morais, valores éticos e religiosos, ideais de toda a ordem, - requerer entrar em relação de encontro – portanto, de presença - com o real. O modo mais pleno de encontro com a realidade realiza-se através da participação criadora com as realidades circundantes.» (Quintás, 2010: 49)

Quintás esclarece que a formação integral acontece quando capacitamos os alunos a uma atitude de abertura de “encontro” com as realidades valiosas. Mas o que são realidades valiosas? São as circunstâncias onde o ser humano participa, cria e se desenvolve, tendo em conta as normas morais e as éticas, em todo o seu sentido para que esta realidade lhe pertença. Neste sentido, é pertinente refletirmos e questionarmo-nos sobre que tipo de homem queremos formar.

O padre Pedro Arrupe, sj (superior geral dos jesuítas entre 1965 e 1983), na sua alocução, *Os Nossos Colégios: Hoje e Amanhã*, faz referência a quatro características de formação humana que as instituições jesuítas oferecerem na educação integral. Formar homens de serviço segundo o Evangelho, promover a justiça, a partir da caridade evangélica. Formar homens novos, como lema de vida coerente com os valores e que se destaquem no serviço aos outros. Formar homens abertos ao crescimento pessoal, ao mundo mutável atual,

«[a]prender é importante, porém muito mais importante é aprender a aprender e desejar prosseguir na aprendizagem.

Trata-se precisamente de que a nossa educação, no plano psicológico, tenha em conta este futuro. Que seja uma educação em função do ulterior crescimento pessoal, uma educação aberta, de iniciação a de vectores que continuem a ser operativos no resto da sua vida, numa formação contínua.» (Arrupe, 1981: 200)

E, por último, formar homens equilibrados, que conciliem os valores académicos e evangélicos. Este equilíbrio é muito importante para formar alunos serenos e constantes, com abertura a tudo que é humano. Também afirma a importância da ligação das famílias ao colégio:

«[o] Colégio pode e deve fazer também de catalisador para unir pais e filhos. Um dos males do nosso tempo é precisamente a dissolução da família, não somente do matrimónio, mas também dos filhos em relação aos pais. O Colégio é um magnífico lugar de encontro e de convergência de interesses no próprio filho. É importante que as famílias tenham contato com o Colégio e participem na sua vida e colaborem nas suas atividades culturais, sociais, para-escolares, etc.» (Arrupe, 1981:207)

Klein afirma que com a publicação do documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*, em 1986, se chega «(...) a uma noção mais ampla e contemporânea de Educação Integral. O documento expõe dois fundamentos para ela: a consideração positiva do mundo e o estatuto constitutivo da pessoa» (2017:6).

A estrutura antropológica da pessoa é outra componente fundamental para a educação integral. Devemos focar-nos no estudo do significado da vida humana para a promover em todas as suas dimensões, para ajudar a um desenvolvimento mais completo possível de todos

os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana. As dimensões apontam para o desenvolvimento intelectual, afetivo, imaginativo, criativo, moral, espiritual e físico de cada aluno. Devemos ter em consideração as disciplinas humanas, físicas e sociais; tecnologia, literatura, estética, música, belas artes; educação física; educação religiosa e espiritual. (Cf. *Idem*:8)

Antonio Pérez Esclarín, propõe um conceito bastante amplo de educação integral. Afirmar que não basta proporcionar educação a todas as pessoas, temos de educar todas as dimensões da pessoa. «Isto é o que significa integral. Educar razão e coração, inteligência e sentimentos, memória e imaginação, vontade e liberdade. Educar os sentidos, pés e mãos, estômago e sexualidade. Educar cada pessoa como cidadão do mundo, mas também filho de sua aldeia, de sua região, do seu país.» (2011:21)

A propósito de educar o corpo, Esclarín sugere uma cuidadosa atenção aos sentidos. Educar os olhos para aprender a desenvolver um olhar contemplativo, fraterno, inclusivo e compassivo. Educar a língua para abençoar e falar palavras verdadeiras. Educar os ouvidos para aprender a escutar e se escutar. Educar o nariz para aprender a cheirar e aspirar. Educar as mãos para acariciar e ajudar. Educar os pés para ir ao encontro do outro.

Uma educação integral de qualidade deve assumir cada aluno como se fosse família, aprender a não agredir nem física, nem verbal, nem psicologicamente. «A agressão é uma debilidade moral e intelectual» (Esclarín, 2011:94). Temos de aprender a resolver conflitos pela mediação de diálogo e negociação, para que todos saiam beneficiados. Afirmar também que devemos converter a agressividade numa energia positiva, uma energia criadora e de cooperação. A qualidade de uma instituição não se avalia pelo facto de ter ou não conflitos, mas sim pela forma como os resolve. Desta forma, o autor afirma que devemos aprender a comunicar, escutar, dialogar, aprender a conversar, a ouvir compreendendo o que o outro diz, aprender a relacionarmo-nos com os outros valorizando e aceitando as diferenças, aprender a ser tolerantes, aprender a tratar os outros com cortesia, ou seja, com colaboração, interajuda, sem culpar os outros e sem ofensas. Isto implica empatia. (Cf. *Idem*: 97)

A educação integral promove uma perspectiva humanista, ao contrário de uma visão parcial, instrumental ou utilitarista. (Cf. Klein, 2017:15) Para responder a uma formação integral de cariz humanista, encontramos na pedagogia inaciona e nos autores já referenciados um meio para fazer face às múltiplas exigências do aluno em todas as suas dimensões.

CAPÍTULO 2- PEDAGOGIA INACIANA

Quando falamos de pedagogia inaciana, falamos de um património que vem sendo construído desde o século XVI, e que nasce da experiência de Inácio de Loiola, que veio a fundar a Companhia de Jesus, de ora avante designada por Companhia. O seu método de se examinar e encontrar a vontade de Deus, os *Exercícios Espirituais* (Loiola, 2016), estão na base de toda a pedagogia que hoje chamamos inaciana. Também na parte IV das Constituições: *Como instruir nas letras e em outros meios de ajudar o próximo os que permanecem na Companhia*, encontramos bases para o modo de proceder nos colégios da Companhia. Há dois documentos incontornáveis quando nos propomos fazer uma imersão na pedagogia inaciana, a saber, o *modus parisiensis*, e a *ratio studiorum* com as suas várias versões.

O *modus parisiensis* tinha como características a ordem e sequência dos estudos, a partir dos mais simples; o respeito pela capacidade de cada aluno; o empenho na assistência às lições; e a abundância de exercícios e repetições. Estas características vieram a estar na base da *ratio studiorum*. (Cf. Klein, 2014)

Outros passos importantes nesta esteira são: a alocução P. Arrupe *Os Nossos Colégios: Hoje e Amanhã* (Arrupe, 1981); a publicação em 1986 das *Características da Educação da Companhia de Jesus* (GRACOS, 1987), de ora avante designadas por *Características*; e em 1993 da *Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática* (GRACOS, 1994) pelo P. Kolvenbach.

Assistimos nos dias de hoje a um autêntico frenesim de pedagogias e de modos de inovar em pedagogia. A pedagogia inaciana propõe um ensino/aprendizagem consciente e comprometido com mundo, e por isso, nunca fora de moda, pois encerra em si uma capacidade de se adaptar sem abalar os seus alicerces. Estamos perante uma pedagogia que aprofunda uma experiência de crescimento pessoal, espiritual e de serviço aos outros, vivida por Santo Inácio de Loiola (1491-1556) e aplicada nos dias de hoje em colégios, escolas e universidades em todo o mundo.

Constatando que a formação humana ultrapassa os limites da escola e se estende para além dos anos de estudo, esta pedagogia promove o desenvolvimento integral e duradouro dos seus alunos e professores, nas suas componentes intelectuais, emocionais, artísticas, espirituais, religiosa e relacionais, constituindo, assim, um modelo de ensino e de aprendizagem verdadeiramente humanista.

Segundo José Manuel Martins Lopes «[n]a pedagogia inaciana, mestre e discípulo interagem, em busca da vontade de Deus. O centro é o aluno, pessoa em crescimento para Deus.» (2003b:353), este modelo procura formar a pessoa mais justa para e com a sociedade,

responsável, comprometida e solidária com todos. A pessoa cresce a partir de si mesmo, esta pedagogia aposta numa «(...) auto-educação e no autodomínio. O aluno tem de aprender a conhecer-se e a saber educar os seus instintos, o seu temperamento, os hábitos maus adquiridos, inconscientes (...)».(2003b:355) Rejeita qualquer forma de desumanização, valorizando a justiça, a paz, a liberdade e a solidariedade. No seu ideário, o serviço da fé e a promoção da justiça são metas a atingir para a realização pessoal e a formação integral; procura que cada um seja capaz de suscitar nos outros uma esperança criadora.

Esta pedagogia procura o máximo desenvolvimento da personalidade através do ser solidário e cooperante e opõe-se ao egocentrismo e à competição, a competição tem sempre subjacente que alguém ganha e outro perde. Este não é, de todo, um valor para a pedagogia inaciana, onde todos temos a ganhar uns com os outros. Destaca-se pela abertura e disponibilidade para o serviço, descobrindo assim a verdadeira transformação interior. A pedagogia inaciana caminha para a relação ensino-aprendizagem, foca-se na aprendizagem ativa do aluno, logo o aluno é a nossa preocupação central, é o centro da questão. O aluno aprende sendo parte ativa no processo, opondo-se à tradicional conceção do aluno como recetor passivo, um depositário de informação que memoriza silenciosamente os conhecimentos debitados pelo professor, tal como se pode ler nas *Características* «a tarefa do professor consiste em ajudar cada aluno a aprender por si mesmo, a assumir a responsabilidade da sua própria educação». (GRACOS, 1987: n.º45)

O aluno estuda pelo gosto de aprender e de crescer, “saboreando internamente” (atitude muito querida a Santo Inácio) as diferentes matérias na procura de novos conhecimentos que o irão ajudar a compreender melhor a realidade.

Segundo Lopes (2003b), a pedagogia inaciana é uma «pedagogia da vida e para a vida», «[à] maneira de Inácio, a pedagogia inaciana não pretende abstrair da vida, mas antes preparar homens para a acção – não para uma acção qualquer, mas para uma acção que é fruto da reflexão, do discernimento e da avaliação» (*idem*:356), é pela reflexão, discernimento e pela avaliação que se leva o aluno à acção. Sempre com o objetivo de formar pessoas competentes, conscientes e comprometidas com os outros e para os outros. E procurando

«(...) educar para uma acção transformadora, uma acção capaz de criar as condições para que o mundo humano seja sempre mais divino. Assim, pode-se dizer, que a pedagogia inaciana é fortemente doutrinal, mas pouco especulativa. O pensamento interessa sobretudo em função da sua aplicabilidade real, não pela sua verdade intrínseca em si mesma. Interessa o pensamento doutrinal pela sua ligação com a verdade revelada (...)» (*idem*:356)

e defende a educação de todos os sentidos na aprendizagem: «A pedagogia inaciana pretendia que o aluno colocasse na aprendizagem todo o seu ser, todos os seus sentidos, todas as estratégias possíveis» (*idem*:259).

Esta pedagogia assume um compromisso com o aprimoramento pessoal e profissional de todos os intervenientes na ação educativa: pais, professores/educadores, alunos/educandos, jesuítas e pessoal auxiliar de ação educativa/educadores. Todos são convidados a ter um papel ativo, inspirado e inspirador neste serviço que é das mais nobres missões: educar.

O modelo pedagógico inaciano aponta, desde logo, para uma formação assente nos pressupostos: *virtus et litterae*, ou seja, «[p]reocupa-se com a formação integral do aluno. *Virtus et litterae* significa isso mesmo, que todas as dimensões do ser humano sejam educadas: alma, espírito e corpo» (Lopes,2003a:234). Portanto, assente na formação integral do aluno em todas as suas dimensões. A *virtus* orientada para a formação religiosa, numa conduta moral e de formação de carácter e a *litterae* orientada para a dimensão da formação cultural e intelectual.

Um outro conceito a ter em conta na pedagogia inaciana é a *cura personalis*, que é entendida como a atenção única e individual a cada aluno, respeitando o seu ritmo e as suas capacidades centradas na pessoa. José Manuel Martins Lopes, S.J., explica que a *cura personalis* é «...o cuidado pessoal, o interesse por cada aluno, o percurso de acompanhamento que o educador faz com o aluno no seu processo de crescimento pessoal.» (Lopes,2005a:53).

«O cuidado pessoal e interesse por cada indivíduo, requer que o professor se torne tão conhecedor quanto possível da experiência de vida do aluno. Dado que a experiência humana, sempre ponto de partida para a pedagogia inaciana, nunca acontece no vazio, devemos conhecer o mais que pudermos acerca do contexto no qual o ensino e a aprendizagem têm lugar.» (GRACOS, 1994: n.º35)

José Lopes defende que cada pessoa é única e que «[o] educador deve conhecer o melhor possível o seu aluno, a fim de o ensinar a rentabilizar ao máximo os dons naturais que Deus deu a cada um» (Lopes,2005b:164). Então, a pedagogia inaciana aposta numa formação em que a dimensão pessoal e a dimensão escolar se complementam de forma harmoniosa.

A pedagogia inaciana enquadra o pressuposto de que devem ser os alunos a chegar à resolução dos problemas, o professor deve criar as condições para que sejam os alunos os sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem. O princípio é o incentivo do aluno para o que a pedagogia inaciana classifica de *magis* académico. O *magis*, “mais inaciano”, traduz-se pelo:

«desenvolvimento mais completo possível das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa da sua vida, unida à prontidão para continuar esse desenvolvimento, ao longo da vida, e a motivação para empregar no serviço dos outros as qualidades desenvolvidas» (GRACOS, 1986: n.º107).

Se por um lado, as questões da justiça, da equidade, do bem são o mote ético da formação inaciana, por outro, a dimensão académica, científica e técnica fecham o ciclo da pedagogia inaciana.

2.1. Estrutura do Paradigma Pedagógico Inaciano

A pedagogia inaciana estrutura-se num modelo que designamos por Paradigma Pedagógico Inaciano, de ora avante designado por PPI. O PPI incorpora os ideais inacianos numa pedagogia prática, que promove a relação entre educadores e educandos, no sentido de promover o processo de desenvolvimento global e integrado da pessoa humana, através de cinco etapas dinâmicas - **contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação**. «O PPI sublinha que toda a aprendizagem tem lugar num contexto, o qual não pode ser ignorado», onde se aplicam conteúdos que «(...) devem ser sempre adaptados às necessidades da pessoa que os faz para melhor tirar proveito para a sua vida», já a experiência «(...) refere-se não só à matéria estudada pelo aluno, mas também a maneira como o aluno reage e entra em interacção com os diferentes assuntos, com os diferentes conteúdos.» (Freitas, 2005:485).

Para melhor entendermos este caminho expomos agora as cinco etapas:

a) *Contexto*

Lopes relembra-nos que toda a educação defendida pela Companhia de Jesus tem a sua fonte nos *Exercícios Espirituais*. Neste método, Santo Inácio de Loiola atendia ao contexto de cada exercitante, decidindo assim se lhes daria os *Exercícios* na totalidade das quatro semanas que os compõem, ou se, pelo contrário, apenas se ficava pelos abreviados. (Cf. 2012:262-263)

Cada aluno traz consigo um “mundo”, “o seu mundo”. Neste sentido o contexto socioeconómico, político, cultural e os ideais anteriormente adquiridos afetam a sua aprendizagem e têm que ser considerados pelo professor-educador, acompanhando-o e orientando-o no seu processo de crescimento afetivo e intelectual. Desta forma, é fundamental o respeito, a confiança e interesse mútuos, o que exige um ambiente de autenticidade e verdade na relação entre professor-educador e aluno-educando. O educador auxilia o aluno a tomar consciência, a compreender que o ato de aprendizagem faz-se para além da

racionalização, a aprendizagem também inclui a imaginação, os sentimentos, o entendimento, a afetividade.

A *cura personalis*, já o vimos, é uma permanente preocupação da educação na Companhia, daí a pertinência de começar este percurso pelo contexto, não ferindo, claro está, a privacidade do aluno.

Nesta etapa do PPI os professores, e todos os outros membros da comunidade devem ter em conta o contexto de vida real do aluno, o seu contexto socioeconómico, político e cultural, o ambiente institucional da escola ou do centro de ensino, e ainda os conceitos prévios que os alunos já trazem consigo para o início do processo de aprendizagem. (Cf. GRACOS, 1994: nn.38-41) Mais, «[o] professor deveria ser capaz de ter a ousadia de, com o aluno, falar deste mundo, reflectindo sobre ele, objectivando-o, avaliando-o, questionando-o» (Lopes, 2012:263).

O contexto de vida tem grande influência na forma como o aluno cresce com e para os outros, e pode influenciar o seu sucesso académico e humano.

b) Experiência

A experiência reside num «sentir e gostar das coisas internamente» (Loiola, 2016: n.º2), expressão usada por Santo Inácio:

«(...) sem um sentimento de natureza afectiva, a aprendizagem não terá consequências práticas nem será convenientemente dirigida para ajudar o aluno a questionar-se sobre a finalidade do conhecimento nem a aproveitá-lo para o colocar ao serviço desinteressado e gratuito dos outros, da vida e do mundo.» (Freitas, 2005:486)

Sendo o processo da experiência bastante relevante na aprendizagem, exige também uma atitude da parte do educador em levar o aluno para além do patamar intelectual. Portanto, implica uma experiência em que todas as dimensões da pessoa, mente, coração, motivação estejam implicadas na aprendizagem. É na experiência que se vive a realidade, e é a experiência que leva o aluno a refletir. «[s]ó com uma exacta compreensão daquilo que se considera, se pode conseguir valorizar acertadamente o significado» (GRACOS, 1994:n.º 42). Quando se define a experiência no PPI, colocam-se sempre em relação as dimensões afetiva e cognitiva, uma vez que, sem um sentimento interno unido à apreensão, a aprendizagem dificilmente levará à ação.

Na experiência, seja ela qual for, o aluno capta, cognitivamente e afetivamente, o que se lhe apresenta. Questionando-se, imaginando e investigando os elementos e relações, o aluno vai estruturando em hipóteses os dados que lhe são apresentados.

A experiência humana pode ser direta ou indireta. Por norma, a primeira é mais intensa, e compromete mais o aluno na aprendizagem. A segunda, uma vez que é menos ativa da parte do aluno, exige que o professor estimule a imaginação e os sentidos daquela pessoa que está a educar, a fim de que ele possa entrar mais profundamente na realidade que está a estudar. Na experiência indireta serão de grande utilidade as simulações, representações e uso de materiais audiovisuais e coisas semelhantes. (Cf. *idem*: n.º 45)

Nas fases iniciais da experiência (direta ou indireta), os alunos compreendem quer os dados, quer as respetivas respostas afetivas. Mas a experiência só é apreendida como um todo se os dados forem organizados respondendo às questões “o que é isto?” e “como é que eu reajo?”. Deste modo, o aluno é agente ativo na busca de compreender e entender a realidade humana que enfrenta.

Não podemos esquecer que a atividade do aluno é um pressuposto básico em todo o processo da experiência.

c) Reflexão

Estruturante na vida de Inácio de Loiola foi o ter aprendido a perceber os movimentos interiores, a que chama moções, a que constantemente estava sujeito, e que por vezes eram contraditórias. O seu maior desejo era descobrir o que é que o movia em cada situação. A arte que aprendeu de distinguir estas moções fez dele um mestre do discernimento.

Se queremos captar o significado e o valor essenciais da matéria estudada, descobrir relações com outras áreas do conhecimento e da atividade humana, e implicar os alunos na busca quotidiana da verdade e da liberdade, temos que usar a memória, o entendimento, a imaginação e os sentimentos.

No PPI como é explicitada a reflexão? «Com o termo reflexão queremos significar a reconsideração séria e ponderada de algum assunto, experiência, ideia, intenção ou reacção espontânea, em ordem a aprender o seu significado mais a fundo» (*idem*: n.º 49). Assim, a reflexão é o processo através do qual o significado da experiência humana aflora. Isso acontece quando a verdade que se está a estudar se compreende; quando, considerando alguma coisa atentamente, se descobrem as origens das sensações ou reacções que se experimentam; quando, por si mesmo ou com a ajuda de outros, o aluno compreende mais a fundo as implicações do que conseguiu aprender, quando o aluno é capaz de assumir convicções pessoais sobre factos, sobre ideias, verdades – mesmo que distorcidas – e temas semelhantes; quando, em última análise, chega a compreender quem é, e o que devia ser para os outros.

A reflexão resulta da compreensão de um assunto mais profundo, a experiência, que permite estruturar as crenças, valores, atitudes e o próprio modo de pensar do aluno, é o que leva o aluno a ir além do puro conhecer e o leva à ação. Deste modo, experiência e ação estão estreitamente interrelacionadas.

O PPI alerta-nos para o perigo de haver, da parte do professor, manipulação ou doutrinação (que são atitudes claramente não-inacianas), que devem ser absolutamente evitadas, salvaguardando sempre a liberdade do aluno, mesmo que ele rejeite o crescimento que pensamos ser o melhor para ele. Somos apenas os semeadores, e as sementes têm o seu tempo para germinar.

É ao educador que cabe a tarefa de orientar, despertar e de acompanhar o aluno num processo interior de transformação, objetivando o seu amadurecimento ao nível das atitudes, valores e ideais, habilitando-o e capacitando-o a tomar decisões, levando-o a agir, ou seja, levando o aluno à ação. Temos estado a falar no aluno no singular, contudo, a partilha da reflexão pessoal em grupo é bastante potenciada, uma vez que é aí que se podem reforçar, desafiar, estimular a reconsideração, e finalmente garantir que a ação a ser posta em prática possa ser mais compreensiva e coerente com o ideal de ser uma pessoa com e para os outros.

d) Ação

Inácio abre a *Contemplação para Alcançar Amor* dos seus *Exercícios Espirituais* com uma pequena nota, a de que «o amor se deve pôr mais nas obras que nas palavras» (Loiola: n.º 230). Estamos no final de uma caminhada em que o exercitante foi percorrendo, e agora, depois de todo o percurso feito, é convidado a virar-se para fora, num binómio de contemplação-ação. Os *Exercícios*, lembra-nos o PPI, têm como objetivo capacitar o exercitante a que conheça a vontade de Deus e a cumpra livremente. Neste sentido, os primeiros jesuítas preocuparam-se bastante com a formação de atitudes, valores e ideais dos seus alunos precisamente no momento da tomada de decisões com vista às ações a realizar. Contribuir inteligente e efetivamente para o bem-estar da sociedade foi sempre uma preocupação dos jesuítas. Poder-se-á dizer que só se desenvolve e amadurece a reflexão quando esta promove a decisão e o compromisso.

Quando o aluno passa à ação, materializa, dá corpo às ideias, à imaginação, às emoções, às suas próprias conclusões e exterioriza o que o levou à ação, depois de ter experienciado e refletido. É na ação que o aluno se realiza em todas as suas dimensões. É quando o aluno transforma a sua realidade fechada em realidade aberta no campo das possibilidades. Portanto, é na ação que podemos constatar o crescimento pessoal do aluno e

de atitude de serviço aos outros, bem como, podemos constatar o seu aperfeiçoamento intelectual e o seu crescimento nas várias dimensões anteriormente referidas.

Para a pedagogia inaciana a ação «refere-se ao interior crescimento humano baseado na experiência sobre a qual se reflectiu, bem como a sua manifestação exterior» (*idem*: n.º 62) Este crescimento interior implica dois passos: as opções interiorizadas e as opções manifestadas externamente. No primeiro, depois da reflexão, a experiência é considerada pelo aluno do ponto de vista pessoal e humano. A vontade, então, move-se à luz da compreensão cognitiva da experiência e das afeições positivas ou negativas implicadas. É neste ponto que, apesar de aberto ao caminho a que a verdade o conduza, o aluno escolhe fazer sua a verdade. No caso das opções manifestadas externamente, o aluno já foi fazendo caminho, e já tem interiorizados conteúdos, atitudes e valores que impelem à ação, uma ação coerente com as suas convicções. No caso de conteúdos positivos, provavelmente o aluno vai querer implementar as condições ou circunstâncias que originaram a experiência. Caso o conteúdo seja negativo, pelo contrário, o aluno tentará ajustar, mudar, diminuir ou mesmo evitar as condições que deram origem à experiência.

Lopes (2012:270) lembra-nos que, sem o passo que se segue, a avaliação, não se faz um progresso discernido.

e) Avaliação

A pedagogia inaciana, como já tivemos a oportunidade de ver, preocupa-se com a formação integral dos alunos. É, pois, de extrema importância que se proceda à avaliação destes alunos, não apenas na vertente académica, mas de todas as outras vertentes, nomeadamente no que respeita ao crescimento com e para os outros.

A avaliação é compreendida como uma revisão da totalidade do processo pedagógico seguido em cada um dos passos acima referidos, para verificar e ponderar em que medida foram seguidos e realizados e, por outro lado, em que medida foram alcançados os objetivos estabelecidos em termos de mudança e transformação pessoal e social. Se a experiência, reflexão e ação são contínuas, se devemos desenvolver globalmente a pessoa e preparar homens e mulheres para os outros, a avaliação deverá ser frequente, analisando-se o progresso dos alunos nas atitudes, nas prioridades e o seu amadurecimento.

Aplica-se na avaliação o «(...) sentido da tradicional avaliação académica como no sentido da avaliação da maturidade e desenvolvimento humano para auxiliar o aluno a crescer como “homem e mulher para e com os outros”» (Freitas,2005: 487).

A pedagogia inaciana leva a uma preocupação do educador em fazer crescer o aluno através da avaliação de ambas as vertentes escolar e humana. Será uma avaliação que

contemple o progresso, utilizada para revisão e aperfeiçoamento dos métodos de ensino e aprendizagem, mas também, e mais difícil, na avaliação da evolução do aluno em atitudes e ações.

«(...) de acordo com a pedagogia inaciana, todo o processo de aprendizagem deve ser vivido e experimentado pelo educando, pois é ele o sujeito em quem essa aprendizagem se vai fazendo e produzindo. Mesmo não o sabendo exprimir, o aluno vai-se dando conta que dentro de si surgem realidades novas de índole afectiva, intelectual e até experimental (esta última no sentido inaciano)» (Freitas,2005: 488) .

Na pedagogia inaciana, cada aluno tem a possibilidade de desenvolver sempre mais os seus talentos, colocando para o seu crescimento integral e humano, capacidades tão diversificadas como o entendimento, a compreensão, a imaginação, a criatividade, a vontade, a liberdade e ainda os sentimentos, as emoções e os desejos.

Se, por um lado, a avaliação académica está perfeitamente consagrada, independentemente dos métodos usados, que, por si, deveriam ser avaliados e adaptados consoante a evolução dos alunos, a pedagogia inaciana prevê uma formação que inclui a proficiência académica e pretende ir mais longe. Deste modo, é fundamental a avaliação periódica dos alunos no que respeita a atitudes, prioridades e ações, em vista a serem pessoas para os outros. Admite-se que não é fácil avaliar o progresso humano do aluno, contudo, o PPI enumera alguns métodos pedagógicos adequados para o fazer, são eles o diálogo pessoal, a atenção aos cadernos diários, a autoavaliação do aluno em diferentes parâmetros, a revisão das atividades dos tempos livres e serviço voluntário aos outros.

Concluindo esta apresentação da estrutura do PPI, «o uso coerente do paradigma inaciano pode resultar na aquisição de hábitos de aprendizagem duradouros que fomentem atenção à experiência, à compreensão reflectida para lá do interesse egoísta, e a critérios para a acção responsável. Estes efeitos educativos (...) são (...) necessários para cidadãos responsáveis no terceiro milénio» (GRACOS, 1994: n.º 70).

A partir da concepção de educação integral de ser humano, apoiada no estudo das etapas do paradigma inaciano e considerando a educação pela arte um caminho para a transformação integral do ser humano, vamos agora refletir sobre a educação pela arte.

CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO PELA ARTE

3.1. A arte ao serviço do humano

Desde sempre o ser humano teve necessidade de se expressar por meio da arte, esta foi a forma que encontrou de representar as suas crenças, os seus anseios, valores, hábitos, costumes e de se manifestar, comunicar e interpretar a natureza. Na visão de Fischer, «[a] arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte é também necessária em virtude da magia que lhe é inerente» (1987:20). Para o artista, a arte possui uma função muito maior do que simplesmente ser bela, agradável e decorativa. A obra é a representação do que o artista vive, pensa e sente. No início da história da humanidade, esta forma de expressão deu-se por uma necessidade de adaptação e de transformação do meio em benefício do Homem. Através da história da arte, constatamos que todas as civilizações produziram arte, desde a pré-história que a arte esteve presente significativamente no quotidiano do ser humano, «(...) a arte pouco tinha a ver com “beleza” e nada tinha a ver com a contemplação estética: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência» (*Idem*:45).

É fundamental trazer para a educação a afetividade, a experiência estética, a arte que tantas vezes é rejeitada no contexto escolar e muitas vezes excluída do conjunto das atividades de compreensão e construção do conhecimento humano.

Herbert Read desenvolveu o conceito de educação na segunda metade do século XX, na sua obra *Educação pela Arte*, no entanto, este conceito não representa muito mais que uma adaptação para o contexto atual da tese original de Platão. Nesta obra, Read mostra qual o papel e a função das artes na educação, bem como aponta caminhos que levam à sua aplicabilidade.

Read atesta que:

«[o] objectivo geral da educação é o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence (...) neste processo a educação estética é fundamental.» (2010:21)

3.1.a) A arte e a expressão dos sentimentos

Na visão de Tolstoi, «[a] arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar»

(2002:15). A arte educa sentimentos, concebe situações inexistentes, permite que se experencie o imaginário, dá forma e corpo à experiência de perceber. A arte permite ao aluno comunicar os seus afetos, sentimentos, ideias, comportamentos, desejos. A arte humaniza, «(...) a arte é um meio de intercâmbio humano, necessário para a vida e para o movimento em direção ao bem de cada homem e da humanidade, unindo-os em um mesmo sentimento.” (Idem: 77)

Parsons afirma que a arte é uma das ferramentas, de que dispomos para articular a nossa vida interior; de acordo com o autor damos:

«(...) continuamente uma resposta interior complexa ao mundo exterior, composta das mais variadas exigências, emoções, pensamentos, quer passageiros, quer duradouros. Esta vida interior não é para nós transparente, não se auto-interpreta; se queremos compreendê-la devemos dar-lhe uma forma perceptível, e depois examinar essa ou essas formas. A arte é um meio de fazer isto mesmo.» (Parsons, 1992: 29)

A arte exprime muito mais do que uma pessoa tem em mente num determinado momento e, não é aquilo que o artista conscientemente procurou comunicar, ela comporta imensas significações.

Um dos aspetos pelos quais devemos considerar uma educação pela arte é, precisamente, o contributo desta para o domínio das emoções, uma vez que, através da experiência artística, as crianças têm a oportunidade de vivenciar situações que conduzem à expressão das mesmas. As diversas formas de expressão artística proporcionam ao aluno instrumentos de afirmação da sua própria identidade. A aprendizagem artística contribui para o conhecimento pessoal, o que permite que «(...) os alunos encontram seus próprios sentimentos, assim como dos outros indivíduos. Os alunos precisam de veículos educacionais que lhes permitam essa exploração». (Gardner, 1990:124)

3.1.b) A arte como instrumento de cognição

Já Arnheim defende que, «[o]s professores do ensino da arte (...) acreditam que a arte não é privilégio de uma minoria mas uma atividade natural de todo o ser humano (...) a arte é um instrumento indispensável para fazer face às tarefas que a vida nos impõe» (1997:333). O psicólogo alemão considera que a arte está associada a uma necessidade humana, e é um recurso, um meio, um instrumento essencial à vida de cada ser humano. A arte incluída no processo de ensino-aprendizagem possibilita e facilita ao aluno o alcance de conhecimentos diversificados, desenvolve as suas potencialidades, as capacidades e as competências

cognitivas e criativas. Facilita e promove o sentimento de autossatisfação na realização das atividades propostas, fortalece a sua expressão e a sua autonomia, abre espaço a que o mesmo venha a reconhecer e a valorizar a arte, no seu sentido mais alargado.

Também David Best em *A Racionalidade do Sentimento*, opõe-se à educação da arte pela arte e defende que arte implica sentimento, racionalidade e consequentemente o conhecimento, que os «(...) sentimentos artísticos são de carácter racional /cognitivos» (1996:16). Presume que os educadores abandonem o que ele designa de “mito subjetivista”, dando lugar à razão mais que ao sentimento. A criação ou apreciação artística presumem conhecimento e percepção. Sendo o sentimento o resultado de um raciocínio que altera a percepção e a ideia de uma determinada situação ou objeto. Portanto, a experiência emocional tem origem cognitiva, havendo assim, a possibilidade de educar as emoções.

Desta forma, o mesmo autor defende que «de modo inquestionável, a experiência artística é totalmente cognitiva e racional, e, como tal, envolve aprendizagem e compreensão como qualquer matéria do currículo, incluindo as denominadas matérias-base, matemática e ciências» (*Idem*:7). Logo a arte possui um carácter educacional como qualquer outra área curricular, visto que «as artes abrangem muitos aspetos de aprendizagem, mais forte se torna a necessidade de argumentar que deveriam ser o centro do currículo» (*Idem*:16).

3.1.c) A arte e a descoberta de “âmbitos”

A partir das obras *La formación por el arte y la literatura* (1993) e *La formación por el arte* (1995), Alfonso López Quintás defende que não há «[n]ada mais importante para a formação humana que descobrir a existência de âmbitos de realidade e suas classes. A arte facilita-nos essa descoberta.» (1995:194). Assim as artes possibilitam ao aluno contactar realidades, sendo o “âmbito” uma realidade, é na relação de “encontro” com os “âmbitos” da arte que nos podemos descobrir e descobrir os outros num processo de transformação humana. Então, o “âmbito” é uma realidade aberta que permite ao aluno adquirir e desenvolver a sua própria experiência de vida. Se o aluno estiver aberto a novas realidades, poderá crescer na descoberta de novas relações. Se o aluno ficar pela superficialidade, se a sua atividade significar para o aluno um saber unilateral da realidade, o “encontro” não se realiza.

As artes, nesta perspetiva, são uma ferramenta que facilita essa progressão, pois permitem participar em desafios pessoais e de grupo que contribuem para o crescimento pessoal. É nossa preocupação articular o pensamento com criação artística e a prática docente, de forma a encaminhar, orientar e guiar os alunos não apenas a gostarem de arte, mas através dela, a gostar de aprender a refletir a experiência de criação artística em todo o seu processo

criativo e humano, e assim criar uma rede de novos “âmbitos”, ou seja de novas realidades com sentido.

A criação artística é uma poderosa ferramenta para atestar os conhecimentos e o potencial criativo do aluno, na medida em que pode ajudar o aluno a pensar a realidade em que ele próprio se insere, e da qual faz parte, com as realidades que o rodeiam. Através do processo de criação o aluno pode criar vínculos com o objeto artístico, tornando para si uma experiência vivida, jamais esquecida e de real aprendizagem. Se tal acontecer através dessa relação de experiência vivida dá-se o verdadeiro encontro entre a dimensão humana e a arte. A arte pode proporcionar esta relação de “encontro” de que nos fala López Quintás, e como tal, é fundamental na formação humana.

3.1.d) A arte como promotora da criatividade

Na educação pela arte, o objetivo é educar, formar a pessoa num quadro vasto de experiências, em que a arte funciona como uma ferramenta para educar.

John Dewey, afirma que a escola deve preparar a sociedade para a vida prática, sendo os conhecimentos obtidos através da própria atuação ou motivados pela experiência do dia-a-dia. Considerava dispensável todo e qualquer conhecimento abstrato que se revelasse sem utilidade para a vida quotidiana, considera a vida e a educação como indissociáveis, defende a lógica do aprender, fazendo de forma a se obter «(...) uma reconstrução contínua, que partisse da experiência infantil, a cada momento, para a experiência representada pelos corpos organizados de verdades, a que chamamos matérias de estudo» (Dewey, 1978:48), tornando a experiência educativa num ato de constante reconstrução. No seguimento desta perspetiva, considera que a educação deveria ser vista como um instrumento para a vida, privilegiando uma lógica de processo, em detrimento de uma lógica em que o produto e os conteúdos são o mais importante, tal como acontecia no ensino tradicional. As artes começam a ser cada vez mais consideradas importantes na educação, na medida em que contribuem para a descoberta e desenvolvimento do potencial criativo humano.

Cada vez mais se exigem pessoas criativas, que resolvam problemas, que se relacionem, capazes de autodeterminar-se, assumir responsabilidades, que projetem o futuro. Estimular o processo criativo é a condição básica para ultrapassar os tradicionais modos de conhecer e fazer. Morin afirma que:

«[a] importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável; dado que as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constitui-se um

mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, idéias, imagens, fantasias, e este mundo infiltra-se em nossa visão ou concepção do mundo exterior.» (2002:21)

Morin afirma que para se ser humano há que valorizar o lúdico, o mítico, o mágico. Estas dimensões possuem raízes nas profundezas antropológicas e não são anuladas pelo conhecimento racional, empírico ou técnico.

«[o] homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem do imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase. O amor é poesia. Um amor nascente inunda o mundo de poesia, um amor duradouro irriga de poesia a vida cotidiana, o fim de um amor devolve-nos à prosa.» (2002:58)

Segundo Eisner (2002), as artes têm o objetivo ajudar os alunos a desenvolver a imaginação, a iniciativa, a criatividade, a capacidade de planificação e a cooperação. Favorecem o desenvolvimento do fazer, da experiência, da ação, da reflexão e do contato com o mundo real. Possibilitam propostas de ação que permitam ao aluno construir o seu próprio objetivo, com vista ao desenvolvimento da capacidade de análise, de síntese e de resolução de problemas, possibilitam que o aluno procure a diversidade de resultados e estratégias pessoais de ver e atribuir significado, não impondo soluções mas permitindo a procura das mesmas tendo em consideração os seus interesses e o seu envolvimento.

A estética é um ramo da filosofia que estuda a beleza e o sentimento que essa beleza suscita nos seres humanos. A importância no processo de aprendizagem é gerar interesse no aluno para que este continue a aprofundar os conteúdos mesmo sem a obrigação de o ter de fazer, ao que chamamos motivação, um aluno motivado continua à procura, questiona.

Cabanas (1993:263) defende que através da “vivência estética” pode educar-se o aluno para o fazer sensível à beleza da arte, de modo a que este produza sentimentos estéticos, emoções estéticas e hábitos estéticos, e despertando nele um sentido estético da vida. Por educação estético-artística sustenta uma educação pela arte, onde a estética é entendida como objeto de educação e a arte como finalidade da educação. Para este autor, a «educação estética ajuda o indivíduo a formar ideias, sentimentos, capacidades e hábitos estéticos que impregnem as suas atitudes perante a vida e suas relações, tanto com o mundo, como com a arte, sabendo compreender, julgar, contemplar e talvez criar» (*Idem*:265).

Quintás (1993) reforça a necessidade de se educar por meio das formas artísticas, referindo que o pensamento que a arte agrega, ajuda-nos a descobrir a riqueza da experiência

ética. O processo de materialização das ideias, observado em muitos artistas, faz-nos questionar a relação que o homem tem com as formas artísticas e com toda a realidade.

Em suma, considerar o ser humano na sua totalidade implica o desenvolvimento da potencialidade do aluno, tornando-o capaz de lidar da melhor forma consigo, com o outro e com o mundo. As várias linguagens - música, desenho, pinturas, teatro..., são veículos eficazes para a experimentação artística, para a criatividade sobretudo para o exercício da sua inteligência e da sua sensibilidade na procura constante do seu desenvolvimento integral. Daí a relação entre a arte e a educação.

A educação pela arte é utilizada na companhia de Jesus desde sempre, pois é uma forma de educar, de desenvolver valores para formar homens e mulheres para uma sociedade mais justa e mais comprometida. A educação pela arte abre horizontes, perspectivas, desenvolve a sensibilidade e críticas construtivas.

3.2. Inácio e a arte

3.2.a) A pedagogia mediada pela arte (teatro)

O padre Juan Plazaola publicou um texto sobre Inácio de Loiola e arte dos jesuítas onde destaca a importância dada pelo santo aos processos criativos e artísticos, «na própria acção de Santo Inácio há algumas orientações; na procura da excelência (...) em todos os ramos do saber e da criatividade; adaptação as pessoas, aos tempos e lugares, consciência clara de que as artes e sensibilidade ajudam a fundamental meta inaciana, criar liberdade» (2005:9), acrescenta que Inácio compreendeu bem a linguagem dos artistas da época, pois estes já falavam da sua necessidade interior. (cf. *idem*:13)

Os jesuítas utilizavam o teatro, como estratégia lúdica, encantavam as plateias transmitindo valores, morais e religiosos, adaptando passagens bíblicas, histórias piedosas e vidas de santos, com estilos diversos desde a comédia à tragédia.

Segundo Lopes, o teatro tinha um fundo educativo,

«(...) era o de fazer com que o aluno, através da identificação afectiva com os valores defendidos na representação, fortificasse a sua vontade e desejasse ser virtuoso e fazer acções nobres em prol das causas mais dignas.

Por isso, as representações teatrais não eram um ócio para os jesuítas, mas um modo educativo para os alunos crescerem numa verdadeira educação para os valores.» (2012:232)

O teatro, utilizado como estratégia lúdica, foi essencial para a formação integral dos alunos dos colégios da Companhia de Jesus, tanto na Europa quanto no mundo, onde os

jesuítas foram educadores e catequizadores. Os padres e irmãos desta ordem possibilitavam aos alunos o contato com Deus através do conhecimento, da literatura, da estética, da música, enfim das artes cénicas, preparando-os para a vida.

3.2.b) Cuidar da corporeidade

Quanto ao corpo, Inácio sabia que o homem era um ser em movimento, dinâmico, composto de corpo e espírito. Compartilhando com esses ideais humanistas, o fundador da Companhia de Jesus sabia perfeitamente que não só a disposição e a saúde da alma influenciavam no rendimento escolar, mas também a saúde e a disposição do corpo. Defendia que o corpo e o espírito mantinham uma interligação, um inter-relacionamento, que o equilíbrio de um dependia do equilíbrio do outro. No contexto educacional jesuítico, o corpo recebia cuidados inerentes à sua necessidade por ser a porta das fragilidades humanas (Loiola, 2006: nn. 83-85).

Lopes esclarece-nos que, no que respeita ao corpo, a tónica era colocada,

«sobretudo, na fragilidade do homem, que é também corpo, e tem necessidade de sustento. Não há sinais de desprezo pelo corpo, porque o corpo é pressuposto para a abertura e relação com os outros e com o mundo, e é templo vivo de Deus. O corpo, para Santo Inácio, é instrumento fundamental, para que o homem atinja os seus fins, Por isso, tem de ser educado para a liberdade.» (2002: 235)

Inácio preocupava-se em alinhar as atividades físicas, como a dança, canto, jogo, correr, entre outras atividades lúdicas, com as demais disciplinas. Ao fazer isso, sabia que a harmonização dessas atividades lúdicas, benéficas ao corpo, com as outras disciplinas, contribuiria para o desenvolvimento educacional integral dos alunos.

Wright, explica que, os jesuítas chegavam a contratar professores de dança nas suas escolas para cultivar a movimentação e a postura (*cf.* 2005: 65), as atividades lúdicas não só estavam direcionadas para a recreação, mas também envolviam as relações de cooperação, de respeito, de aceitação dos êxitos e fracassos, de atenção e incentivava a viver valores e regras, a crescer para si e para os outros. As atividades lúdicas, no entender inaciano, possibilitam ao aluno a experiência de imaginar, sonhar, de ter coragem de projetar o futuro, de viver e agir para *A Maior Glória de Deus*. Por isso o educar, valendo-se das estratégias lúdicas, nos tempos da pedagogia humanista, foi um caminho que exigiu coerência, coragem e determinação, também hoje tão necessárias à nossa vida.

3.2. c) Arte- experiência espiritual

Podemos encontrar na obra *Arte e Espiritualidade Inaciana: libertados para criar*, do jesuíta Carlos Coupeau, a noção da dinâmica apostólica artística dos jesuítas. Ali podemos verificar qual o significado da obra artística e a transcendência que há em expressá-la, e ver como a consolação é o objeto da experiência estética espiritual. Neste artigo, afirma-se também que a arte comunica e determina horizontes. A arte mostra como podemos transcender o objeto dos nossos sentidos; abre-se a dimensões progressivamente menos materiais e cada vez mais espirituais. A arte facilita o processo de chegada à experiência espiritual, tem poder para significar realidades espirituais, revelá-las nos nossos sentidos, chocar as nossas emoções, lembrar os grandes momentos e comunicar valores espirituais. Como veículo de comunicação, a obra de arte preserva a mensagem que o artista construiu com base em linguagens anteriores e codificações mais ou menos implícitas, seguindo-as ou posicionando-se antes delas. O trabalho artístico também pode servir para significar a experiência espiritual. A arte pode colocar-nos em relação com os mistérios em níveis mais radicais do que o da compreensão. A obra de arte não pode explicar o mistério, mas pode ajudar-nos a aceitá-lo com reverência. (Cf. Coupeau, 2007:82-83)

Este autor, também afirma que a arte pode criar ilusão e choque:

«Precisamente pela sua capacidade de incidir em extratos menos reflexivos do nosso ser, a arte pode fazer com que os nossos sentidos percebam aquela realidade que não nos é evidente, mas figurada, e para acolher aquela que, no entanto, sentimos que já estávamos preparados desde há algum tempo. O fim da arte não é imitar a natureza, mas interpretar as nossas relações. Outro exemplo, a representação da apoteose de Santo Inácio na nave da igreja que tem o seu nome em Roma, abisma-nos nas profundezas espirituais, mediante a visualização de um “céu” para o qual toda a decoração se dirige.» (Coupeau, 2007:84)

Portanto, a obra de arte não só tem o poder de dar sentido às experiências imediatas, como também é uma oportunidade de despertar para as realidades espirituais, tão importantes para o homem. A arte também pode revelar aspetos da realidade que ignoramos ou desejamos. Pode exercitar os nossos sentidos, libertando emoções reprimidas. O objeto da arte, em suma, pode fazer do presente os valores mais preciosos e também pode transmiti-los.

3.2.d) A consolação que interceta o prazer estético e a totalidade da Arte

Quanto às artes como fundamento inaciano, esclarece que a palavra “arte” não teve um sentido relacionado à estética. Isto é confirmado pelo corpus inaciano e pelo uso da língua castelhana durante o Renascimento.

«[F]az sentido falar de espiritualidade inaciana e arte? Já o referimos: a Companhia gerou uma produção artística distintiva e não podemos investigar parcialmente, pelo menos, as suas origens na própria espiritualidade?

A questão sobre a arte de Inácio e os jesuítas não é inútil, mas também não é facilmente respondida. Não é respondida, pelo menos, como pretenderam aqueles que associaram um estilo específico (o barroco) à Companhia de Jesus. A pergunta por uma arte própria contém um anacronismo. Este anacronismo nasce quando sobrepomos duas percepções diferentes do objeto artístico sem levar em conta que entre a percepção que os primeiros jesuítas tiveram das obras de arte e a que nós temos, a partir do século XVIII a filosofia desenvolveu a teoria estética. Não podemos, portanto, projetar toda a “arte inaciana” de forma acrítica contra o conceito de Belas Artes que começa após Kant. Nem podemos negar a riqueza espiritual que aponta para a concepção, produção e uso de objetos artísticos que os jesuítas favoreceram ou realizaram. Pelo contrário, devemos pressupor isso de forma incipiente.» (Coupeau, 2007:86-87)

Coupeau distingue, portanto, duas abordagens para a obra de arte. Na primeira, de caráter estético, a obra de arte na medida em que evoca a experiência estética no recetor e apenas nessa medida. Essa perspectiva, no entanto, não pode ser aplicada no século XVI, porque isso impede de continuar a falar sobre a relação entre arte e espiritualidade inaciana. Pelo menos em muitas manifestações, arquitetura, escultura, pintura, música e teatro, etc., os jesuítas não procuraram os prazeres estéticos em primeiro lugar.

É importante que, por um lado, não nos interessemos apenas pela experiência do prazer estético, por outro lado, não devemos perder o gosto. A segunda abordagem à arte deixa espaço para sua compreensão funcional. A Companhia de Jesus promoveu a arte dentro de uma estratégia de horizontes religiosos e cívicos mais amplos. São esses horizontes que explicam uma mudança na abordagem à arte.

Ainda assim, podemos afirmar uma semelhança entre a arte e a experiência estética, por um lado, e entre a espiritualidade inaciana e seu objeto distintivo, por outro. De acordo com essa semelhança, a experiência positiva de consolação é um valor. Na espiritualidade inaciana, a consolação age como um índice da progressão espiritual que anseia pela comunhão além da identidade subjetiva.

Numa perspectiva mais recente o padre Kolvenbach, (2006) dá outra explicação sobre a relação entre espiritualidade inaciana e arte. O superior geral da Companhia à altura destaca a natureza espiritual da visualização nos Exercícios. As imagens pertencem à vida do crente e

não à estética, o exercitante relaciona-se com Deus. Os exercícios de imaginação tornam-se exercícios de integração afetiva do exercício com Deus. Kolvenbach descobre o artista no exercício. Ignacio ensina o exercitante a parar antes da oração como o artista faz antes do seu trabalho. O gosto e a complacência dos sentidos externos (Inácio escreve “gostar e sentir”), desenvolvem primeiro a integração da percepção. Em segundo, gera uma realidade mística: a sensação espiritual alcançada pelos sentidos internos. Kolvenbach incentiva os jesuítas no caminho reflexivo da analogia entre arte e espiritualidade. A experiência do prazer espiritual liberta as energias daqueles que compartilham a espiritualidade inaciana.

Partimos dos processos de educação pela arte, da educação na Companhia de Jesus e do paradigma pedagógico inaciano, a experiência sensível, afetiva e criativa, acompanhada por uma profunda interiorização do sujeito, proporcionando experiências estéticas, fundamental para a formação integral dos alunos. É o momento de passarmos agora à sua concretização prática, procurando levar estes materiais para a sala de aula.

II PARTE| PRÁTICA PEDAGÓGICA

CAPÍTULO 4 - A ESCOLA

4.1. Projeto educativo

Como já referimos o nosso estágio pedagógico decorreu no Instituto Nun'Alvres, de ora avante designado por INA, uma das cinco escolas do Colégio das Caldinhas da Companhia de Jesus. Esta escola iniciou a sua atividade nas Caldas da Saúde (Santo Tirso) em 1932.

Com quase cem anos ao serviço à educação, este colégio reflete as opções fundamentais da ordem religiosa que o fundou, inspirada pelos ideais de Inácio de Loiola, dotado de um projeto orientado para a construção do futuro. Incrementa uma visão da pessoa humana fundada na espiritualidade de Santo Inácio e seus companheiros, que souberam projetar determinada maneira de estar e de viver, alicerces e um estilo muito peculiar de educar, tal como é referido no seu *Projeto Educativo* (2015).

O projeto do INA assenta no compromisso de formar, em ambiente e condições de excelência, pessoas capazes de se integrarem na sociedade de forma ativa, assumindo plenamente as suas responsabilidades. Para tal o INA orienta a sua ação baseada nos princípios da compreensão e respeito pela pessoa humana e de valorização das diferenças individuais e diversidade cultural; cria dinâmicas de integração na comunidade local, de forma a comprometer-se efetivamente no desenvolvimento sustentado da região do Vale do Ave, promovendo os princípios da responsabilidade social; garantindo os recursos humanos, tecnológicos e organizacionais adequados aos seus objetivos da qualidade e à oferta formativa, de forma a colmatar as necessidades e as expectativas de todos; garantindo uma dinâmica permanente de abertura à mudança e à inovação, quer ao nível tecnológico e organizacional, quer ao nível pedagógico, satisfazendo todas as pessoas diretamente envolvidas com o INA; assegurando que todos os agentes da ação educativa compreendam a importância da pedagogia inaciana para a realização da missão de educar e motivando para a sua participação e cooperação na realização de uma escola de excelência.

Este colégio, assume o compromisso de formar, em ambiente e condições de excelência, pessoas capazes de se integrarem na sociedade de forma ativa, contribuindo para que a sua comunidade possa enfrentar os complexos desafios de um mundo em permanente mudança.

Assim, é sua missão desenvolver nas pessoas competências humanas – pessoais, sociais, técnicas e profissionais – que, vivenciadas num modo de proceder inspirado em valores cristãos e humanistas, e em atitudes de compreensão, respeito e serviço aos outros,

permitam a cada um realizar a verdadeira autonomia e liberdade na relação com os outros e na construção de uma sociedade mais cooperativa, justa e fraterna.



Fonte própria.

Figura 2 - Pormenor do Instituto Nun'Alvres.



Fonte própria.

Figura 1 - Pormenor do Instituto Nun'Alvres.

O seu projeto considera ainda que a aprendizagem supõe uma mudança permanente, das estruturas e esquemas cognitivos que permitam abordar novos sentidos. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem tem em conta o contexto pessoal, familiar, cultural e social dos alunos, assim como, o contexto da escola e da comunidade educativa. Este processo abrange, não só os aspetos puramente intelectuais, mas também o nível de maturação e os domínios afetivos e atitudes dos seus alunos. Para tal, é fundamental que o aluno, com a ajuda dos professores e de toda a comunidade educativa, seja envolvido num processo que vai configurando a capacidade de pensar, de se relacionar e integrar adequadamente e personalizar as aprendizagens, assim como a sua própria responsabilidade, esforço e interesse pelo estudo.

A educação é uma tarefa conjunta e partilhada pelas diversas pessoas que participam nela, ou seja, por toda a comunidade educativa. Neste sentido, o INA disponibiliza condições para a participação, a cooperação e para a corresponsabilidade dos pais, alunos, docentes e não docentes, com o objetivo de conseguir atingir mais facilmente as metas propostas. Assim, todos os membros da comunidade educativa, de acordo com a própria responsabilidade das funções e competências que lhes são atribuídas, comprometem-se a levar por diante, de uma forma partilhada, o *Projeto Educativo* e a gestão das atividades da escola.

O INA dispõe de amplas instalações no complexo do Colégio das Caldinhas bem como de um conjunto diversificado de serviços de apoio, face ao elevado número de alunos,

entre os quais destacamos: o bar; a biblioteca; o auditório; a enfermaria; os laboratórios; a igreja; o gabinete psicopedagógico; o gabinete de serviço social; o gimnodesportivo; o refeitório; a secretaria; a tesouraria; a reprografia e papelaria.



Figura 4 - Fachada do Instituto Nun'Alvres.

Fonte própria.



Figura 3 - Vista Aérea do Instituto Nun'Alvres.

Fonte: wikipédia.

As instalações e serviços diretamente afetos ao INA encontram-se distribuídos pelos edifícios Central e pelo edifício P. Sarreira. As restantes estruturas de apoio estão dispersas pelo complexo do Colégio das Caldinhas.

4.2. Sala de Educação Visual e equipamentos

A sala de Educação Visual apresenta ótimas condições de trabalho, são amplas e têm muita luz natural, pois possui enormes janelas. Possui armários funcionais para guardar os trabalhos e os materiais dos alunos. Tem painéis expositivos muito uteis para expor os trabalhos realizados pelos alunos. Está equipada com um ponto de água, um quadro de giz e está apta a instalar um projetor sempre que for necessário.



Figura 6 - Sala de Educação Visual.

Fonte própria.



Figura 5 - Sala de Educação Visual.

Fonte própria.

4.3. Caracterização da turma

A turma alvo da presente intervenção, é uma turma do 9.º ano formada por 21 elementos, 13 rapazes e 8 raparigas. Em termos etários, a composição da turma revela-se bastante heterogénea. As idades oscilam entre os 13 e os 15 anos, dois alunos com treze anos, dezoito com catorze e um com quinze. São todos de nacionalidade portuguesa. Todos os alunos pertenciam à mesma turma do 8.º no ano letivo anterior, apenas um aluno apresenta uma retenção ao longo do percurso escolar (7.º ano) e uma aluna tem necessidades educativas especiais e que desenvolve um currículo específico individual, todos os alunos frequentam o ensino articulado com o Centro de Cultura Musical – conservatório regional de música. A turma terminou o 8.º ano com média de 3,99.

Dezassete alunos transitaram para o 9.º ano sem qualquer nível negativo, treze obtiveram classificações maioritariamente de nível quatro e cinco. É considerada uma turma com bom aproveitamento, no entanto revelam algumas dificuldades em relacionar-se, são muito individualistas, rejeitam trabalhar em grupo, são competitivos e pouco abertos à cooperação. É uma turma que revela alguma resistência em desligar-se das novas tecnologias das “redes sociais” o que dificulta a relação entre eles. É uma turma com alunos que estão pouco motivados para participar em atividades extracurriculares no colégio. Estes alunos estão focados no estudo individualizado e revelam pouca iniciativa. Revelam interesse pela fotografia, vídeo e outras aplicações interativas (3D, *sites*, aplicações, entre outras). É uma turma que trabalha para os resultados académicos, no entanto a dimensão humana apresenta carências.

Relativamente ao contexto socioeconómico, treze pais/mães apresentam escolaridade de nível superior, dezasseis de nível do secundário, sete do terceiro ciclo e seis do segundo ciclo. Três encarregados de educação encontram-se em situação de desemprego. Três encarregadas de educação não exercem trabalho remunerado, são donas de casa.

Foi possível apurar que os alunos dispõem, em casa, de um espaço próprio para estudar – quarto individual ou partilhado com um irmão. Há um único caso em que afirma que o local de estudo é exclusivamente a escola.

Relativamente à atitude geral da turma, os professores apontam alguma desconcentração e desorganização na participação na aula. A diretora de turma evidenciou também a dificuldade que alguns alunos têm em respeitar e aceitar opiniões diferentes e principalmente de escutar o outro.

4.4. Identificação e caracterização do problema pedagógico existente na turma

Tal como já referimos na introdução ao nosso trabalho, na sequência das reuniões do conselho de turma e das nossas observações verificamos que esta turma tinha um aproveitamento acima da média, no entanto, os alunos evidenciavam algumas fragilidades na dimensão humana. Eram muito competitivos, individualistas e tinham muitas dificuldades em ouvir os outros, de trabalhar em colaboração, ou seja, resistiam ao trabalho de grupo. Em conselho de turma foi decidido que, o principal foco de atenção seria o de trabalhar nestes alunos, em todas as disciplinas, a dimensão humana, capacitá-los a respeitarem-se, a saberem ouvir, a respeitarem as decisões e opiniões dos outros, a implicarem-se mais em trabalhos de grupo e a entender a importância do trabalho de cooperação.

Nos primeiros contatos com a turma pudemos verificar estas características, numa abordagem de uma questão bastante simples, com o objetivo de entender qual a ligação dos alunos à disciplina de Educação Visual, questionando-os sobre qual tinha sido o trabalho que destacavam como melhor experiência no ano letivo anterior, nesta disciplina. Neste processo imediatamente notámos algumas intervenções de manifesta falta de respeito entre alguns elementos da turma. Destacamos alguns comentários desadequados:

Aluno 1: “Adorei fazer espantalhos, pois podemos mexer em materiais que não era comum trabalhar”; comentário do que estava ao lado, aluno 2 - “tu é que és um espantalho”.

Aluno 3: “postais de natal”; “postal do dia do pai”, intervenção do aluno 4 - “Oh! que fofinha... menina do papá!...”

Aluna 5 - “Adorei quando reproduzimos uma pintura de Picasso, aplicando o que tínhamos aprendido sobre a cor, os sentimentos...”, intervenção do aluno 6 - “Adoraste! Adoraste! (risos)”.

Tivemos de intervir junto destes três alunos. Eles não perturbaram mais a aula nem os colegas, mas mantiveram a expressão de “gozo” e no final da aula foi necessário abordá-los à parte para caírem na conta das atitudes de falta de respeito e comportamento desadequado em sala de aula. No final reconheceram que tiveram uma intervenção infantil e pediram desculpas aos colegas acima referidos e às professoras.

De uma forma geral verificou-se que os alunos estavam a ridicularizar o que uns e outros diziam que tinham feito. Quando perguntámos o que pensavam sobre os trabalhos de grupo realizados nas outras disciplinas, disseram que não gostavam, pois nos trabalhos de grupo surgiam conflitos uma vez que há sempre quem não faça nada, e outros fazem tudo ou quase tudo. Ainda destacámos duas verbalizações preocupantes: “Gosto de trabalhar sozinho, assim não dependo de ninguém!”, “Sozinha, consigo melhores resultados, não consigo

suportar a irresponsabilidade dos outros, assim não me prejudico e serei melhor”. Com base nestes dados elaborámos um questionário, tendo incidido parte das questões sobre os valores do respeito, da interajuda, trabalho de cooperação, relação com as atividades extracurriculares e ainda sobre a importância da arte na formação humana. O questionário apresentado aos alunos encontra-se no anexo 1, e os seus resultados no anexo 2.

De seguida, destacamos e analisamos as principais ideias das respostas dos alunos ao questionário.

Relativamente à primeira questão «Como classificas a tua turma, competitiva ou colaborativa?», verificou-se que só quatro alunos é que consideram a turma colaborativa, os restantes dezassete acham que a turma é competitiva. Na questão «A tua turma é unida ou cada um por si?», quinze alunos responderam que eram cada um por si. Na questão sobre o ambiente geral da turma era barulhento, de respeito, de desrespeito ou calmo e tranquilo, dezoito alunos responderam que o ambiente era barulhento e três consideram o ambiente de falta de respeito. Quando abordados com a questão se existiam conflitos na turma catorze responderam que sim e que as razões desses conflitos eram (optámos por transcrever tal como os alunos escreveram, mesmo que com erros ortográficos ou construção frásica):

O “Gozo; interesses diferentes: mentiras.”; “Infantilidade da turma; bocas.”; “Os conflitos mais frequentes são quando estamos em grupo, a maior parte não quer fazer nada e depois há problemas.”; “Muitas vezes, os males entendidos, um diz uma coisa, depois outro diz outra, e o “diz que diz” dá logo confusão na turma.”; “É mais frequente nas aulas práticas, quando temos tarefas individuais, exercícios, ler, etc., fica tudo tranquilo.”; “Quando existe a irresponsabilidade de alguém que falhou às responsabilidades e falha com os outros.”; “Os mais frequentes são quando apresentamos trabalhos, esta turma só pensa nos resultados, todos querem ser os melhores. Principalmente as raparigas, são muito invejosas.”; “Há sempre problemas quando nos juntamos. Há sempre colegas que querem sempre ser os melhores, não ouvem os outros e querem impor a sua ideia.”

Na pergunta «Sentes-te valorizado(a) na turma?», onze responderam que não e dez responderam que apenas “às vezes”. À pergunta «És responsável?», onze responderam às vezes, seis responderam sim e quatro responderam que não. Na questão, «Esperas pela tua vez para falares?», doze responderam que não, seis responderam que sim e três responderam às vezes. Quando questionados se se oferecem para ajudar nas dificuldades, apenas seis responderam que sim; na mesma linha, apenas três alunos dizem que pedem ajuda, enquanto dez responderam não e oito responderam às vezes. Unicamente um aluno afirma ouvir com atenção os que os colegas dizem.

Mais de metade da turma, catorze alunos, diz não gostar de trabalhos de grupo, destes, selecionamos somente nove respostas, uma vez que as restantes são de motivos semelhantes: “Há pessoas que não sabem trabalhar em grupo e acabo sempre por ter de fazer pelos outros”; “Não se aprende, só há confusão nos trabalhos de grupo.”; “Não sabem partilhar as ideias, acham que depois vamos copiar.”; “Falta de responsabilidade, dificuldade em dividir e cumprir tarefas. Falta de colaboração dentro dos grupos.”; “Porque as notas são injustas, há sempre quem trabalhe mais. E às vezes as notas são iguais, dentro dos grupos, há sempre que faça mais.”; “Tiro melhores notas nos testes do que nos trabalhos de grupo.”; “Não gosto, porque não há interajuda”; “As notas de grupo são injustas.”; “Não gosto, porque ainda não tive uma experiência boa em trabalhos de grupo.”

Também quisemos saber se já tinham participado em atividades artísticas e a importância que davam ao papel da arte na educação, neste grupo de questões verificou-se que só dois alunos é que participaram em atividades artísticas, nenhum aluno acha que a arte pode ajudar na relação entre as pessoas, só três é que acham que pode ser possível; nenhum concorda que a arte possa educar; nem pode transformar o ser humano e também não pode melhorar a relação entre eles.

Nas questões da ligação dos alunos às atividades extracurriculares do colégio que envolvem as famílias, os alunos acham que são importantes, no entanto, não se verifica pelas respostas dadas a participação dos alunos e dos familiares nessas atividades.

Da análise do questionário inicial feito à turma, confirmámos o que tinha sido dito em conselho de turma. Os resultados do questionário revelam que os alunos não sabem trabalhar em grupo, dividir tarefas, encontrar o lugar que cada um pode ocupar e contribuir para um trabalho de colaboração, revelam alunos competitivos mais do que cooperativos.

Constatámos que os membros da turma revelavam uma atitude superficial sobre as coisas, são egoístas, não reconhecem valor no que o outro faz ou diz, não entendem os valores da relação, manifestam uma incapacidade para estabelecer relações entre eles.

4.5. Intervenção pedagógica

Identificado o problema de natureza relacional da turma, percebemos que a nossa ação seria muito mais abrangente que a simples lecionação de conteúdos programáticos constantes do currículo da disciplina. Valendo-nos da pedagogia inaciona e do seu paradigma pedagógico, que aposta na formação integral do aluno, colocámos a hipótese de o ensino das artes visuais poder ser uma oportunidade para transformar o modo como os alunos se viam e

relacionavam entre si. Questionámos desse modo, se as artes podem, efetivamente, transformar o ser humano.

A colocação desta hipótese, para além de refletir a literatura revista, pretende confirmar as valências da prática pedagógica.

Para testar esta hipótese desenvolvemos três atividades de carácter coletivo. Todas elas concorrem para objetivos comuns: melhorar as relações afetivas entre os alunos; promover o respeito e aceitação das diferenças; promover a interajuda e colaboração; proporcionar aos alunos experiências artísticas; estimular a imaginação e a criação a partir das suas próprias vidas; implicar os alunos em experiências significativas para a vida; desenvolver trabalhos artísticos através da experimentação e a partir das próprias realidades; evidenciar a experiência estética como indispensável a todo o ser humano.

A primeira atividade intitula-se: ***Traços de Ti!***, uma experiência da arte pela instalação artística. A realização desta atividade abrangeu temporalmente toda a prática letiva e ficou exposta na *feira das famílias* – momento em que a comunidade alargada do colégio, familiares e amigos, visita aquele que é o espaço de aprendizagem quotidiano dos alunos. O principal objetivo foi tentar transformar as relações interpessoais; promover a interajuda e colaboração.

A segunda atividade intitula-se ***Move-te - Unidos pela arte!***, uma experiência de expressão artística lúdica que consistiu na realização de um painel, com duração de dois dias, com objetivo específico de fomentar as relações entre as famílias e a comunidade escolar; desenvolver a formação integral entre várias gerações e experiências estéticas, através da criação de um painel coletivo artístico de 80 metros; desenvolver valores artísticos e interrelacionais.

Por último, desenvolvemos a atividade, ***Estendal Poético!***, uma experiência da arte, que teve o propósito de criar uma instalação pública no exterior do colégio e na cidade de Santo Tirso. Tendo como objectivo principal capacitar os alunos a promoverem a arte com a população local.

Todas as atividades foram idealizadas e desenvolvidas tendo em conta o Paradigma Pedagógico Inaciano, desenvolvido na primeira parte deste relatório. Daremos melhor conta destas atividades no capítulo já a seguir.

4.6. Estratégia de sensibilização

Para se compreender este subcapítulo, é necessário ter em conta que o Instituto Nun' Alvres articula-se com os restantes colégios da Companhia de Jesus da Península Ibérica e,

em cada ano, desenvolvem conteúdos, materiais para um tema específico ligado à espiritualidade inaciana. O grupo que pensa nos materiais e escolhe o tema chama-se Linhas de Força. O objetivo é que, quer em sala de aula, quer em ambiente extracurricular, os alunos adquiram competências no campo específico que se trabalha em cada ano. No ano em que desenvolvemos o nosso estágio, o tema das Linhas de Força foi “*Olha de Novo*”, cujo cartaz mostramos no anexo 3. Este tema mostrou-se de particular relevância, uma vez que vai ao encontro do problema identificado no conselho de turma, pela observação direta nas aulas e do resultado ao questionário inicial. Pretendíamos, desde então que os alunos partissem à descoberta de si e do outro, tendo como ponto de partida a visualização de um powerpoint (apresentado no anexo 4) elaborado com as principais linhas orientadoras.

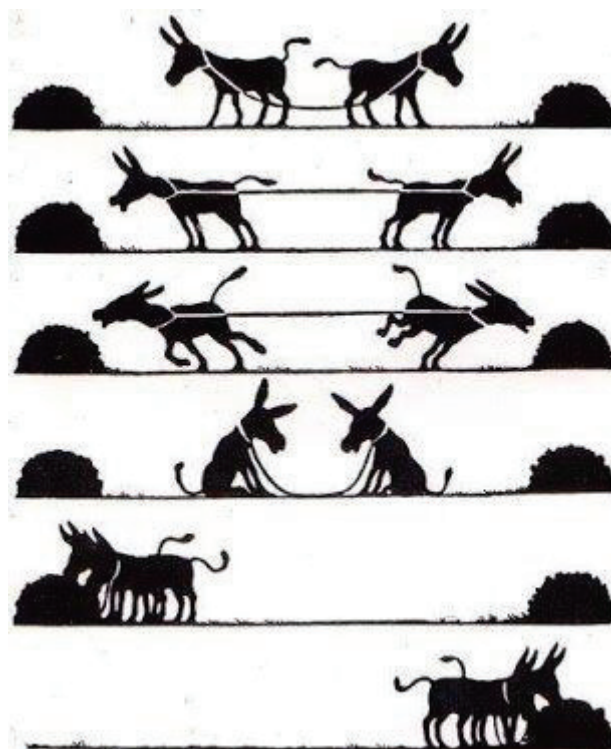
	1	2	3	4	5	6
CHAVE DOS E.E.	Chamamento do Rei Eterno	Princípio e Fundamento	Contemplação da Encarnação	Meditação das duas Bandeiras	Sentir com a Igreja. Em Companhia	Contemplação para alcançar Amor
CHAVE INACIANA	Magis	Em tudo amar e servir	Um fogo que acende outros fogos	Buscar e encontrar Deus em todas as coisas	Amigos no Senhor	O Amor deve colocar-se mais nas obras do que nas palavras
TEMA	CONTIGO MAIS	ENCHE-TE DE VIDA	OLHA DE NOVO			

Fonte: Documento de fundamentação do tema do ano.

Figura 7 - Tema do ano, o terceiro tema numa série de seis.

Neste contexto, sensibilizámos os alunos para importância das relações interpessoais, das experiências de vida e para a vida; da importância de *olhar* para o que nos rodeia diariamente com um *olhar* renovado e implicado. Alertámos para a necessidade de sair dos pequenos círculos nos quais todos nos fechamos. Todos somos convidados a abrir-nos, como Deus faz, a “*sair*” ao encontro da diversidade do mundo, a deixar-se afetar por Ele. O nosso olhar para o mundo não pode ser uma mera análise da realidade. Sensibilizámos os alunos para a possibilidade de terem uma experiência artística que envolvesse toda a turma.

Numa segunda ação de sensibilização projetámos uma imagem com três opções de escolha, uma metáfora de dois burros que queriam comer, mas estavam presos com a mesma corda e os fardos de palha estavam em posições opostas. A ideia foi averiguar as escolhas dos alunos. Nesta ação foi notória a maioria dos alunos escolheram a opção de cada um ir para o seu lado até a corda arrebentar. Mais uma vez esta ação mostrou que a lógica predominante nos alunos era a de “cada um por si”.



Fonte desconhecida.

Figura 8 – Ação de sensibilização.

No final deixámos duas questões em aberto para irem pensando durante o ano: como posso ser individual sem ser individualista?; e “como posso ser grupo sem “grupismo”?”

CAPÍTULO 5 -ATIVIDADES

5.1. Traços de Ti!, uma experiência da arte pela instalação artística.

a) *Explicação da atividade*

A atividade *Traços de Ti!*, surge para dar resposta ao nosso problema central, trabalhar o aluno na sua dimensão humana. Esta atividade consiste na criação de uma instalação artística coletiva numa constante procura de descobrir o outro. Esta criação artística é para ser apresentada à comunidade educativa no final do 3.º período, na *feira das famílias*, que anualmente é realizada no colégio com o intuito de reunir as famílias e mostrar-lhes os trabalhos do ano letivo.

b) *Objetivos específicos*

Esta atividade tem como principais objetivos trabalhar o aluno nas relações interpessoais; melhorar as atitudes de respeito e tolerância com os outros; interiorizar a arte como um processo de formação do ser humano; fomentar o espírito de interajuda e de cooperação.

c) *Descrição da implementação*

Para a implementação desta atividade seguimos as etapas do Paradigma Pedagógico Inaciano exposto na primeira parte deste relatório.

Contexto

Numa primeira abordagem foi indicado aos alunos que iríamos trabalhar a criação artística com um olhar renovado, em linha com o tema do ano. Para melhor conhecermos os alunos, foi pedido a cada um que se caracterizasse com cinco aspetos positivos e cinco negativos, e que, com base nisso se apresentasse à turma. A síntese desta caracterização é apresentada no anexo 5. A proposta seguinte consistiu em identificar o colega com quem sentia menos afinidade e, por outro lado, qual era aquele de quem se sentia mais próximo. Feitas as escolhas, cada aluno teve que explicar à turma as suas opções.

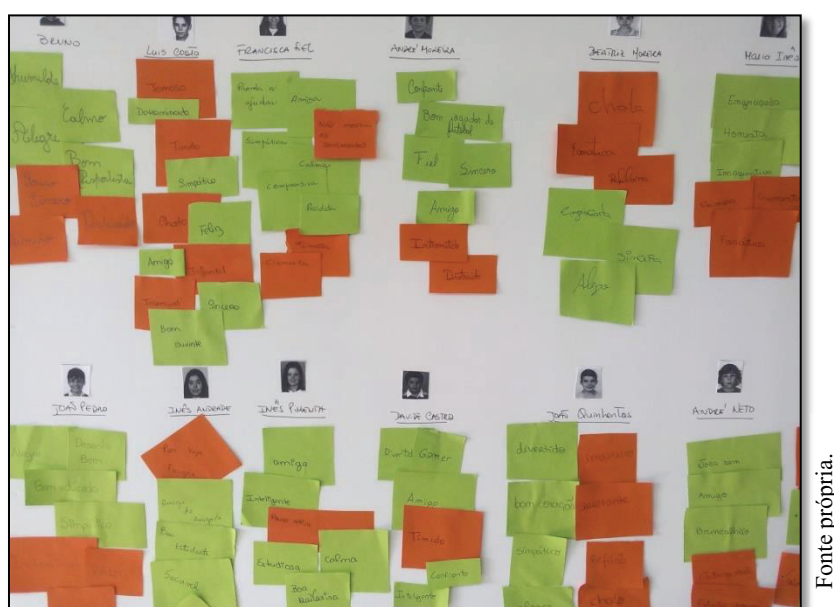
Pondo em prática a *cura personalis*, a atenção pessoal a cada aluno, foram feitos nove grupos de dois alunos e um de três, de modo a que, os alunos com menos afinidade, tivessem oportunidade de explorarem um pouco mais sobre o outro. A proposta era que cada um dos intervenientes tivesse que expor o modo como se vê, e como vê aquele com quem está todos os dias há pelo menos um ano.

Experiência

«Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e gostar das coisas internamente.» (Loiola, 2016: nº2) constitui para Santo Inácio o cerne da experiência. «Antes de mais, isto requer factos, conceitos e princípios. Exige sensibilidade para as conotações e matizes das palavras e dos acontecimentos, exige que se analisem e valorizem as ideias, que se encontrem razões. Só com uma exata compreensão daquilo que se considera se pode conseguir valorizar acertadamente o significado.» (GRACOS, 1994:27).

Após a formação dos grupos, foram distribuídos *post-it* verdes e vermelhos para que cada um identificasse aspetos positivos e menos positivos no colega.

Deste modo, os alunos envolveram-se de forma direta e afetiva na resolução do problema, ao invés da habitual abordagem teórica, passando a ser protagonistas, e não meros ouvintes. Como podemos verificar no exemplo da imagem a seguir:



Fonte própria.

Figura 9 – Identificação de aspetos positivos e menos positivos nos colegas.

No anexo 6 são apresentadas as visões dos colegas sobre cada aluno numa tabela. Sem a experiência, como vimos na fundamentação teórica, o aluno não chega à ação comprometida, objetivo final da pedagogia inaciana. Com esta atividade pretendemos estimular os campos do entendimento, dos sentimentos e da imaginação. Depois de identificados os traços do colega, os *post-it* foram colocados no quando e discutidos perante a turma. Do resultado deste exercício focamo-nos nas virtudes de cada um. Essas virtudes foram o objeto de trabalho ao longo da criação artística aplicando também os conteúdos programáticos da disciplina – a arte contemporânea.

Reflexão

Com o passar das sessões letivas os alunos foram amadurecendo as suas ideias sobre o modo de integrar numa única peça/instalação as qualidades de todos os alunos. Recordamos que um dos nossos problemas era a dificuldade de trabalhar enquanto turma, pois eram individualistas. O processo passou por várias fases, desde a escolha dos materiais, até à dimensão da própria instalação, passando pelo entendimento que cada um queria dar à simbologia da própria peça a elaborar.

Ação

Ultrapassadas estas dificuldades, foi unânime a decisão de modelar gesso para formar fragmentos do corpo de cada um, escolhendo a parte do corpo que melhor punha em evidência as qualidades identificadas e o trabalho feito nas aulas subsequentes. A modelação final teria que destacar o/os traço/s positivos encontrados em cada aluno.



Figura 10 - Fases do processo de modelação.

Para dar unidade à instalação, era necessário perceber como juntar os vários fragmentos. Escolhemos como estratégia o *brainstorming*. Em conjunto propusemos aos alunos fazermos uma “chuva de ideias”:

“BRAINSTORMING”				
Vida	Rede	Árvore	Amor	Fios
União	Caminho	Corpo	Céu	Cordas
Ligação	Percurso	Mãos	Nuvens	Elos
Articular	Natureza	Raízes	Amizade	Luz

Tabela 1 - Resultado do *brainstorming*.

A árvore foi a ideia escolhida, abriu o leque das possibilidades na simbologia e na união de todas as peças. Argumentaram que árvore é da natureza, pertence à natureza e é vida. O tronco simboliza a base de todo o ser humano e os ramos eram o seu prolongamento nas diferenças como eles. Chegaram então à união na diferença humana. A peça final estaria toda unida por uma grande moldura. Uma vez que o colégio tem quatro entradas, o local escolhido foi o da entrada principal, pois ia fazer parte da exposição na *feira das famílias*. Através do lúdico e da relação entre os alunos, deram largas à criação e à imaginação.

Elaborámos um esboço que contribuiu para a discussão de medidas, colocação das peças, questões como se era uma ou duas árvores, se era suspensa, ou colocada no chão, em que local do exterior, tipo de impacto. Aqui todos queriam dar a sua ideia, revelaram entusiasmo, alegria e satisfação.

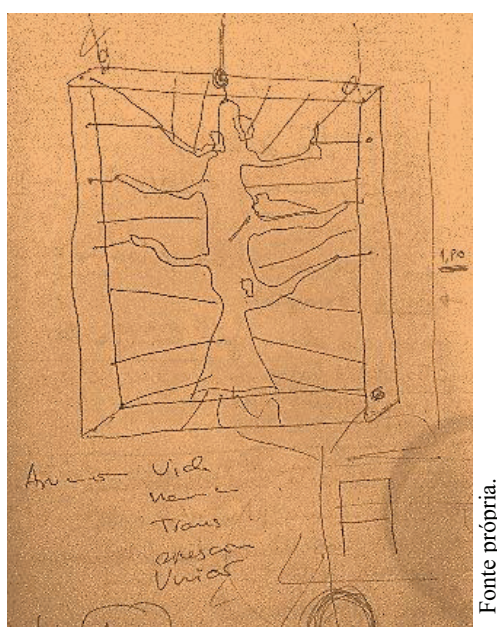


Figura 11 - Esboço da criação artística.

Os alunos, após bastante trabalho, chegaram a esta solução. Um dos troncos estava pintado como sinal da transformação sentida ao longo da atividade, ao passo que o outro estava ao natural, em bruto, tal como se sentiam, com falta de cuidado pelo outro. A moldura

surge como elemento unificador desta atividade, pondo em relevo a vida e a matéria de que estes alunos são feitos. A instalação ficou patente ao público, como já referimos, junto a uma das entradas do colégio, durante a *festa das famílias*.

Avaliação

Em contexto sala de aula, partilhámos em grupo os pontos fortes e fracos da atividade. Como pontos fortes foram apontados a obra em si; o trabalho de equipa; a interajuda; o respeito pela capacidade de cada um, a dedicação da professora e o cuidado a cada aluno, a consciência para a contemplação e interiorização. Os momentos de introspeção e silêncio. Como ponto fraco foi apontado o facto de não poderem levar este trabalho para as suas casas.

Tendo em conta que a pedagogia inaciana quer formar homens íntegros e integrais, que estão ao serviço, a atividade mostrou que houve efetivamente mudança nos alunos, que iremos mostrar nos resultados finais. Mais que uma avaliação qualitativa da atividade, que teve que ser feita dado o currículo da disciplina, *Traços de Ti!* veio a mostrar que a hipótese que avançámos de o ensino das artes visuais poder ser uma oportunidade para transformar o modo como os alunos se viam e relacionavam entre si. Questionámos desse modo, se as artes podem, efetivamente, transformar o ser humano. é aplicável, tal como demonstraremos no ponto seguinte.



Fonte própria.

Figura 12 - Pormenores da instalação *Traços de Ti!*



Fonte própria.

Figura 13 - Plano geral da instalação *Traços de Ti!*

d) Resultados atingidos nesta atividade

Da intervenção pedagógica realizada podemos salientar alguns aspectos que evidenciam o caminho percorrido. Desde logo, os alunos manifestaram algumas resistências ao trabalho de grupo, sobretudo à exposição das suas posições face aos colegas de turma, o que desde logo confirma a análise feita inicialmente. No início, os alunos descreviam-se a si próprios como: “convencida e anti social”, “não perdoo quem me faz mal”; “... falo alto e sou intolerante, não suporto que me contradigam”, “gosto de tudo em mim...”, “defeitos não tenho”; reiterando uma vez mais a sua falta de tolerância e egocentrismo. Depois de explicado o tema do ano, alertámos para a importância do cuidado ao outro, por exemplo, de olhar um colega e percebermos se está triste, se precisa de alguma coisa. A importância desse cuidado pode fazer toda a diferença na vida dessa pessoa e enriquecemos a nossa. Alertamos para os momentos importantes do silêncio intrapessoal como a possibilidade de nos conhecermos e descobrir novas realidades, seja a realidade interior ou exterior. Após esta intervenção começou a notar-se nas expressões faciais alguma “seriedade”.

O desconforto acentuou-se quando os alunos souberam que, para além de terem de trabalhar em grupo, não poderiam escolher a pessoa da sua relação mais íntima para a partilha. Contudo, pouco tempo depois, já os grupos tinham identificado pontos em comum, a saber, futebol, dança, música, jogos, que nunca tinham sido objeto de conversa, mesmo tratando-se de alunos que partilhavam a turma e o dia-a-dia há pelo menos um ano. Ficou o desafio de, durante o ano, e não só no decorrer da atividade, a relação com esse colega perdurasse, o que acabou por acontecer e facilitou o processo de criação artística que se seguiu.

Se estávamos perante uma turma com bons resultados académicos, fruto de um empenho individualizado, este trabalho visou o aperfeiçoamento dos aspectos mais integrais ligados às competências humanas. Houve a necessidade de explicar aos alunos que estavam

no final de um ciclo de estudos, em que se espera deles que já tenham assumidas essas competências para que possam ser trabalhadas outras das quais necessitarão para as suas vidas.

No desenrolar de toda a atividade foram sendo notadas diferenças em todos os alunos. A rede de relações entre a turma foi-se alargando, exemplo disso foi o bom ambiente criado na escolha de um tema para a instalação, a seleção dos materiais. Notou-se preocupação na materialização das próprias ideias, uma vez que chegaram à conclusão que não chegariam a um bom resultado apenas com o somatório de várias boas peças, mas que teria que haver uma linguagem única e unificada. A turma percebeu que, para haver instalação, todos os alunos eram importantes, e que, se faltasse algum, ficaria incompleta. O facto de, a determinada altura, os alunos perceberem isso, fez com que tivessem uma motivação extra, tal como se pode verificar na avaliação feita pelos alunos que consta do Anexo 7: “...mas realmente fiz-nos ver que eramos muito competitivos e nem reparávamos que não nos conhecíamos de verdade, embora o colégio nos ofereça esse acompanhamento, acho que andávamos distraídos e que nem sabíamos que tínhamos tantas habilidades.”, “Até gostei, afinal o meu colega não era assim tão chato e arrogante, aquilo era só para disfarçar que era o maior. Se não fosse o projeto, talvez nunca me iria aproximar dele. “Aprendi a respeitar os meus colegas. A ver o mundo das relações de uma forma mais positiva e construtiva e acho que isso se vê na obra final. Todos trabalhámos em grupo e para um objetivo comum”.

Pelo que ficou dito, consideramos que os objetivos específicos estabelecidos para esta atividade foram totalmente atingidos.

5.2. Move_Te - Unidos pela arte!, uma experiência de expressão artística lúdica pela realização de um painel

a) Explicação da atividade

Esta atividade pretende ser uma experiência de expressão artística lúdica pela realização de um *workshop* de dois dias e esteve integrada na *festa das famílias*. Esta festa tem tradição iniciada em 1952 e constitui-se como um dos momentos altos da agenda do colégio. É um momento em que todos - alunos, pais, avós, professores, antigos alunos - mostram o dinamismo da comunidade educativa e se mobilizam para angariar fundos de apoio às missões jesuítas. Desde as atividades desportivas, às manifestações artísticas, pedagógicas e pastorais.

b) Objetivos específicos

Esta atividade tem como fim a criação de um painel coletivo de 80 metros para expor ao longo da fachada principal do colégio. Para envolver a família na actividade propusemos os seguintes objetivos: fomentar as relações entre as famílias e a comunidade escolar, desenvolver a formação integral entre várias gerações e experiências estéticas, desenvolver valores artísticos de expressão livre e interrelacionais com toda a comunidade educativa e as famílias dos alunos, sensibilizar a comunidade educativa para manifestações artísticas contemporâneas, proporcionar uma experiência artística pela exploração. E para trabalhar o nosso problema os nossos objetivos são: promover a empatia entre a turma, promover o sentido de pertença a uma identidade comum, para servir um bem maior, testar as relações da turma fora do contexto sala de aula, sentido de interajuda, responsabilidade, verificar se o grupo turma estava mais unido e avaliar melhorias no comportamento.

c) Descrição da implementação

À semelhança da primeira atividade, seguimos as etapas do Paradigma Pedagógico Inaciano exposto na primeira parte.

Contexto

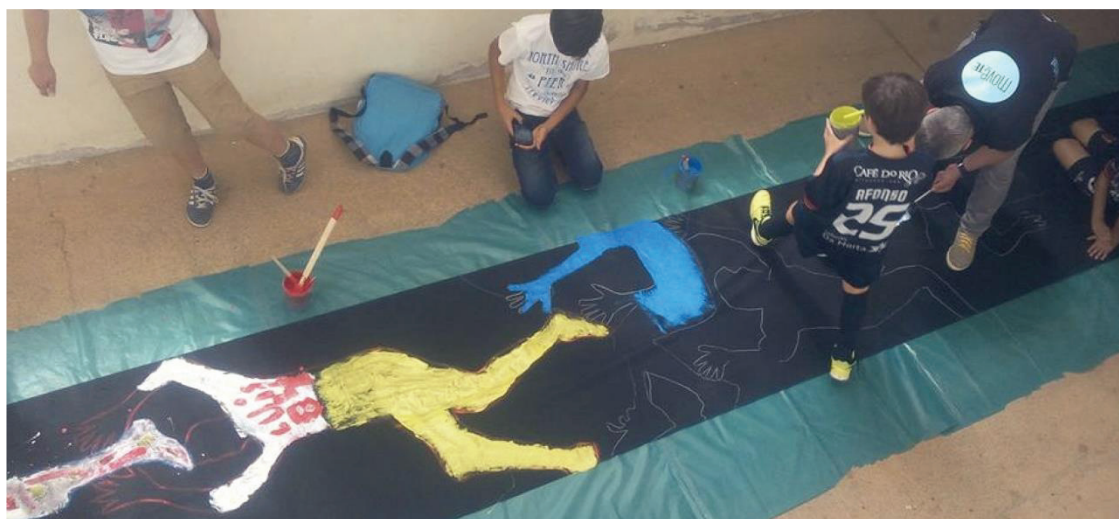
Verificada a fraca participação dos alunos e encarregados de educação na *festas das famílias* e como incentivo ao trabalho de grupo, surgiu a oportunidade de pensarmos numa atividade de criação artística que envolvesse encarregados de educação, alunos e professores. Numa perspetiva de demonstrar que a arte nos move e que pode ser uma experiência enriquecedora da vida humana - em todos os sentidos - e de que esta poderá ser transportada e levada a outros.

Esta atividade permitiu que os diferentes elementos da comunidade educativa reconheçam a importância do ensino artístico no currículo de estudos. *Move_Te - Unidos pela arte!*, ajudou na sensibilização da comunidade educativa para manifestações artísticas contemporâneas.

Experiência

Uma experiência artística pela exploração plástica de materiais, da forma e da cor. Envolveu a família na participação da aprendizagem dos alunos e ainda proporcionou um convívio entre professores, alunos, funcionários e familiares. A sensibilização da comunidade educativa em geral e, os participantes pais e familiares dos alunos, para a importância da arte

e do ensino artístico numa sociedade humanizada, equilibrada e de forte sentido de identidade e pertença foi o objetivo central desta iniciativa.



Fonte própria.

Figura 14 - Execução da atividade *Move_Te - Unidos pela arte!* – um pormenor.

Reflexão

Após a definição da atividade a realizar, os alunos, de forma natural, começaram a levantar questões como: “... mas para onde levamos a criação artística?, (...) para o campo de São João?, no pátio da Nossa Senhora?”, “Quantos metros vamos precisar?”, “Vamos precisar de muitos, para colar na fachada toda!”, “ Professora teremos tempo para organizar tudo até lá?”, “Pensando bem, vai ser muito fixe, estamos todos com os nossos pais, (...)”. Não ficaram indiferentes à proposta, pelo contrário parecia que nas suas mentes já se estava a passar o que viria acontecer.

A forma como as aulas foram decorrendo até chegar o dia da atividade da criação artística, foram muito interessantes, na medida em que algo de novo surgia. O que significa que já pensavam, juntamente com a família e entre eles (turma), quão interessante e rica em relacionamento a instalação viria a ser.

Ação

Na semana anterior à *festa das famílias*, os alunos já tinham adquirido o material necessário para a atividade (tintas, pinceis, 80 metros de tecido, ...). Entre eles combinaram o que podiam adquirir. Organizaram o espaço, os materiais e ainda a divulgação da atividade pelas turmas. Após a seção formal de abertura, iniciaram-se os trabalhos. Os alunos organizaram-se em grupos para orientarem as pessoas que gostariam de participar na peça artística. Nesta fase foi-lhes dada alguma autonomia na organização do grupo e na orientação da atividade. Autonomia esta, pensada em averiguar se o comportamento de relação era ou não mais positivo como se verificou no 2.º período.



Figura 15 - Pormenores da execução da atividade *Move_Te - Unidos pela arte!*

Avaliação

Em contexto sala de aula, partilhamos em grupo os pontos fortes e fracos da atividade. Como pontos fortes foram apontados, a obra em si, o trabalho de equipa, a interajuda, o respeito pela capacidade de cada um, a participação dos professores e dos seus familiares. Como ponto fraco foi apontado o facto de não poderem levar este trabalho para as suas casas.

d) Resultados atingidos nesta atividade

Esta atividade foi muito apreciada pelos pais, por outros alunos, docentes e não docentes, bem como pela comunidade dos educadores jesuítas. Durante a *festa das famílias* os alunos receberam muito bons *feedbacks* sobre esta iniciativa. Todos expressaram o interesse pela atividade e agradeceram a iniciativa. Os diretores pedagógicos do complexo educativo do Colégio das Caldinhas, enalteceram a pertinência da atividade, assim como o resultado final.

As técnicas do gabinete de apoio ao aluno ficaram surpreendidos pela positiva. Salientam-se algumas das observações citadas pelos participantes:

Professor 1: “Fantástico, o colégio está mais bonito, quando há arte há beleza!”

Professor 2: “Nota 10, a arte enriquece a nossa vida!”

Professor 3 (Artave – outra escola do Colégio): “A arte acrescenta valor à nossa vida, por isso só podia apreciar esta iniciativa, parabéns!”

Professor 4: “Que excelente iniciativa, tarde bem passada com tintas, gestos, liberdade espontaneidade de movimentos, muito bom.”

Professor 6: “Excelente iniciativa, a repetir sem dúvida!”

Professor 7: “São estas experiências que nos preenchem!”

Psicóloga (Oficina – outra escola do Colégio): “É muito gratificante ver o empenho e criatividade expressa através da arte, uma excelente iniciativa, painel coletivo com muito valor!”

Pai 1: “O meu filho só falava em casa, que a arte dá que pensar e que eu ia ficar surpreendido, assim foi estou muito surpreendido!”

Pai 2: “A escola devia promover mais este tipo de eventos artísticos, excelente!”

Mãe: “Fantástico! Que grande painel pintado, a fachada da escola vai ficar linda. Nunca pensei que fosse participar. O que pintei ficou muito bem. Obrigada, por me deixarem participar. Foi um dia com experiências diferentes!”

Também os alunos da turma implicada reagiram: “Espetacular! Todos querem pintar. Nunca imaginei que fôssemos conseguir que tantas pessoas e crianças passassem aqui para pintar, 80 metros uau!”, “Grande feito, estou exausta tudo isto dá muito trabalho, mas ficou lindo!”.



Figura 16 - Move_Te - Unidos pela arte! na fachada do Colégio.

Fonte própria.

Após estes testemunhos e já numa hora muito tardia da noite colocamos o painel no exterior da fachada do colégio.

De uma forma geral ninguém ficou indiferente, desde a execução *in loco* até ao resultado plástico final.

5.3. Estendal poético!, uma experiência da arte pela instalação pública.

a) Explicação da atividade

A poesia está na rua, foi uma atividade promovida pela Câmara Municipal de Santo Tirso para comemorar o Dia Mundial da Poesia.

Atividade realizada no 2.º Período e posteriormente exposta na avenida principal do Instituto Nun'Alvres e na Câmara Municipal de Santo Tirso. Foi também desenvolvida em parceria com todos os elementos do núcleo de estágio, em colaboração com todos os professores de Artes Visuais e de Língua Portuguesa, incluindo trabalhos realizados por todas as turmas. Embora fosse uma atividade colaborativa, cada professor teve a liberdade de definir um projeto individual que envolvesse peças de roupa e integrasse artisticamente a poesia.

b) Objetivos específicos

Foram delineados como objetivos específicos desta atividade colaborativa: celebrar a poesia, participar numa atividade comum a todas as escolas/instituições do concelho, criar um grande estendal com peças de roupa onde serão escritos poemas, permitir que os alunos reconheçam a importância do ensino artístico na escola atual, sensibilizar os alunos para manifestações artísticas contemporâneas, proporcionar uma experiência artística pela exploração dos materiais de registo, da forma e da cor.

c) Descrição da implementação

Tal como nas atividades precedentes, foi aplicado o Paradigma Pedagógico Inaciano, cujas fases percorreremos seguidamente.

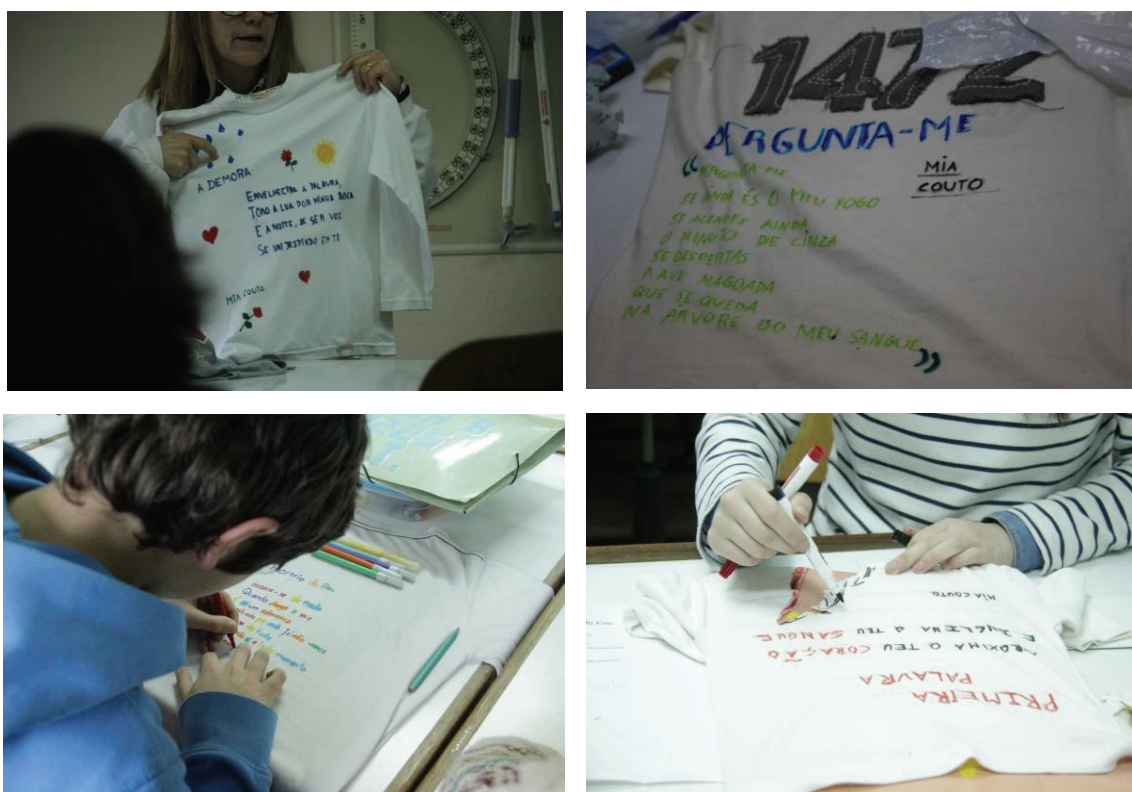
Contexto

Definimos a nossa intervenção a partir do poema “A Demora”, do autor Mia Couto. Este poema foi atribuído à turma pela professora de Língua Portuguesa. O nosso trabalho foi sempre em função do nosso objeto de estudo, a importância e o papel da arte como instrumento pedagógico. Desta forma, levámos os alunos a reconhecer a importância do ensino artístico na escola atual e sensibilizámo-los para manifestações artísticas. Partindo das

suas obras individuais e partilhando as suas diferenças de personalidade, tornando-os mais tolerantes e compreensivos para com as diferenças entre ele. Para além das aprendizagens curriculares estes projetos promoveram a relação afetiva entre os pares e professores. Neste projeto propusemos aos alunos que selecionassem uma peça de roupa que considerassem autorrepresentativa.

Experiência

Quase todos os alunos escolheram *t-shirts* e *tops* brancos e justificaram ser como uma tela em branco, pronta a ser pintada. Após essa seleção solicitámos-lhes a transcrição do poema para a peça de roupa. Aconselhámos os alunos para a necessidade de prestarem atenção ao enquadramento, ao significado das palavras, ao cromatismo a ser utilizado à escala da tipografia, ou seja, à composição tipográfica e às técnicas/matérias de registo mais adequadas às peças.



Fonte própria.

Figura 17 - Pormenores da execução da atividade *Estendal poético!*

Reflexão

Esta atividade levou os alunos ao exterior expondo as suas obras em dois locais distintos, na avenida do colégio e em frente à Camara de Santo Tirso, deixando-os novamente orgulhos. A caminho da Câmara muitos diziam:

A1 - “este ano é só arte, ...”;

A2 - “podes crer, nunca pensei fazer destas coisas, mais um projeto ainda me convencem a tirar um curso de artes, ehhhh...”;

A1 - “pois realmente, fazíamos postais de natal e já ficávamos todos felizes”;

A3 - “ou a prenda para o dia do pai...”;

A4 - “... também não é assim, eu fiz trabalhos bons em desenho com pontos de fuga, até desenhei o meu quarto”;

A1 - “está bem, mas isto que estamos a fazer este ano é bem diferente e como estamos no 9.º se calhar para o ano ainda escolho artes, na Oficina, podemos ir para audiovisuais ou multimédia; então eu preferia desenho 3D que também tem lá, para fazer casas, quartos...né?”

E por aqui continuou a conversa, foi muito gratificante ver que estas alunas estavam a pensar nas competências e habilidades despertadas e a pensar a sério no seu futuro académico e profissional.

Ação

No seguimento do planeado, cada aluno trouxe uma peça de roupa e transformou-a plasticamente. Nesta fase, os alunos interpretaram o poema e fizeram uma composição plástica. Experimentaram vários materiais, enquadramentos, escalas, cores, texturas.

Avaliação

Em contexto sala de aula realizou-se a avaliação da atividade com os pontos fortes e fracos. Como pontos fortes destacaram a possibilidade de a instalação artística estar exposta em dois locais públicos. A possibilidade de participar no encontro com o autor do poema Mia Couto. Como ponto fraco destacaram a impossibilidade de realizar perguntas ao escritor Mia Couto.



Fonte própria.

Figura 18 - Exposição pública do *Estendal poético!*

d) Resultados atingidos nesta atividade

A participação na atividade *Estendal poético!*, proposto pela professora responsável da biblioteca Dr.^a Maria José Carvalho em parceria com a Câmara Municipal de Santo Tirso, levou os alunos a adquirirem competências de trabalho em equipa. A participação ativa na comunidade surge, também, como corolário natural do desenvolvimento interpessoal e artístico. Conciliar a poesia a um suporte visual diferente do que estamos habituados a observar, foi crucial para desenvolverem habilidades como a criatividade e a crítica. Os alunos foram capazes de interagir uns com os outros sem perder a individualidade, tiveram em consideração a opinião dos outros, quando justificada, numa atitude construtiva, conseguiram cumprir as tarefas estipuladas tanto de carácter individual como coletivo, conseguiram

provocar uma emoção estética, foram originais e comunicaram de forma aberta à comunidade educativa e exterior.

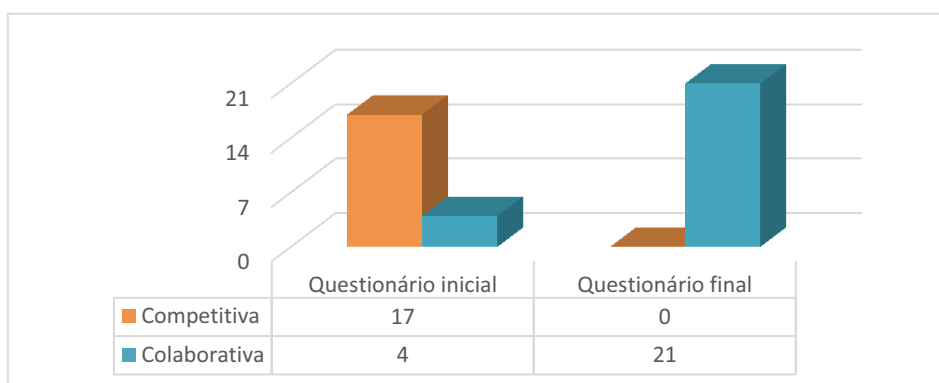
Esta atividade fez com que todos os alunos envolvidos obtivessem reconhecimento em relação ao trabalho produzido, ao envolvimento entusiástico, bem como ao comportamento no exterior aquando da visita à Câmara de Santo Tirso na seção de abertura da semana da poesia. Estes foram aspetos que enriqueceram a aprendizagem e experiência da turma. Sem entenderem muito bem, sentiam-se especiais, após os cumprimentos da responsável pela biblioteca, Dr.^a Maria José, dos professores da turma, da direção da escola e ainda do Presidente da Câmara Municipal, Dr. Joaquim Couto, e da Vereadora da educação Dr.^a Ana Maria Ferreira.

CAPÍTULO 6 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

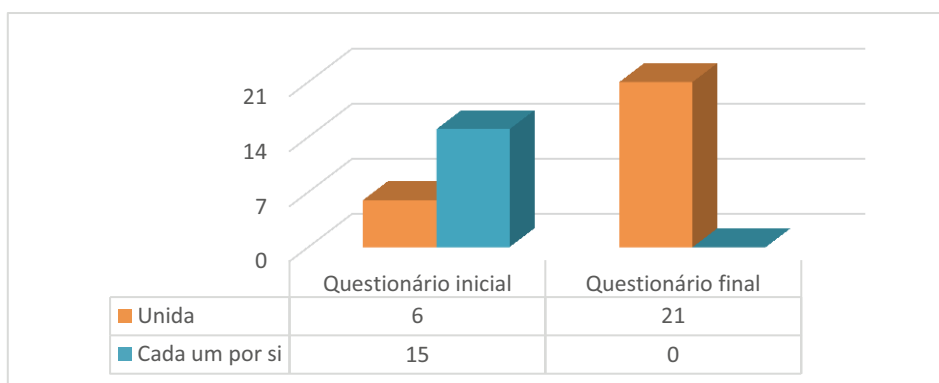
No final da prática pedagógica, com o intuito de aferirmos se as metodologias adotadas responderam à hipótese por nós formulada de o ensino das artes visuais poder transformar o modo como os alunos se viam e se relacionavam, aplicámos novamente um questionário semelhante ao inicial, para posteriormente cruzarmos todos os dados. (Conferir anexos 8 e 9) Questionámos desse modo, se as artes podem, efetivamente, transformar o ser humano e se as ações levadas a cabo atingiram os objetivos.

O que se segue é uma visão comparada dos resultados dos questionários inicial e final. Optámos por usar gráficos de barras e de áreas, consoante a matéria em análise, de modo que a mancha gráfica melhor nos permita evidenciar o resultado alcançado com as práticas pedagógicas.

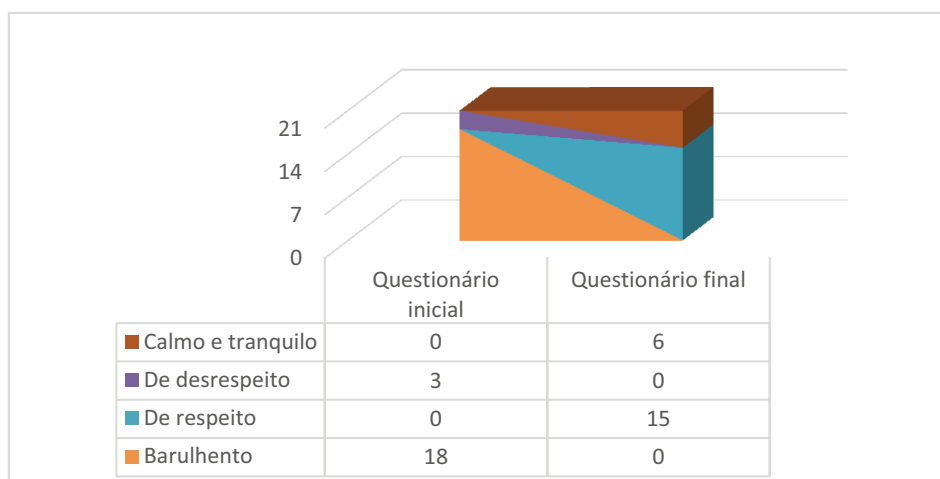
1. Como classificas a tua turma:



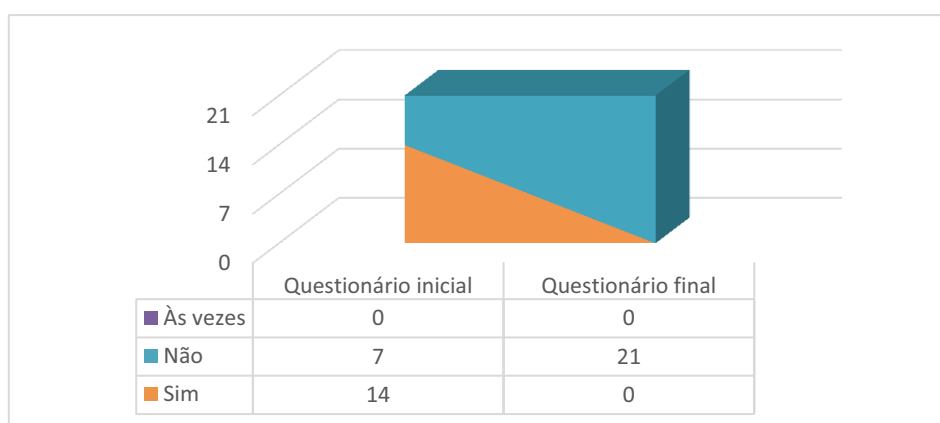
2. A tua turma é:



3. O ambiente geral da turma é:



4. Existem conflitos na turma?



4.1. Se sim, qual a razão mais frequente?

“Gozo; interesses diferentes: mentiras.”

“Infantilidade da turma; bocas.”

“Os conflitos mais frequentes são quando estamos em grupo, a maior parte não quer fazer nada e depois há problemas.”

“Os rapazes, são muito infantis e barrulhentos, estão sempre a gozar-nos.”

“Os mais frequentes são quando apresentamos trabalhos, esta turma só pensa nos resultados, todos querem ser os melhores. Principalmente as raparigas, são muito invejosas.”

“Não sabem partilhar as ideias, acham que depois vamos copiar.”

“Muitas vezes, os males entendidos, um diz uma coisa, depois outro diz outra, e o “diz que diz” dá logo confusão na turma.”

“Quando existe a irresponsabilidade de alguém que falhou às responsabilidades e falha com os outros.”

“Há sempre problemas quando nos juntamos. Há sempre colegas que querem sempre ser os

melhores, não ouvem os outros e querem impor a sua ideia.”

“Quando alguém se gaba que é o ou a melhor nos testes.”

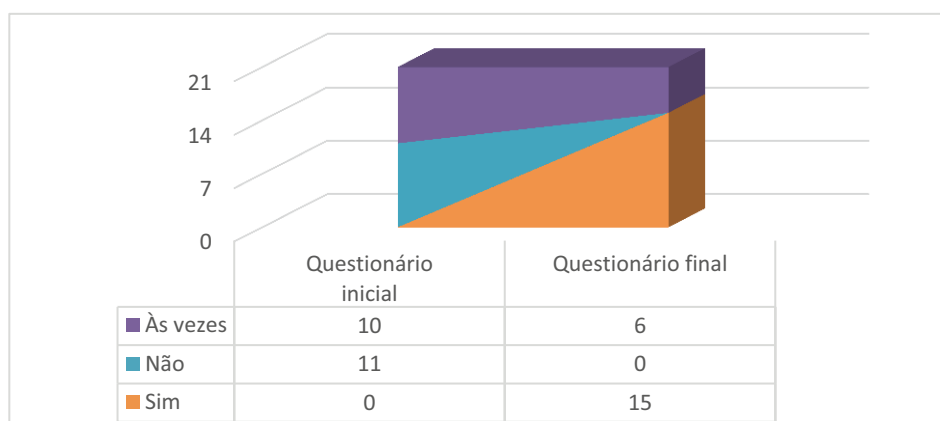
“Sempre que alguém quer sobressair.”

“É mais frequente nas aulas práticas, quando temos tarefas individuais, exercícios, ler, etc, fica tudo tranquilo.”

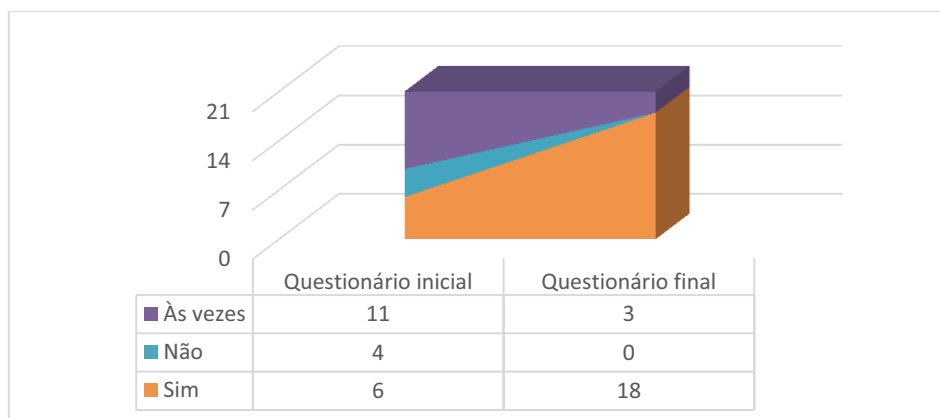
“Risos; olhares; gestos.”

“Comentários baixinhos; olhares; gozo.”

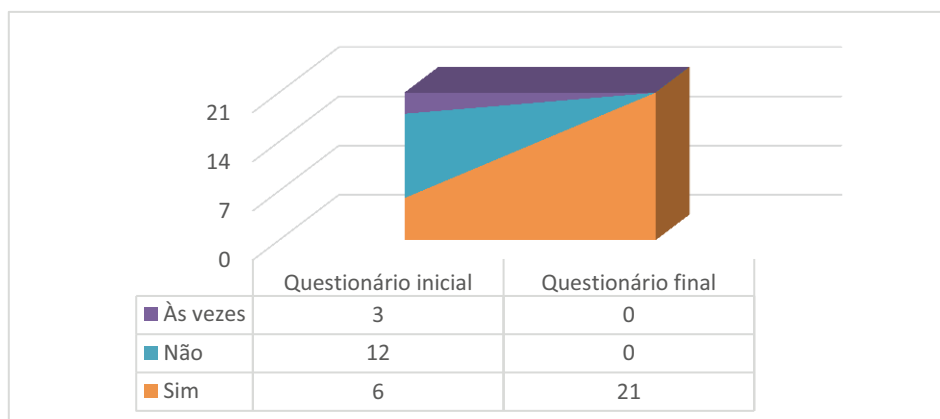
5. *Sentes-te valorizado(a) na turma?*



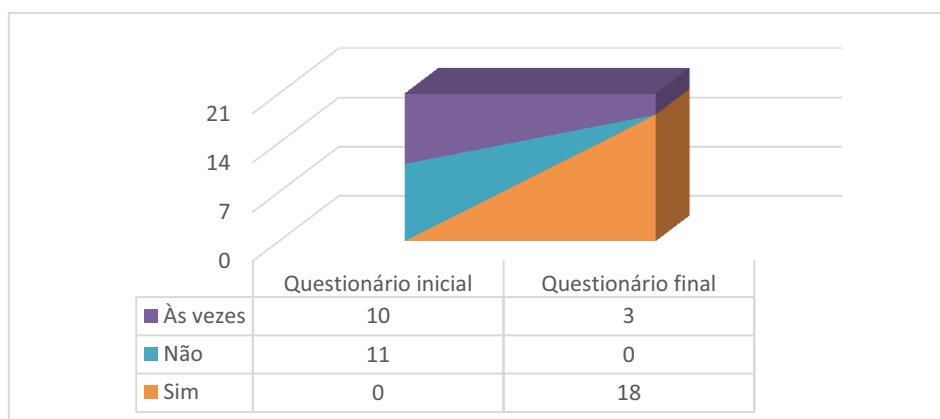
6. *És responsável?*



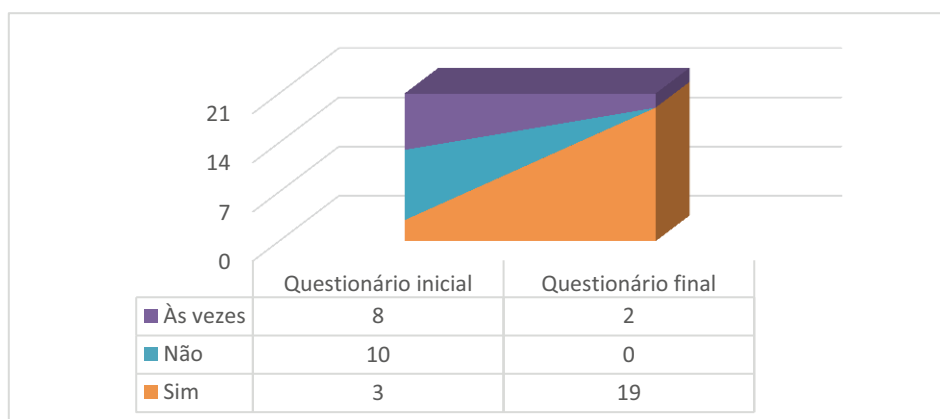
7. *Esperas pela tua vez para falares?*



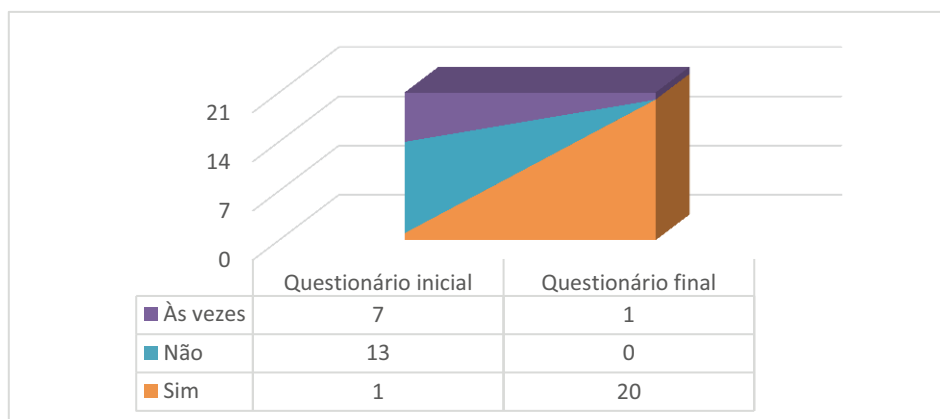
8. *Ofereces-te para ajudar nas dificuldades?*



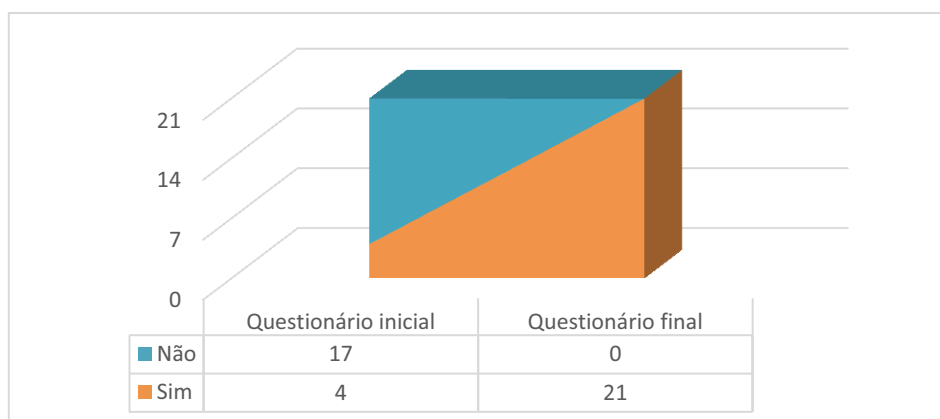
9. *Pedes ajuda?*



10. Ouves com atenção o que os teus colegas dizem?



11. Gostas de fazer trabalho de grupo?



11.1. Se respondeste gosto, quais as razões?

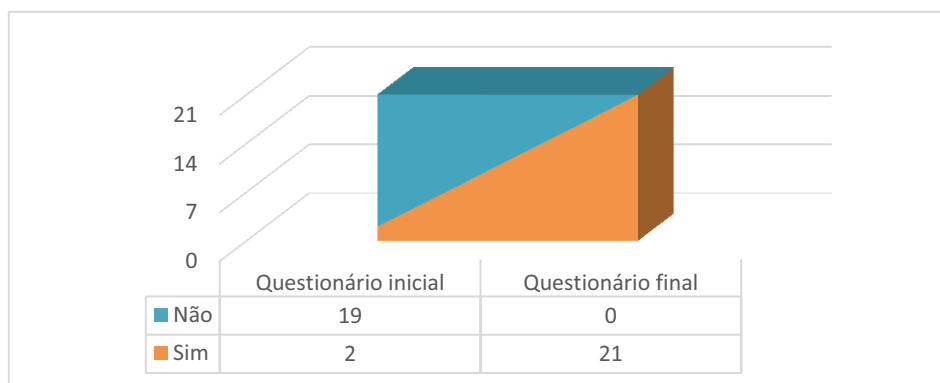
A1	Questionário inicial	“Gosto de partilhar ideias; gosto de descobrir coisas novas em grupo.”
	Questionário final	“Sim, pois mudamos a forma de estar em grupo. Estamos mais calmos. Cada um expõe as suas ideias, gerimos melhor o tempo e as tarefas de cada um. Ao colaboramos, todos saímos a ganhar.”
A2	Questionário inicial	“Gosto de investigar; aprendemos mais.”
	Questionário final	“Gosto, pois a turma aprendeu a trabalhar uns com os outros. Aceitando as diferenças de cada um. Identificar as nossas reações e a dos outros, em certas situações evita muitos desentendimentos. E isso, reflete-se no ambiente da turma e no resultado do trabalho de grupo, nem sei bem explicar o que sinto... foram tantas experiências e passou tudo tão rápido, mas adorei!”

A3	Questionário inicial	“ São mais pessoas, ajudar.”
	Questionário final	“Gosto, porque a turma, está mais atenta, mais serena e mais unida nas relações. Até melhoramos os resultados em trabalho de grupo, pois estamos mais conscientes que na vida não somos nada sozinhos, precisamos de ajudar e ser ajudados. E realmente, juntos vamos mais longe. E sozinhos vamos mais rápido, mas mais empobrecidos.”
A4	Questionário inicial	“Gosto, se o grupo for responsável e dividir bem as tarefas de cada um. ”
	Questionário final	“Sim, pois aprendemos a importância e o valor que cada um tem num trabalho coletivo. Mudamos aquele pensamento de que sozinho sou melhor. Ao partilharmos ideias entre todos, substituímos a responsabilidade do trabalho individual pela responsabilidade mútua partilhada, não vou esquecer estas atividades. Tiveram muito valor. Até tenho um pouco de vergonha quando penso como eramos... crescemos muito.”
A5	Questionário inicial	“Há pessoas que não sabem trabalhar em grupo e acabo sempre por ter de fazer pelos outros.”
	Questionário final	“Gostei, melhoramos a nossa relação, também ficamos mais atentos a outras pessoas da nossa vida. Nunca vou esquecer estas experiências. Sentir que ninguém falhou, que cada um teve um lugar, foi maravilhoso.”
A6	Questionário inicial	“ Não se aprende, só há confusão nos trabalhos de grupo.”
	Questionário final	“Gostei, porque a turma colaborou, assumiu e cumpriu com as suas responsabilidades individuais dentro do seu grupo, para a realização de um projeto comum a todos.”
A7	Questionário inicial	“Não sabem partilhar as ideias, acham que depois vamos copiar.”
	Questionário final	“Gostei, pois ninguém podia falhar. Todos dependíamos de todos, assim todos tiveram de participar.”
A8	Questionário inicial	“Porque não gosto de depender dos outros.”
	Questionário final	“Gostei, porque ninguém falhou com o que lhe competia. Acho que toda a turma percebeu a importância que cada um pode ter dentro de um grupo. E acima de tudo é nas nossas relações que existe os problemas ou as soluções. E nós escolhemos a partir dos nossos problemas ser a solução.”

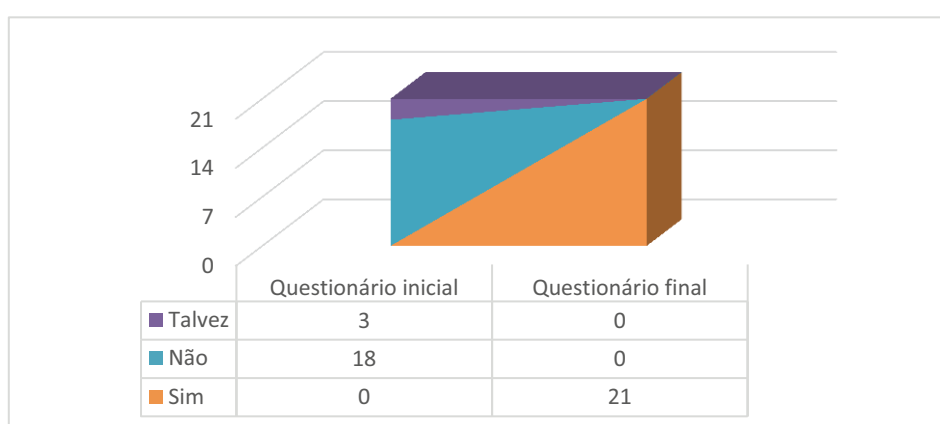
A9	Questionário inicial	“Falta de responsabilidade, dificuldade em dividir e cumprir tarefas. Falta de colaboração dentro dos grupos.”
	Questionário final	“Sim, pois estivemos focados em processos criativos e de relação com os outros e nem nos lembramos das notas.”
A10	Questionário inicial	“Porque as notas são injustas, há sempre quem trabalhe mais. E às vezes as notas são iguais, dentro dos grupos, há sempre que faça mais.”
	Questionário final	“Gostei, a turma mudou o comportamento e o interesse pelo trabalho de grupo. Aprendemos a trabalhar com as características de cada um e estamos também mais atentos aqueles que têm dificuldades em pedir ajuda.”
A11	Questionário inicial	“Tiro melhores notas nos testes do que nos trabalhos de grupo.”
	Questionário final	“Gostei, porque trabalhamos numa verdadeira equipa. Tínhamos um objetivo claro, todos chegamos ao fim com o contributo de cada um. Ninguém fez o trabalho por ninguém.”
A12	Questionário inicial	“Porque é difícil trabalharmos juntos, para isso era preciso que todos cumprissem.”
	Questionário final	“Sim, gostei a turma trabalhou toda e isso foi bom. A turma colaborou e mudou de opinião. Se soubermos dividir as tarefas, gerir o tempo e comprometermo-nos uns com os outros, o trabalho de grupo é mais prazeroso, justo e até divertido.”
A13	Questionário inicial	“As aulas de trabalho de grupo, são barulhentas e confusas.”
	Questionário final	“Gostei. Trabalhamos todos e a turma melhorou muito na participação. Acho que todos aprendemos a gostar mais de trabalhar uns com os outros. Até a nossa relação mudou, para melhor, claro!”
A14	Questionário inicial	“As notas de grupo são injustas.”
	Questionário final	“Gostei muito, pois nem houve gozo, nem confusão. E ainda houve resultados reais de cada um. Desta vez, trabalhar em grupo, foi mesmo a sério. Tínhamos que fazer todos na aula, partilhar ideias, tomar decisões e fazer as peças.”
A15	Questionário inicial	“Não gosto, porque ainda não tive uma experiência boa em trabalhos de grupo.”
	Questionário final	“Sim, gostei. E acho que todos gostamos, resultou num trabalho coletivo, com o esforço de todos os meus colegas de turma.”

A16	Questionário inicial	“Não gosto, porque não há interajuda”
	Questionário final	“Gostei, todos cumprimos com as tarefas e ainda mudamos a ideia de competição. Podemos ir mais longe até mesmo nas notas, se tivermos este espírito de interajuda e colaboração.”
A17	Questionário inicial	“Porque sou melhor a estudar sozinha e tiro melhores notas nos testes.”
	Questionário final	“Gostei, muito. Todos chegamos ao fim com a nossa parte do trabalho, não faltou ninguém na peça final.”
A18	Questionário inicial	“Porque as notas não são justas.”
	Questionário final	“Gostei, as tarefas estavam bem definidas e o tempo programado. Todos tinham o que fazer e sabiam o que tinham de fazer, até começamos a pedir trabalhos de grupo noutras disciplinas.”
A19	Questionário inicial	“Estamos mais descontraídos e não conseguimos cumprir com algumas tarefas.”
	Questionário final	“Gostei, foi diferente, nem nos lembramos das notas.”
A20	Questionário inicial	“Não consigo trabalhar em grupo, gosto de investigar sozinha.”
	Questionário final	“Gostei, melhoramos a nossa relação e todos trabalharam. Aprendemos a respeitar as ideias dos outros.”
A21	Questionário inicial	“Não gosto, porque as notas não são justas.”
	Questionário final	“Sim, gostei bastante. Foi diferente. Não houve gozo. Estivemos muito empenhados e tranquilos, o que por acaso foi estranho! Cumprir com as tarefas e o tempo previsto foi um desafio para mim.”

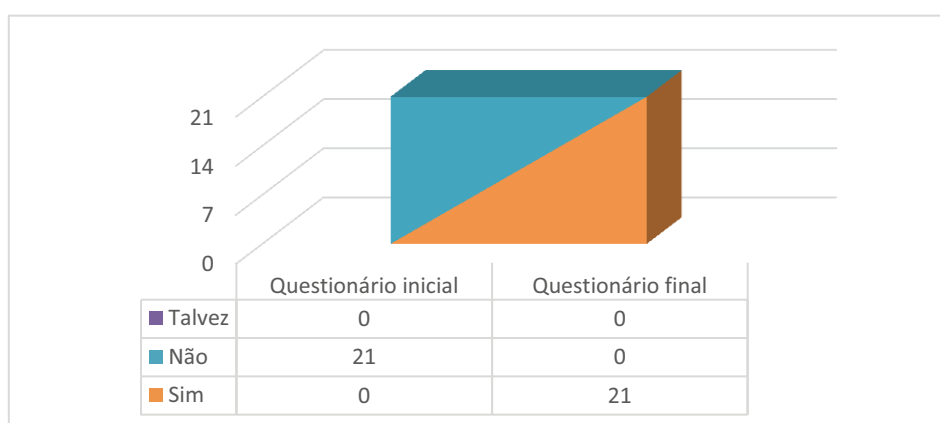
12. Já participaste em atividades artísticas?



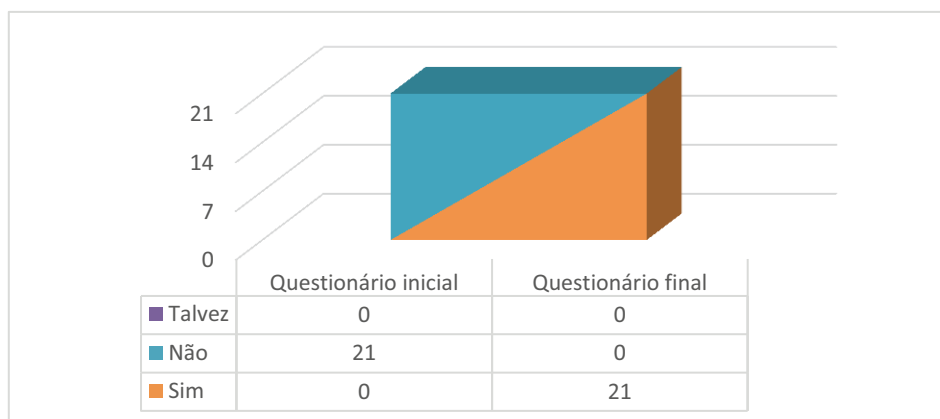
13. Achas que a arte pode ajudar na aproximação das pessoas?



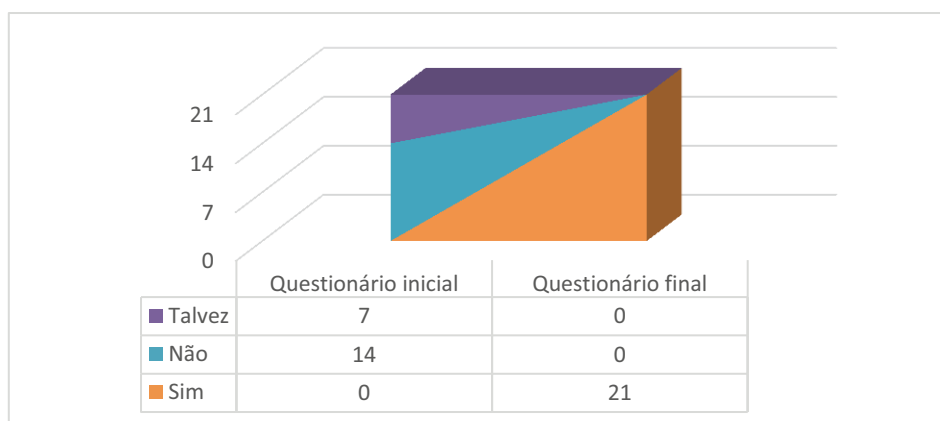
14. Achas possível a arte educar?



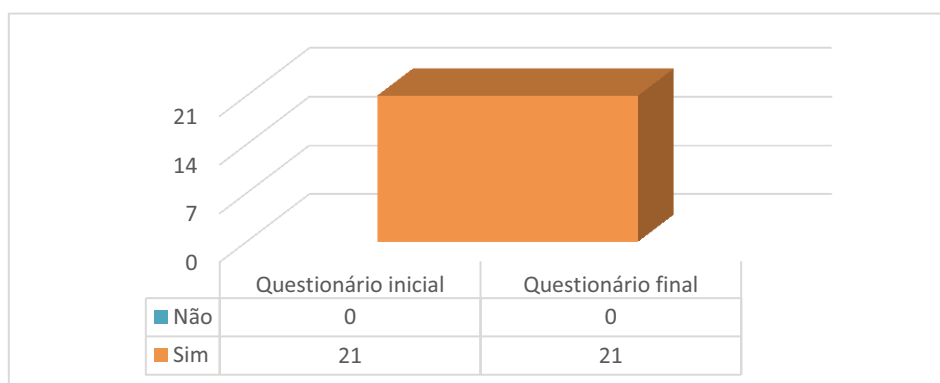
15. *Achas que a arte pode transformar o ser humano?*



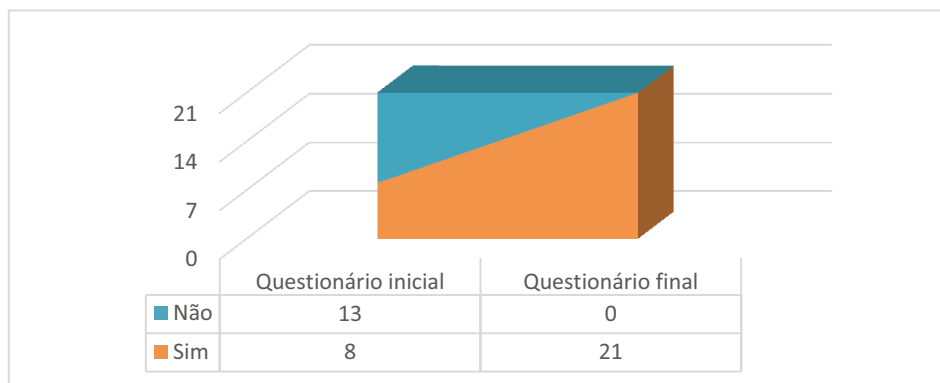
16. *Pode a arte melhorar a vossa relação?*



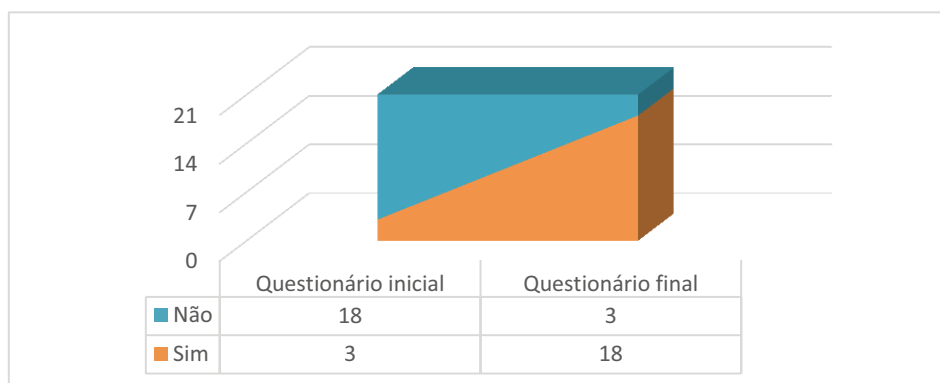
17. *Consideras a festa das famílias uma boa oportunidade para trazer os pais à escola?*



18. *Costumas participar na festa das famílias?(inicial)*
Participaste na festa das famílias?(final)



19. *Os teus pais costumam participar na festa das famílias?(inicial)*
Os teus pais participaram na festa das famílias? (final)



Da observação dos dados apresentados podemos concluir que o impacto da estratégia por nós adotada e da metodologia implementada - paradigma pedagógico iniciano-, foi positiva. Face aos resultados apresentados, constatamos que a turma viveu todo o processo de aprendizagem como uma oportunidade de integrar os valores humanos. Na sua generalidade a turma passou gradualmente a ser mais colaborativa, mais unida, o ambiente geral mais calmo e de respeito. Sentem-se mais valorizados pelos colegas, aprenderam a escutar os outros e a não interromper nas exposições orais, (Cf. questões 1, 2, 3, 5, 7 e 10). O contexto foi essencial, pois a experiência não acontece no “vazio”, a experiência dá-se no contexto, alunos e professores estão implicados na aprendizagem, a refletir sobre o que sentem, o que pensam, o que sabem e que ideias que têm. A contextualização considera as pessoas e o que elas pensam e sentem. Descobrimo o que as motiva, direciona, adapta a aprendizagem, é mais fácil construir uma ponte entre aluno e professor. Desta forma, a nossa ação parte do real, os alunos partem da sua realidade para a aprendizagem. De acordo com o filósofo Fernando Savater, já citado, a educação possibilita tornar-nos conscientes da realidade dos outros,

seremos pessoas e não meros objetos e acima de tudo sermos protagonistas da nossa vida (Cf. 2006:45). Verificámos a evolução deste processo nos vários exercícios sobre a visão de cada um sobre o outro. No início foi difícil, uma vez que não se escutavam e não estavam abertos ao diálogo partilhado. Após a sensibilização para o tema e com a ação de reflexão a interiorização sobre as questões: “como posso ser individual sem ser individualista, e “como posso ser grupo sem “grupismo””, verificaram-se algumas mudanças na atitude e um esforço para alterar esse comportamento. Esta fase foi importante, na medida em que constatámos por várias vezes que as expressões faciais dos alunos mudavam rapidamente quando essa característica menos positiva deles sobressaía.

Aprenderam a “(...) educar os seus instintos, o seu temperamento, os hábitos maus adquiridos, inconscientes...” (Lopes, 2003b:355).

Viver a experiência é uma atitude inspirada nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, é um dar-se conta de si mesmo e perceber como me relaciono com cada assunto: isso entusiasma-me? Aborrece-me? Agradá-me? Inquieta-me?

Quanto à questão relacional da turma e seus conflitos, no questionário inicial só sete alunos é que afirmaram não haver problemas na turma. Os restantes catorze alunos identificaram a origem dos conflitos provinha maioritariamente do gozo, dos trabalhos em grupo, do barulho, da irresponsabilidade, da falta de compromisso, da falta de maturidade da turma. No final verificamos que estes aspetos se anularam completamente (Cf. questões 4.1 e 6). No que respeita às questões de interajuda, os alunos, para além de ajudarem os outros, também ultrapassaram a dificuldade em pedir ajuda. Os alunos entenderam que pedir ajuda não era uma fraqueza. (Cf. questões 8 e 9). Estas respostas estão muito relacionadas com as experiências de criação artísticas. Contribuíram para melhorar todo o processo de educação integral dos alunos na medida em que houve alterações de comportamentos da passagem de atitude pessoal em relação às atividades de grupo. Como podemos verificar na questão 11.1 que passaremos a analisar as principais mudanças:

Nos alunos A1 e A2, passam de um gostar pessoal, para o gostar de partilha, aqui o outro é incluído, no entanto, no A2, a mudança é mais significativa, reconhece que a importância da escuta, da observação dos colegas contribui para um ambiente pacífico de trabalho. Para este aluno as atividades foram uma experiência estética tão marcante que nem sabia dizer o que sentia: “(...) nem sei bem explicar o que sinto... foram tantas experiências e passou tudo tão rápido, mas adorei!”; Outros alunos que mostram alterações humanas através da reflexão e avaliação sobre as experiências das atividades artísticas, expressam o sentimento de experiências prazerosas pelo poder de transformação, inspiração que os levou a partir da própria vida, partir à descoberta de si, do mundo e do outro. Vejamos o exemplo dos

seguintes alunos. A2: “(...) aceitando as diferenças de cada um. Identificar as nossas reações e a dos outros, em certas situações evita muitos desentendimentos.”, A3: “(...) precisamos de ajudar e ser ajudados. Juntos vamos mais longe. E sozinhos vamos mais rápido, mas mais empobrecidos.”, A4: “(...) responsabilidade mútua partilhada, não vou esquecer estas atividades. Tiveram muito valor. Até tenho um pouco de vergonha quando penso como eramos...”

Os alunos sentiram a importância do compromisso, espírito de interajuda e sentido de grupo, e isto requer capacidades de atuação para promover as qualidades do outro, como capacidade de aprender a lidar primeiro as relações intra e interpessoais. Aprenderam a importância da relação do diálogo, do respeito pelas diferenças, A5: “(...) nunca vou esquecer estas experiências. Sentir que ninguém falhou, que cada um teve um lugar, foi maravilhoso”; A6: “(...) a turma colaborou, assumiu e cumpriu com as suas responsabilidades individuais dentro do seu grupo”, A11: “(...) trabalhamos numa verdadeira equipa. Ninguém fez o trabalho por ninguém”, A12: “(...) Se soubermos dividir as tarefas, gerir o tempo e comprometermo-nos uns com os outros, o trabalho de grupo é mais prazeroso, justo e até divertido”; A20: “(...) Estivemos muito empenhados e tranquilos, o que por acaso foi estranho! Cumprir com as tarefas e o tempo previsto foi um desafio para mim.”

Esclarín afirma que temos de educar a razão e o coração, a inteligência e os sentimentos, a memória e a imaginação, a vontade e a liberdade. Educar os sentidos, educar cada pessoa como cidadão do mundo, filho da sua aldeia, da sua região ou do seu país.”(Cf. 2011: 21). Consideramos que as atividades propostas tiveram muita influência na mudança de atitudes observada.

O aluno A9 evidencia uma mudança significativa em relação à avaliação. Este aluno no início referia-se à avaliação como algo muito pessoal, individual, dependendo só de si os resultados e excluía o trabalho colaborativo em detrimento da sua capacidade individual de atingir melhores resultados:

A9	Questionário inicial	<i>“(...) E acima de tudo, nos trabalhos de grupo as notas são injustas!”</i>
	Questionário final	<i>“Sim, pois estivemos focados em processos criativos e de relação com os outros e nem nos lembramos das notas.”</i>

Verificámos que este aluno revela que viveu todo o processo com entusiasmo e não esteve preocupado com o resultado em si, mas pela experiência de todo o processo de aprendizagem. Verificámos que o aluno *ressignificou* a sua avaliação.

Relativamente às questões sobre a possibilidade de a arte poder aproximar as pessoas, poder educar, transformar o ser humano e melhorar a relação (Cf. questões 13-16),

verificamos que os alunos mudaram radicalmente de opinião. Uma vez percebido no contexto, a realidade da turma e de cada aluno (gostos, dificuldades, temperamento, relacionamento com os outros, as amizades...), a planificação das atividades foi feita de acordo com a realidade da turma. Tal como vimos na visão de Tolstoi: «A arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar» (2002:15). A arte educa sentimentos, a arte concebe situações inexistentes, permite que se experiencie o imaginário, dá forma e corpo à experiência de perceber. A arte permite ao aluno comunicar seus afetos, sentimentos, ideias, comportamentos, desejos. A arte humaniza, «(...) a arte é um meio de intercâmbio humano, necessário para a vida e para o movimento em direção ao bem de cada homem e da humanidade, unindo-os em um mesmo sentimento» (*Idem*: 77). Também Eisner (2002) afirma que as artes têm o objetivo ajudar os alunos a desenvolver a imaginação, a iniciativa, a criatividade, a capacidade de planificação e a cooperação. Favorecem o desenvolvimento do fazer, da experiência, da ação, da reflexão e do contato com o mundo real.

Em síntese, através destes resultados concluímos que os alunos compreenderam as potencialidades da arte para a formação humana, pela experiência de várias estratégias criativas de forma autónoma e orientada. As experiências da educação pela arte ampliaram e enriqueceram a nossa vida, o nosso olhar, e o deles. A educação pela arte deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa espírito, corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. A arte é caminho que o aluno pode percorrer para tornar o aprender uma realidade. A arte é a resposta esperada pois, como vimos, envolve inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. É a alternativa capaz de acabar com o medo da desumanização do mundo, hoje fortemente relacionada com a evolução técnica e tecnológica. A arte permite ao homem conhecer e compreender o mundo que o rodeia e assim reunir condições de agir nele como pessoa comprometida, responsável e justa.

Vimos nas questões sobre a *feira das famílias* que a participação destes alunos e dos seus familiares era muito fraca (*Cf.* questões 18 e 19). A organização da atividade *Move-Te!*, foi muito importante para a participação dos pais. Integrar várias gerações e experiências estéticas. Pelo facto dos próprios filhos estarem envolvidos, este ano inverteram-se os números, estes dados são curiosos, porque no ano anterior só três é que tinham participado e este ano só três é que não participaram, no entanto, sabemos que estes não compareceram por motivos profissionais. Também se verificou uma grande alteração na participação dos alunos, no ano anterior só oito é que tinham participado, e neste devido à construção de laços afetivos,

entusiasmo, vontade de estar juntos e orgulho de mostrar os trabalhos e as novas competências humanas vieram todos e durante os dois dias. A ação proporcionou oportunidades para os alunos aplicarem e refletirem sobre o conteúdo aprendido em cada tema estudado. A ação procurou exercitar a vontade dos alunos numa direção determinada, da qual eles são conscientes. A descoberta de si, dos outros e do mundo, pela experiência da própria realidade vivida, manifestaram-se nas atividades desenvolvidas, nas posturas e atitudes (interiores ou exteriores), e pelas respostas conquistadas durante o processo de aprendizagem. Aproveitaram e canalizaram os sentimentos (ânimo, entusiasmo, curiosidade e interesse) que surgiram frente ao conhecimento apropriado (conteúdos, valores, autoconhecimento...) e levaram o aluno a mobilizar a sua vontade para aderir livremente àquela alternativa de ação mais consistente, coerente e conseqüente com os seus valores e convicções.

Estas atividades possibilitaram aos alunos uma avaliação do seu desenvolvimento global conduzindo-os a uma transformação como pessoas. Pelo questionário final constatou-se que todas as etapas da aprendizagem bem como os resultados obtidos foram bastante satisfatórias.

Avaliação da interação e da empatia com os alunos, o diálogo pessoal e os exercícios de autoavaliação sobre as atividades que realizaram, proporcionaram aos alunos uma real reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem.

O crescimento e desenvolvimento dos alunos não podem ser reduzidos a uma mera metodologia. Por isso, inclui uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar. Também proporciona os critérios para a seleção dos recursos a serem usados no processo da educação.

O questionário final foi aplicado depois da realização de todas as atividades, no final do 3.º período. Constatámos que as mudanças de valores destas respostas são radicais, muito pela influência do envolvimento pessoal de cada um, da implicação que tiveram durante todo o processo. Verificámos que passaram por várias experiências de colaboração com significado muito pessoal que os levou de um “*eu*” para um “*nós*”. Estes alunos, no início, tinham uma abordagem mais agressiva que se foi dissipando ao longo do 2.º e 3.º períodos.

Na reunião de avaliação do 3.º período, o conselho de turma foi unânime em reconhecer que estas atividades mudaram significativamente o modo de estar dos alunos, tornaram-se mais dóceis, atentos aos colegas e mesmo aos professores. O respeito e o interesse pelos colegas que habitualmente eram alvo de apreciações negativas em discussões de aula também foi uma mudança louvada pelos professores.

Consideramos que as alterações que foram verificadas mantêm um vínculo com as ideias expostas na primeira parte do relatório, traduzidas depois na prática das experiências

artísticas sugerindo a sua utilização na formação de valores em contexto escolar. Vejamos, finalmente, as conclusões do nosso relatório.

CONCLUSÃO

Identificámos na introdução deste relatório um problema pedagógico na turma do 9.º ano do Instituto Nun'Alvres onde foi desenvolvido o nosso estágio. Esse problema era, nomeadamente, de *ordem relacional*, os alunos eram muito competitivos, individualistas e tinham muitas dificuldades em ouvir os outros e em trabalhar em grupo. Já depois de algumas ações de sensibilização, confirmámos o problema. A hipótese de o ensino das artes visuais poder transformar o modo como os alunos se viam e se relacionavam entre si, foi tomando corpo. Será que as artes podem transformar o ser humano? Mais especificamente, em que medida as artes visuais podem transformar o ser humano na sua dimensão relacional?

Quais os pressupostos para esta hipótese? Dado que desenvolvemos a nossa atividade profissional numa escola da Companhia de Jesus, já tínhamos alguma familiaridade com a pedagogia inaciana, onde o percurso feito ao longo destes anos nos ajudasse a aprofundar e a assimilar com a teoria aquilo que vem sendo a nossa *praxis* pedagógica.

Para testarmos a hipótese formulada, propusemos aos alunos a participação em três atividades distintas de caráter artístico e coletivo, mas com os mesmos objetivos gerais: melhorar as relações afetivas entre os alunos, promover o respeito e a aceitação das diferenças, promover a interajuda e a colaboração, proporcionar aos alunos experiências artísticas, estimular a imaginação e a criação a partir das suas próprias vidas; implicar os alunos em experiências significativas para a vida, desenvolver trabalhos artísticos através da experimentação e a partir da própria realidade, evidenciar a experiência estética como indispensável a todo o ser humano. Cada uma destas atividades: *Traços de Ti!*, *Move_Te!* – *Unidos pela arte*, e *Estendal poético!*, teve depois objetivos específicos, para trabalhar nos alunos aspetos diferentes que encontrámos na fundamentação teórica. Formar homens e mulheres *com e para* os outros numa lógica *integral* deu-nos o mote para que a arte pudesse ser uma ajuda na transformação destes alunos. A pedagogia inaciana revelou-se uma metodologia pronta a receber, por via da arte, uma ferramenta em nosso entender bastante útil. Reforço disso é também visível na visão de Quintás, quando faz referência à pedagogia de "encontro", relação do aluno e da experiência de criação artística de todo o processo criativo. Educar pela arte ajudou-nos a ver, num espaço de tempo relativamente reduzido, alterações significativas nos alunos em estudo.

Após a nossa intervenção, podemos concluir que houve uma alteração na maneira como estes alunos se relacionaram uns com os outros e se dispuseram ao diálogo. Para além da análise comparativa dos questionários aplicados à turma, a avaliação da atividade *Traços*

de Ti! revela algumas dessas alterações que vieram a ser validadas pela reunião de conselho de turma do final do ano.

No primeiro capítulo, que versa a formação integral, vimos como a ação do educador deve ir na linha do *educere*, uma vez que este verbo nos remete para a atitude da pessoa que se deixa conduzir, e assim, se torna no principal agente no processo de educação. A passagem de *educare* a *educere*, torna-se imperiosa, uma vez que a educação não deve só transmitir saberes, mas sim transformar os saberes em conhecimento prático. Foi o que tentámos colocar em prática com os nossos alunos, guiando-os para que fossem agentes ativos na solução do problema da turma, nunca esquecendo a unidade curricular de arte contemporânea que estava a ser lecionada. Vimos como, para Quintana Cabanas, a educação é um termo polissémico (Cf. 2002:52), e como Antonio Pérez Esclarín nos relembra que devemos educar todas as partes da pessoa. López Quintás diz-nos que a formação humana começa a desenvolver-se no momento em que se constrói a própria realidade, num processo lento de crescimento e de desenvolvimento até atingir o seu ideal. Um ideal que o padre Pedro Arrupe desenvolve, «[q]ue seja uma educação em função do ulterior crescimento pessoal, uma educação aberta, de iniciação a de vectores que continuem a ser operativos no resto da sua vida, numa formação contínua.» (Arrupe, 1981: 200). A nossa ação, teve esta intenção de fundo, que esta mudança de comportamento, que ficou evidente nos resultados apresentados, não seja uma alteração momentânea, mas que os alunos, como agentes ativos na educação, tenham adquirido ferramentas para colocar em prática para o resto da sua vida.

A pedagogia inaciana abordada no segundo capítulo, acabou por ser transversal à nossa ação. A prática pedagógica e a investigação feitas durante estes anos, vieram confirmar a nossa vocação como professora numa escola da Companhia de Jesus, e fortalecer as bases teóricas que fundamentam o nosso modo de proceder. Não deixa de nos espantar como é que uma pedagogia com raízes no século XVI continua com tanta atualidade. Mas este espanto rapidamente se esvai, por percebermos que está assente na experiência de Deus que Santo Inácio passa para o livro dos *Exercícios Espirituais* e se continua a propor a cada exercitante até ao século XXI. Em linha com o capítulo anterior, esta pedagogia assume um compromisso com o aprimoramento pessoal e profissional de todos os intervenientes na ação educativa: pais, professores/educadores, alunos/educandos, jesuítas e pessoal auxiliar de ação educativa/educadores. Todos são convidados a ter um papel ativo, inspirado e inspirador neste serviço que é das mais nobres missões: educar. Tendo isto em consideração, duas das atividades propostas para trabalhar o problema pedagógico da turma foram abertas à comunidade, e uma delas em parceria com outros setores da escola. De crucial importância para a nossa prática foram os conceitos de *virtus et litterae*, a formação integral do aluno;

cura personalis, esta atenção próxima dada a cada aluno, e a procura do *magis*, a excelência nas várias áreas da vida, que, mais uma vez, entram em consonância com os autores do primeiro capítulo.

O paradigma pedagógico inaciano, com os seus cinco recursos dinâmicos – contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação –, tornou-se uma cartilha que seguimos escrupulosamente. Em cada uma destas etapas sentimos que o aluno se vai sentindo valorizado e, conseqüentemente, mais empenhado em colaborar connosco na resolução do problema da turma. O conhecimento de cada um destes pontos permitiu-nos planejar as três atividades de modo mais adequado ao problema e à turma em questão. Com o mesmo problema, tendo outra turma, eventualmente, as atividades seriam outras, embora pudéssemos usar as mesmas estratégias de diagnóstico e as mesmas finalidades.

Será possível uma educação pela arte? Esta foi a questão de partida e, desde logo, deixámos claro que não pretendíamos fazer um tratado sobre a arte, mas refletir sobre o seu poder formativo. Se, com Tolstoi, afirmamos que a arte humaniza, também nos apoiamos em Parsons para entender que a arte é uma ferramenta útil quando toca a articular a vida interior e exterior. Foi muito comovente confirmar o que sustenta Parsons quando refere que a educação pela arte contribui para o domínio das emoções, uma vez que, através da experiência artística, as crianças têm a oportunidade de vivenciar situações que conduzem à expressão das mesmas. As diversas formas de expressão artística proporcionam ao aluno instrumentos de afirmação da sua própria identidade. Nesta linha segue também Quintana Cabanas, segundo o qual a «educação estética ajuda o indivíduo a formar ideias, sentimentos, capacidades e hábitos estéticos que impregnem as suas atitudes perante a vida e suas relações, tanto com o mundo, como com a arte, sabendo compreender, julgar, contemplar e talvez criar» (1993:265).

Depois do caminho percorrido, e das dificuldades pelas quais fomos passando ao longo deste tempo, constatamos que os alunos deram mostras de uma evolução ao nível comportamental e relacional. Poderão as artes ser uma ferramenta na pedagogia inaciana? Depois do que ficou exposto, parece ficar clara a ligação. E podem as artes ajudar na formação integral do aluno? Também parece não ficarem dúvidas. O nosso problema pedagógico foi grandemente superado, e a nossa hipótese ganhou, quanto a nós, credibilidade fundamentada.

BIBLIOGRAFIA

- ARNHEIM, R. (1997). *Para uma Psicologia da Arte, Arte e Entropia*. Lisboa: Dinalivro.
- ARRUPE, P. (1981). Os nossos colégios, hoje e amanhã: Alocução final aos participantes no Encontro sobre Educação e Ensino Secundário - Roma, 13 de Setembro de 1980. Em P. Arrupe, *Um projecto de educação* (pp. 189-215). Porto, Braga: Livraria A.I., Editorial A.O.
- BEST, D. (1996). *A racionalidade do sentimento - o papel das artes na educação*. Porto: Edições Asa.
- CABANAS, J. M. (1993). *Pedagogia Estética*. Madrid: Dickinson.
- CABANAS, J. M. (2002). *Teoria da Educação. Concepção Antinómica da Educação*. Porto: Edições Asa.
- COLÉGIO DAS CALDINHAS. (2015). *Instituto Nun'Alvres: Projecto Educativo*.
- COUPEAU, J. C. (2007). Arte y Espiritualidad ignaciana: liberados para crear. *Ignaziana, revista di ricerca teologica*, 3, pp. 81-97. Italia.
- CÚRIA PROVINCIAL DA COMPANHIA DE JESUS, (ed.). (1999). *Constituições da Companhia de Jesus anotadas pela Congregação Geral 34 e Normas Complementares aprovadas pela mesma Congregação*. Lisboa, Braga: Cúria Provincial da Companhia de Jesus, Livraria A. I.
- DELORS, J. (1996). *Educação - Um Tesouro a Descobrir*. Porto: Edições Asa.
- DEWEY, J. (1978). *Experiência e Educação* (11 ed.). (A. Teixeira, Trad.) São Paulo: Editora Nacional.
- EISNER, E. (2002). *El arte y la creación de la mente. El papel de las artes visuales en la transformación de la conciencia*. Barcelona: Paidós.
- ESCLARÍN, A. P. (2011). *Educación Integral de Calidad*. Editora San Pablo.
- FISCHER, E. (1987). *A necessidade da arte* (9.^a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- FREITAS, D. d. (2005). Atualidade e pertinência da pedagogia Inaciana. *Brotéria*, 162 Dezembro, pp. 473-491. Lisboa.
- GARDNER, H. (1990). *Art Education and Human Development*. Los Angeles: Getty Center for Education in Arts.
- GRACOS - Grupo de Reflexão e Análise dos Colégios da Companhia de Jesus (ed.). (1987). *Características da Educação da Companhia de Jesus*. Braga: Oficinas Gráficas da Tilgráfica, LDA.
- GRACOS - Grupo de Reflexão e Análise dos Colégios da Companhia de Jesus (ed.). (1994). *Pedagogia Inaciana - Uma Abordagem Prática*. Braga: Tilgráfica, Sociedade Gráfica, Lda.
- KANT, I. (2003). *Sobre a pedagogia*. (J. M. Proença, Trad.) Lisboa: Alexandria Editores.
- KLEIN, L. F. (12 de maio de 2014). *Breve história do sistema pedagógico jesuíta*. Obtido em 16 de maio de 2016 de Pedagogia Ignaciana: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1575>
- KLEIN, L. F. (4 de setembro de 2017). *A Educação Integral segundo a Pedagogia Inaciana*. Obtido em 8 de Dezembro de 2017 de Pedagogia Ignaciana: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3839>
- KOLVENBACH, P.-H. (2006). I gesuiti e l'arte. *Gesuiti in Italia*, n.º1, pp. 50-65.

- LAENG, M. (1978). *Dicionário de Pedagogia*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- LOIOLA, S. I. (2016). *Exercícios Espirituais*. (M. Garcia, Trad.) Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração.
- LOPES, J. M. (2003a). Pedagogia Inaciana I. *157 Outubro*, pp. 223-236. Lisboa: Brotéria.
- LOPES, J. M. (2003b). Pedagogia Inaciana II. *Brotéria, 157. Novembro*, pp. 353-364. Lisboa.
- LOPES, J. M. (2005a). Cura personalis e educação – I. *Brotéria, 161 Julho*, pp. 53-72. Lisboa.
- LOPES, J. M. (2005b). Cura Personalis e educação na Companhia de Jesus – II. *161 Agosto/Setembro*, pp. 159-182. Lisboa: Brotéria.
- LOPES, J. M. (2012). *O projeto educativo da Companhia de Jesus. Dos exercícios espirituais aos nossos dias*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa.
- LOPES, J. M. (2013). Um possível sentido para a vida – Uma proposta educativa I. *Brotéria, 117. Agosto/Setembro*, pp. 153-165. Lisboa.
- MORIN, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (6 ed.). São Paulo: Cortez.
- PARSONS, M. J. (1992). *Compreender a Arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- PLAZAOLA, J. S. (2005). Ignacio de Loyola y el arte de los jesuitas. *Revista Libro: Artes de México, Arte y Espiritualidad Jesuitas II (Contemplación para alcanzar amor)*, 76 septiembre, pp. 8-17.
- QUINTÁS, A. L. (1991). *Para Compreender La Experiência Estética Y Su Poder Formativo*. Pamplona: Editorial Verbo Divino.
- QUINTÁS, A. L. (1993). *La formación por el arte y la literatura*. Madrid: Edições Rialp.
- QUINTÁS, A. L. (1995). *La formación por el arte*. *Revista Veritas*, (pp. 193-212). Porto Alegre.
- QUINTÁS, A. L. (1999). *Inteligencia creativa* (4.^a ed.). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- QUINTÁS, A. L. (2010). *La experiência estética y su poder formativo* (2.^a ed.). Bilbao: Universidad de Deusto.
- READ, H. (2010). *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- SAVATER, F. (2006). *O valor de educar*. (M. Pereira, Trad.) Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- TOLSTOI, L. (2002). *O que é arte?* São Paulo: Ediouro.
- WRIGHT, J. (2005). *Os jesuítas: missões, mitos e histórias*. (M. Marques, Trad.) Lisboa: Quetzal editores.

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Questionário inicial.....	79
Anexo 2 – Resultados do questionário inicial	84
Anexo 3 – Cartaz do tema do ano – <i>Olha de novo</i>	90
Anexo 4 – Apresentação da sensibilização do tema do ano	92
Anexo 5 – Caracterização da turma – visão que cada aluno tem de si.....	99
Anexo 6 – Caracterização da turma – visão que os colegas têm entre si	102
Anexo 7 – Súmula da avaliação do projeto <i>Traços de Ti!</i>	105
Anexo 8 – Questionário final.....	110
Anexo 9 – Resultados do questionário final.....	115

Anexo 1 – Questionário inicial



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



QUESTIONÁRIO INICIAL

O principal objetivo é identificar qual a relação da tua turma em contexto sala de aula.

1. Como classificas a tua turma:

a) Colaborativa ☐

b) Competitiva ☐

2. A tua turma é:

a) Unida ☐

b) Cada um por si ☐

3. O ambiente geral da turma é:

a) Barrulhento ☐

b) De respeito ☐

c) De desrespeito ☐

d) Calmo e tranquilo ☐

4. Existem conflitos na turma?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

4.1. Se sim, qual a razão mais frequente?



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



5. Sentes-te valorizado(a) na turma?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

6. És responsável?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

7. Esperas pela tua vez para falares?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

8. Ofereces-te para ajudar nas dificuldades?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

9. Pedes ajuda?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



10. Ouves com atenção os que os teus colegas dizem?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

11. Gostas de fazer trabalho de grupo?

a) Sim ☐

b) Não ☐

11.1. Se respondeste gosto, quais as razões?

11.2. Se respondeste não gosto, qual a razão?

12. Já participaste em atividades artísticas?

a) Sim ☐

b) Não ☐

13. Achas que a arte pode ajudar na aproximação das pessoas?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



14. Achas possível a arte educar?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐
- c) Talvez ☐

15. Achas que a arte pode transformar o ser humano?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐
- c) Talvez ☐

16. Pode a arte melhorar a vossa relação?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐
- c) Talvez ☐

17. Consideras a festa das famílias uma boa oportunidade para trazer os pais à escola?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

18. Costumas participar na festa das famílias?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

19. Os teus pais costumam a participar na festa das famílias?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

Obrigada!

Anexo 2 – Resultados do questionário inicial



INSTITUTO
NUN'ALVRES

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO INICIAL

1. Como classificas a tua turma:

Competitiva	Colaborativa
17	4

2. A tua turma é:

Unida	Cada um por si
6	15

3. O ambiente geral da turma é:

Barulhento	De respeito	De desrespeito	Calmo e tranquilo
18	0	3	0

4. Existem conflitos na turma?

Sim	Não	Às vezes
14	7	0

4.1. Se sim, qual a razão mais frequente?

Aluno 1 “Gozo; interesses diferentes: mentiras.”

Aluno 2 “Infantilidade da turma; bocas.”

Aluno 3 “Os conflitos mais frequentes são quando estamos em grupo, a maior parte não quer fazer nada e depois há problemas.”

Aluno 4 “Os rapazes, são muito infantis e barulhentos, estão sempre a gozar-nos.”

Aluno 5 “Os mais frequentes são quando apresentamos trabalhos, esta turma só pensa nos resultados, todos querem ser os melhores. Principalmente as raparigas, são muito invejosas.”

Aluno 6: “Não sabem partilhar as ideias, acham que depois vamos copiar.”



Aluno 7: “Muitas vezes, os males entendidos, um diz uma coisa, depois outro diz outra, e o “diz que diz” dá logo confusão na turma.”

Aluno 8: “Quando existe a irresponsabilidade de alguém que falhou às responsabilidades e falha com os outros.”

Aluno 9: “Há sempre problemas quando nos juntamos. Há sempre colegas que querem sempre ser os melhores, não ouvem os outros e querem impor a sua ideia.”

Aluno 10: “Quando alguém se gaba que é o ou a melhor nos testes.”

Aluno 11: “Sempre que alguém quer sobressair.”

Aluno 12: “É mais frequente nas aulas práticas, quando temos tarefas individuais, exercícios, ler, etc, fica tudo tranquilo.”

Aluno 13: “Risos; olhares; gestos.”

Aluno 14: “Comentários baixinhos; olhares; gozo.”

4.2. Não analisável

5. Sentes-te valorizado(a) na turma?

Sim	Não	Às vezes
0	11	10

6. És responsável?

Sim	Não	Às vezes
6	4	11

7. Esperas pela tua vez para falares?

Sim	Não	Às vezes
6	12	3



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



8. Ofereces-te para ajudar nas dificuldades?

Sim	Não	Às vezes
6	4	11

9. Pedes ajuda?

Sim	Não	Às vezes
3	10	8

10. Ouves com atenção os que os teus colegas dizem?

Sim	Não	Às vezes
1	13	7

11. Gostas de fazer trabalho de grupo?

Sim	Não
4	17

11.1. Se respondeste gosto, quais as razões?

Aluno 1 “Gosto de partilhar ideias; gosto de descobrir coisas novas em grupo.”

Aluno 2 “Gosto de investigar; aprendemos mais.”

Aluno 3 “São mais pessoas, ajudar.”

Aluno 4 “Gosto, se o grupo for responsável e dividir bem as tarefas de cada um.”

11.2. Se respondeste não gosto, qual a razão?

Aluno 5 “Não se aprende, só há confusão nos trabalhos de grupo.”

Aluno 6: “Não sabem partilhar as ideias, acham que depois vamos copiar.”

Aluno 7: “Porque não gosto de depender dos outros.”

Aluno 8: “Falta de responsabilidade, dificuldade em dividir e cumprir tarefas.
Falta de colaboração dentro dos grupos. E acima de tudo, nos trabalhos



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



de grupo as notas são injustas!”

Aluno 9: “Porque as notas são injustas, há sempre quem trabalhe mais. E às vezes as notas são iguais, dentro dos grupos, há sempre que faça mais.”

Aluno 10: “Tiro melhores notas nos testes do que nos trabalhos de grupo.”

Aluno 11: “Porque é difícil trabalharmos juntos, para isso era preciso que todos cumprissem “

Aluno 12: “As aulas de trabalho de grupo, são barulhentas e confusas.”

Aluno 13: “As notas de grupo são injustas.”

Aluno 14: “Não gosto, porque ainda não tive uma experiência boa em trabalhos de grupo.”

Aluno 15: “Não gosto, porque não há interajuda.”

Aluno 16: “Porque sou melhor a estudar sozinha e tiro melhores notas nos testes.”

Aluno 17: “Porque as notas não são justas.”

Aluno 18: “Há muita brincadeira!”

Aluno 19: “Estamos mais descontraindo e não conseguimos cumprir com algumas tarefas.”

Aluno 20: “Não consigo trabalhar em grupo, gosto de investigar sozinha.”

Aluno 21: “Não gosto, porque as notas não são justas.”

12. Já participaste em atividades artísticas?

Sim	Não
2	19

13. Achas que a arte pode ajudar na aproximação das pessoas?

Sim	Não	Talvez
0	18	3

14. Achas possível a arte educar?

Sim	Não	Talvez
0	21	0



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



15. Achas que a arte pode transformar o ser humano?

Sim	Não	Talvez
0	21	0

16. Pode a arte melhorar a vossa relação?

Sim	Não	Talvez
0	14	7

17. Consideras a festa das famílias uma boa oportunidade para trazer os pais à escola?

Sim	Não
21	0

18. Costumas a participar na festa das famílias?

Sim	Não
8	13

19. Os teus pais costumam a participar na festa das famílias?

Sim	Não
3	18

Anexo 3 – Cartaz do tema do ano – *Olha de novo*

olha de novo

um **fogo jfm** que acende fogos

linhas de força 2014-15

jfm jesuitas

Anexo 4 – Apresentação da sensibilização do tema do ano



Unidade Temática_ ARTE E COMUNICAÇÃO

Professora Estagiária: Carla Monteiro
Professora Orientadora Cooperante: Maria Francisca Dias
Professora Supervisora: Sofia Thenaisie

AULA 25 | 26

02 | 02 | 2015

SENSIBILIZAÇÃO PARA AS ATIVIDADES

	1	2	3	4	5	6
CHAVE DOS E.E.	Chamamento do Rei Eterno	Princípio e Fundamento	Contemplação da Encarnação	Meditação das duas Bandeiras	Sentir com a Igreja, Em Companhia	Contemplação para alcançar Amor
CHAVE INACIANA	Magis	Em tudo amar e servir	Um fogo que acende outros fogos	Buscar e encontrar Deus em todas as coisas	Amigos no Senhor	O Amor deve colocar-se mais nas obras do que nas palavras
TEMA	CONTIGO MAIS	ENCHE-TE DE VIDA	OLHA DE NOVO			

“OLHA DE NOVO”_TEMA DO ANO

1. Inácio imagina como Deus olha o mundo.
2. Temos que aprender a olhar como Deus olha.
3. Olhar que o leva a implicar-se.

“OLHA DE NOVO”_CARTAZ



“OLHA DE NOVO” _

- Somos convidados a sair dos pequenos círculos nos quais todos nos fechamos. Para os alunos podem ser os seus amigos, ‘a sua gente’ (os iguais ou parecidos em gostos, qualidades, nível social...)
- Para os membros da comunidade educativa pode ser a sua sala, o seu colégio, ou uma parte dele: só o académico, ou o pastoral, ou o extraescolar.
- Todos somos convidados a abrir-nos, como Deus faz, a ‘sair’ ao encontro da diversidade do mundo, a deixar-se afetar por Ele.

“OLHA DE NOVO” _

- O nosso olhar para o mundo não pode ser uma mera análise da realidade.
- Se Deus entrou nessa realidade, se Deus está a trabalhar no meio da obra, Ele é chave em tudo o que vemos... Trata-se de vê-lo aí onde claramente se descobre a sua presença e também no que parece perdido, nas ‘fronteiras’ (onde não sabemos muito bem o que podemos fazer). Confiando nele, deixando que se revele no meio de tudo o resto.

“OLHA DE NOVO” _

- O código de pontos negros que aparece na parte central do cartaz é um ‘link’ para uma página web (não estará operativa até setembro).
- É como uma porta para outros conteúdos.
- Podes aceder à dita página scaneando o código com um telemóvel (smartphone ou iphone).
- Também podes aceder diretamente teclando na direção da página na Internet, e assim poder mostrar o seu conteúdo aos alunos:

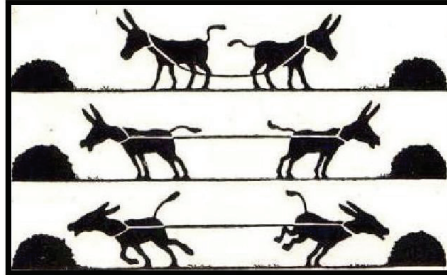


<https://sites.google.com/site/lineasdefuerzabidi/home>

“OLHA DE NOVO” _



2ª AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO



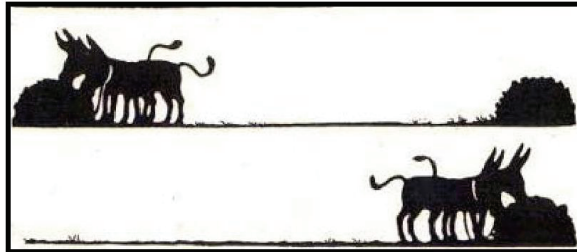
OPÇÃO A

2ª AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO



OPÇÃO B

2ª AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO



OPÇÃO C

2ª AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO

Após a escolha da tua opção reflete:

1. Como posso ser individual sem ser individualista?
2. Como posso ser grupo sem “grupismo”?

Anexo 5 – Caracterização da turma – visão que cada aluno tem de si

	ASPETOS POSITIVOS	ASPETOS MENOS POSITIVOS
Aluno 1	Amiga, divertida,persistente, Espontanea, segura.	Teimosa, má ouvinte, supersticiosa, ciumenta.
Aluno 2	Amiga, sensível, simpática,sociável.	Impulsiva, insegura, ciumenta, indecisa, confusa.
Aluno 3	Engraçado, criativo, calmo, feliz, amigo.	Chato, tímido, invejoso, teimoso, ignorante
Aluno 4	Amiga, paciente, persistente, boa ouvinte, sensível.	Teimosa, ciumenta, possessiva, gosto que as coisas sejam feitas à minha maneira.
Aluno 5	Inteligente, companheiro, honesto, bom humor.	Chato e teimoso.
Aluno 6	Honesta, simpática, imaginativa.	Irritada, não sou sociável, impulsiva
Aluno 7	Bom humor, capacidade de perdoar, observador.	Convencido, falo muito, inconveniente e teimoso.
Aluno 8	Simpática, atenta, responsável e boa aluna.	Teimoso, impaciente, falo alto e sou intolerante, não suporto que me contradigam.
Aluno 9	Responsável, amigo, gosto do meu sorriso. Gosto de mim.	Emotivo.
Aluno 10	Sou a mais gira.	Convencida e anti social.
Aluno 11	Positivo, calmo, alegre, altruísta e criativo.	Tímido, ingenuo, inseguro, influenciável, pouco sincero.
Aluno 12	Brincalhão, amigo.	Invejoso, comilão, pouco estudioso, desorganizado
Aluno 13	Brincalhão, divertido.	Irresponsável, imaturo.
Aluno 14	Linda, maravilhosa, divertida, maluca.	Impulsiva e possessiva.
Aluno 15	Amiga, paciente, persistente,	Ingénua.

	sensível.	
Aluno 16	Criativa, alegre e amiga.	Não perdoo quem me faz mal.
Aluno 17	Não sei.	Triste, sozinha e teimosa.
Aluno 18	Gosto de tudo em mim.	Não tenho.
Aluno 19	Muito alegre.	Sou chata.
Aluno 20	Sou leal.	Dificuldade em perdoar.
Aluno 21	Paciente e divertida.	Sensível, emotiva.

Anexo 6 – Caracterização da turma – visão que os colegas têm entre si

	ASPETOS POSITIVOS	ASPETOS MENOS POSITIVOS
Aluno 1 visto pelo aluno 2	Humilde; alegre; bom desportista.	Pouco sincero; desleixado; tímido.
Aluno 2 visto pelo aluno 1	Alegre; desenha bem; simpático;	Infantil; vaidoso; egoísta.
Aluno 3 visto pelo aluno 4	Determinado; simpático; feliz; amigo.	Chato; infantil; insensível; irresponsável.
Aluno 4 visto pelo aluno 3	Amiga; boa estudante; sociável.	Exagerada.
Aluno 5 visto pelo aluno 6	Pronta ajudar; amiga; simpática; compreensiva; dedicada.	Não mostra os seus sentimentos; teimosa; ciumenta.
Aluno 6 visto pelo aluno 5	Confiante; bom jogador de futebol; fiel; sincero; amigo.	Distraído; intrometido.
Aluno 7 visto pelo aluno 8	Divertido; <i>gamer</i> ; confiante; inteligente.	Tímido.
Aluno 8 visto pelo aluno 7	Engraçada; sincera; alegre.	Chata; fanática; refilona.
Aluno 9 visto pelo aluno 10	Divertido; bom coração; simpático; alegre.	Imaturo; irritante; refilão; chato.
Aluno 10 visto pelo aluno 9	Engraçada; honesta; imaginativa.	Teimosa; ciumenta; fanática.
Aluno 11 visto pelo aluno 12	Toca bem; amigo; brincalhão.	Porta-se mal; estuda pouco.
Aluno 12 visto pelo aluno 11	Simples; inteligente; sensível.	Machista; desorganizado; obsessivo; arrogante.
Aluno 13 visto pelo aluno 14	Comunicativa; extrovertida; boa companheira.	Grosseira; ciumenta; invejosa; teimosa; fanática; irresponsável.
Aluno 14 visto pelo aluno 13	Prestável; inteligente.	Chato; teimoso; dramático.
Aluno 15 visto pelo aluno 16	Bom desportista.	Machista; respondão; irresponsável.

Aluno 16 visto pelo aluno 15	Divertida; inteligente; risonha; amiga.	Teimosa; envergonhada; medrosa; supersticiosa.
Aluno 17 visto pelo aluno 18	Simpático; engraçado; divertido.	Irritante; teimoso; assustador.
Aluno 18 visto pelo aluno 17	Alegre.	Teimosa; medrosa; respondona; egoísta.
Aluno 19 visto pelo aluno 20	Divertida.	Teimosa.
Aluno 19 visto pelo aluno 21	Simpática; amiga.	-----
Aluno 20 visto pelo aluno 19	Divertido; brincalhão; alegre.	Muito falador; teimoso; desleixado.
Aluno 20 visto pelo aluno 21	As piadas, divertido.	Teimoso; irresponsável.
Aluno 21 visto pelo aluno 19	Amigo.	Nervoso.
Aluno 21 visto pelo aluno 20	Divertido; brincalhão; alegre.	Teimoso; abandalhado.

Anexo 7 – Súmula da avaliação do projeto *Traços de Ti!*

Respostas dos alunos às seguintes questões:

Sendo “o outro”, a inspiração para a criação de uma obra coletiva, qual foi a principal dificuldade? O que mais te surpreendeu? A obra final era o que tinhas idealizado?

Aluno 1: “Sem dúvida que este foi um projeto diferente e muito difícil, mas espetacular... desde a primeira aula que tivemos de perceber que a arte comunica uma ou várias realidades, muda com o tempo, espaço e cultura. Aprendemos a ver a arte não como uma coisa, mas sim como realidades que a obra nos oferece. As maiores dificuldades foram todo o processo de conhecer o colega da turma que noutra situação nunca trabalharíamos com ele. Também no início foi difícil controlarmo-nos e dar oportunidade ao outro de intervir sem que houvesse confusão. Também foi difícil dar forma ao que víamos do colega. Acho que todos crescemos com este projeto, pois tivemos de trabalhar com um par que não conhecíamos bem e isso fez que tivéssemos de o conhecer, senão, não havia obra! E foi engraçado pois consegui mudar a minha opinião, achava-o irritante e chato e percebi ao trabalhar com ele que era só para se evidenciar e afinal comigo neste trabalho era uma pessoa normal... Trabalhar o gesso também foi interessante, foi a primeira vez que fiz algo tão cheio de sentido e com a turma toda, tínhamos idealizado uma escultura a dois, mas foram surgindo ideias que nos fizeram ir mais longe, conseguimos uma obra que uniu todas as esculturas numa só, foi uma experiência incrível. Quando parecia que ia ficar um objeto solto de 2 pessoas, conseguimos ir mais longe pensando sempre no objetivo olhar de novo e acho que conseguimos olhar para a turma de outra maneira. A minha turma era muito competitiva. Numa das aulas depois de ter as peças feitas fizemos uma paragem para pensar: como podemos expor estas criações de pares como se fosse de todos? Através de uma chuva de ideias chegamos à solução de um quadro gigante com duas árvores uma pintada e outra ao natural, colocamos lá as nossas esculturas que representa cada um de nós, a árvore é vida e devemos voltar ao natural, não precisamos de pintura para disfarçar quem somos. Bem e estar exposto na festa das famílias foi um orgulho, pois para além de todos verem, fomos entrevistados e os nossos familiares e dos outros também nos deram os parabéns, fiquei mesmo orgulhosa, nunca pensei algum dia poder fazer aquilo, foi um caminho difícil, mas ao mesmo tempo foi maravilhoso.”

Aluno 2: “Até gostei, afinal o meu colega não era assim tão chato e arrogante, aquilo era só para disfarçar que era o maior. Se não fosse o projeto, talvez nunca me iria aproximar dele. Ser artista é preciso ser inteligente, pois nós tivemos de estudar e pensar. O resultado final representa uma grande mudança da turma em relação à disciplina como na nossa relação. Estávamos sempre juntos, tudo dependia uns dos outros, todos ganhamos. Os nossos pais ficaram orgulhosos e os professores também.”

Aluno 3: “Adorei esta forma de resolver um problema. Afinal quando entendemos e não decoramos aprendemos. Acho que conseguimos perceber que a arte é algo muito sério e exige muito de nós.”

Aluno 4: “Foi uma experiência que deu muito trabalho, mas também muitas alegrias, por exemplo os elogios que tivemos. Foi muito bom ver que reconhecem o nosso trabalho.”

Aluno 5: “Conseguimos todos acabar as peças e estivemos mais em sintonia uns com os outros. Este projeto também nos uniu fora das aulas, pois tínhamos que lidar com quem não conhecíamos tão bem e ainda por cima fiquei muito amiga da minha parceira. Antes de me aproximar a presença dela era indiferente, descobri que temos muitas coisas em comum, moda e música. Foi fantástico.”

Aluno 6: “Brutal, gostei mais dos elogios, porque fazer deu cá uma trabalhadeira.”

Aluno 7: “Adorei todo o processo, evoluímos aula a aula. Até a turma ficava curiosa para saber o que ia acontecer. Nunca pensei que em EV pudéssemos estudar a arte no tempo, pensei que era só em história. O projeto foi muito útil para mim, comecei a fazer resumos de história por esquemas visuais, mapas mentais..., agora valorizo mais esta disciplina, pois podemos descobrir habilidades que desconhecíamos ter e eu descobri o gosto por investigar as obras e épocas. Quanto ao nosso projeto teve momentos difíceis de superar, mas isso foi o que mais nos fez crescer.”

Aluno 8: “Brutal, gostei mais dos elogios, porque fazer deu cá uma trabalhadeira.”

Aluno 9: “O final não era o que tínhamos idealizado, mas fez mais sentido, pois a primeira solução era mesmo difícil fazer o nosso corpo inteiro, mas se houvesse tempo ia ficar BRUTAL, pode ser que um dia isso aconteça.”

Aluno 10: “Ui, nunca trabalhei tanto em EV, em vez de descontraír tenho que pensar, parece matemática, não consigo resolver este assunto (risos)!, nem sei como conseguimos todos fazer isto!”

Aluno 11: “Nunca me vou esquecer de tudo o que fizemos, pois tudo foi muito intenso.”
Aluno 12: “Vou recordar sempre estes projetos, marcaram a minha vida.”
Aluno 13: “Cresci muito com este projeto, pois fiquei com uma pessoa que eu já conhecia, mas que não eramos próximas, no início foi muito difícil, pois não gostava mesmo dela, mas depois focamo-nos no projeto e até nos entendemos bem. Nem sei como!”
Aluno 14: “Fiquei a pensar que se tem de pensar muito e que ser artista não é fácil, poder expor os trabalhos na festa das famílias foi mesmo bom. Toda a gente vinha falar connosco. Adorei as aulas, parabéns professora, pois conseguiu pôr-me a trabalhar com quem eu nunca escolheria.”
Aluno 15: “Cresci muito com este projeto, aprendi que juntos somos melhores e se tivermos em sintonia tudo corre muito melhor, assim como para que isso seja possível, temos de nos conhecer e conhecer os outros e a oportunidade de espelhar esses conhecimentos numa obra foi uma experiência incrível em todas as aulas descobríamos coisas novas de nós e dos outros. Foi um ano incrível!”
Aluno 16: “Nunca pensei dizer isto, mas se calhar vou escolher artes, ou ligado às artes. Gostaria de continuar, se calhar vou para a Oficina, ou para audiovisuais ou multimédia, deve ser muito fixe, ah e assim podia continuar aqui no colégio. Foi mesmo importante para mim e acho que para a turma foi maravilhoso, pois nós eramos os “maiores” nas notas claro!, mas realmente fez-nos ver que eramos muito competitivos e nem reparávamos que não nos conhecíamos de verdade, embora o colégio nos ofereça esse acompanhamento, acho que andávamos distraídos e que nem sabíamos que tínhamos tantas habilidades. Obrigada, obrigada e mil obrigadas, seja feliz!
Aluno 17(NEE): “Foi bom, gostei muito, não consegui fazer tudo, mas os meus colegas ajudaram muito. Obrigada professora, beijinho.”
Aluno 18: “O que mais aprendi foi que se tivermos relações verdadeiras de compromisso, de respeito temos oportunidade de ver as realidades de uma forma construtiva e criativa e melhoramos a nossa maneira de ser mais negativa. A mim surpreendeu-me a mudança de ideia que tinha de raparigas da minha idade sempre agarradas às redes sociais, a fotografar todos os melhores momentos da minha vida, pensa eu! Consigo hoje perceber que tudo não passa de uma ilusão de sermos

acarinhadados e reconhecidos através de muita gente, mas o que mais importa é o que somos e o que podemos ser para os outros. O projeto fez com que eu repensasse o que sou na realidade e no que me quero transformar. Surpreendeu-me o fato de eu dar comigo a pensar no dia-a-dia como estava a agir numa determinada situação e como a poderia solucionar. Este projeto ajudou-me muito a ver muitas possibilidades para resolver um problema. No final acho que conseguimos espelhar na obra a nossa nova realidade de mudança.”

Aluno 19: “Aprendi a respeitar os meus colegas. A ver o mundo das relações de uma forma mais positiva e construtiva e acho que isso se vê na obra final. Todos trabalhamos em grupo e para um objetivo comum. Todos temos o nosso papel a desempenhar na vida em geral e na vida de cada um. E a arte ajuda-nos a perceber esses mundos, os das coisas e das pessoas.”

Aluno 20: “Aprendi que a arte nos ajuda a entender melhor o mundo e o mundo das pessoas de uma forma diferente, de forma subjetiva. Ao encontrarmos na realidade novas realidades temos mais possibilidades de expressar o que entendemos dela. Com isto aprendi a entender a realidade do meu colega é uma realidade que pode ser comum ou parecida até com a minha, mas só estabelecendo uma relação com ele e entendendo a sua realidade é que posso entender algumas reações, atitudes e assim ultrapassar alguns conflitos de relação. Este projeto foi importante porque nos uniu enquanto turma e fez-nos ver que até somos mais parecidos uns com os outros do que realmente pensávamos.”

Aluno 21: “Ajudou-me a ser mais confiante, mais autónoma, a desenvolver a minha capacidade de relação com os outros, a criar empatia e respeito aos outros. Aprendi a dar solução a problemas da minha vida através da arte e principalmente descobri que usar tudo que aprendi ao longo do meu caminho nesta disciplina agora posso fazer escolhas e aplicar à criatividade. Gostei de pensar em conseguir fazer algo que nunca tinha feito e este projeto foi um deles.”

Anexo 8 – Questionário final



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



QUESTIONÁRIO FINAL

O principal objetivo é identificar as mudanças na relação da tua turma em contexto sala de

1. Como classificas a tua turma:

a) Colaborativa ☐

b) Competitiva ☐

2. A tua turma é:

a) Unida ☐

b) Cada um por si ☐

3. O ambiente geral da turma é:

a) Barrulhento ☐

b) De respeito ☐

c) De desrespeito ☐

d) Calmo e tranquilo ☐

4. Existem conflitos na turma?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

4.1. Se sim, qual a razão mais frequente?



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



5. Sentes-te valorizado(a) na turma?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

6. És responsável?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

7. Esperas pela tua vez para falares?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

8. Ofereces-te para ajudar nas dificuldades?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

9. Pedes ajuda?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



10. Ouves com atenção os que os teus colegas dizem?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Às vezes ☐

11. Gostas de fazer trabalho de grupo?

a) Sim ☐

b) Não ☐

11.1. Se respondeste gosto, quais as razões?

11.2. Se respondeste não gosto, qual a razão?

12. Já participaste em atividades artísticas?

a) Sim ☐

b) Não ☐

13. Achas que a arte pode ajudar na aproximação das pessoas?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



14. Achas possível a arte educar?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐
- c) Talvez ☐

15. Achas que a arte pode transformar o ser humano?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐
- c) Talvez ☐

16. Pode a arte melhorar a vossa relação?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐
- c) Talvez ☐

17. Consideras a festa das famílias uma boa oportunidade para trazer os pais à escola?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

18. Participaste na festa das famílias?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

19. Os teus pais participaram na Festa das Famílias?

- a) Sim ☐
- b) Não ☐

Obrigada!

Anexo 9 – Resultados do questionário final



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO FINAL

1. Como classificas a tua turma:

Competitiva	Colaborativa
0	12

2. A tua turma é:

Unida	Cada um por si
21	0

3. O ambiente geral da turma é:

Barulhento	De respeito	De desrespeito	Calm e tranquilo
0	15	0	6

4. Existem conflitos na turma?

Sim	Não	Às vezes
0	21	0

4.1. Se sim, qual a razão mais frequente?

Não analisável

5. Sentes-te valorizado(a) na turma?

Sim	Não	Às vezes
15	0	6

6. És responsável?

Sim	Não	Às vezes
18	0	3



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



7. Esperas pela tua vez para falares?

Sim	Não	Às vezes
21	0	0

8. Ofereces-te para ajudar nas dificuldades?

Sim	Não	Às vezes
15	0	6

9. Pedes ajuda?

Sim	Não	Às vezes
19	0	2

10. Ouves com atenção os que os teus colegas dizem?

Sim	Não	Às vezes
20	0	1

11. Gostas de fazer trabalho de grupo?

Sim	Não
21	0

11.1. Se respondeste gosto, quais as razões?

Aluno 1 “Sim, pois mudamos a forma de estar em grupo. Estamos mais calmos. Cada um expõe as suas ideias, gerimos melhor o tempo e as tarefas de cada um. Ao colaborarmos, todos saímos a ganhar.”

Aluno 2 “Gosto, pois a turma aprendeu a trabalhar uns com os outros. Aceitando as diferenças de cada um. Identificar as nossas reações e a dos outros, em certas situações evita muitos desentendimentos. E isso, reflete-se no ambiente da turma e no resultado do trabalho de grupo, nem sei bem explicar o que sinto... foram tantas experiências e passou tudo tão



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**



INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999

rápido, mas adorei!”

Aluno 3 “Gosto, porque a turma, está mais atenta, mais serena e mais unida nas relações. Até melhoramos os resultados em trabalho de grupo, pois estamos mais conscientes que na vida não somos nada sozinhos, precisamos de ajudar e ser ajudados. E realmente, juntos vamos mais longe. E sozinhos vamos mais rápido, mas mais empobrecidos.”

Aluno 4 “Sim, pois aprendemos a importância e o valor que cada um tem num trabalho coletivo. Mudamos aquele pensamento de que sozinho sou melhor. Ao partilharmos ideias entre todos, substituímos a responsabilidade do trabalho individual pela responsabilidade mútua partilhada, não vou esquecer estas atividades. Tiveram muito valor. Até tenho um pouco de vergonha quando penso como eramos... crescemos muito.”

Aluno 5 “Gostei, melhoramos a nossa relação, também ficamos mais atentos a outras pessoas da nossa vida. Nunca vou esquecer estas experiências. Sentir que ninguém falhou, que cada um teve um lugar, foi maravilhoso.”

Aluno 6: “Gostei, porque a turma colaborou, assumiu e cumpriu com as suas responsabilidades individuais dentro do seu grupo, para a realização de um projeto comum a todos.”

Aluno 7: “Gostei, pois ninguém podia falhar. Todos dependíamos de todos, assim todos tiveram de participar.”

Aluno 8: “Gostei, porque ninguém falhou com o que lhe competia. Acho que toda a turma percebeu a importância que cada um pode ter dentro de um grupo. E acima de tudo é nas nossas relações que existe os problemas ou as soluções. E nós escolhemos a partir dos nossos problemas ser a solução.”

Aluno 9: “Sim, pois estivemos focados em processos criativos e de relação com os outros e nem nos lembramos das notas.”

Aluno 10: “Gostei, a turma mudou o comportamento e o interesse pelo trabalho de



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



grupo. Aprendemos a trabalhar com as características de cada um e estamos também mais atentos aqueles que têm dificuldades em pedir ajuda.”

Aluno 11: “Gostei, porque trabalhamos numa verdadeira equipa. Tínhamos um objetivo claro, todos chegamos ao fim com o contributo de cada um. Ninguém fez o trabalho por ninguém.”

Aluno 12: “Sim, gostei a turma trabalhou toda e isso foi bom. A turma colaborou e mudou de opinião. Se soubermos dividir as tarefas, gerir o tempo e comprometermo-nos uns com os outros, o trabalho de grupo é mais prazeroso, justo e até divertido.”

Aluno 13: “Gostei. Trabalhamos todos e a turma melhorou muito na participação. Acho que todos aprendemos a gostar mais de trabalhar uns com os outros. Até a nossa relação mudou, para melhor, claro!”

Aluno 14: “Gostei muito, pois nem houve gozo, nem confusão. E ainda houve resultados reais de cada um. Desta vez, trabalhar em grupo, foi mesmo a sério. Tínhamos que fazer todos na aula, partilhar ideias, tomar decisões e fazer as peças.”

Aluno 15: “Sim, gostei. E acho que todos gostamos, resultou num trabalho coletivo, com o esforço de todos os meus colegas de turma.”

Aluno 16: “Gostei, todos cumprimos com as tarefas e ainda mudamos a ideia de competição. Podemos ir mais longe até mesmo nas notas, se tivermos este espírito de interajuda e colaboração.”

Aluno 17: “Gostei, muito. Todos chegamos ao fim com a nossa parte do trabalho, não faltou ninguém na peça final.”

Aluno 18: “Gostei, as tarefas estavam bem definidas e o tempo programado. Todos tinham o que fazer e sabiam o que tinham de fazer, até começamos a pedir trabalhos de grupo noutras disciplinas.”

Aluno 19: “Gostei, foi diferente, nem nos lembramos das notas.”

Aluno 20: “Gostei, melhoramos a nossa relação e todos trabalharam. Aprendemos a respeitar as ideias dos outros.”



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



Aluno 21: “Sim, gostei bastante. Foi diferente. Não houve gozo. Estivemos muito empenhados e tranquilos, o que por acaso foi estranho! Cumprir com as tarefas e o tempo previsto foi um desafio para mim.”

11.2. Se respondeste não gosto, qual a razão?

Não analisável

12. Já participaste em atividades artísticas?

Sim	Não
21	0

13. Achas que a arte pode ajudar na aproximação das pessoas?

Sim	Não	Talvez
21	0	0

14. Achas possível a arte educar?

Sim	Não	Talvez
21	0	0

15. Achas que a arte pode transformar o ser humano?

Sim	Não	Talvez
21	0	0

16. Pode a arte melhorar a vossa relação?

Sim	Não	Talvez
21	0	0



**INSTITUTO
NUN'ALVRES**

INSTITUTO EDUCATIVO PADRE AFONSO LUISIER S.J.

Apartado 1
Caldas da Saúde
4784-907 AREIAS STS

info@institutonunalvres.pt
www.institutonunalvres.pt

● 252830900
● 252830999



17. Consideras a festa das famílias uma boa oportunidade para trazer os pais à escola?

Sim	Não
21	0

18. Costumas a participar na festa das famílias?

Sim	Não
21	0

19. Os teus pais costumam a participar na festa das famílias?

Sim	Não
18	3